

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

EDSON SOUSA SOARES

RETRATOS DA DEGRADAÇÃO HUMANA E DA RESISTÊNCIA EM
***SE NÃO AGORA, QUANDO?*, DE PRIMO LEVI**

Uberlândia
2023

EDSON SOUSA SOARES

**RETRATOS DA DEGRADAÇÃO HUMANA E DA RESISTÊNCIA EM
SE NÃO AGORA, QUANDO?, DE PRIMO LEVI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Curso de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: 2 – Literatura, Representação e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kênia Maria de Almeida Pereira.

Uberlândia
2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S676 2023	<p>Soares, Edson Sousa, 1974- RETRATOS DA DEGRADAÇÃO HUMANA E DA RESISTÊNCIA EM SE NÃO AGORA, QUANDO?, DE PRIMO LEVI [recurso eletrônico] / Edson Sousa Soares. - 2023.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kenia Maria Almeida Pereira</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Literários. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.43 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Literatura. I. , Prof.^a Dr.^a Kenia Maria Almeida Pereira, 1962-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Literários. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 82</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e
atendppgelit@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários				
Data:	25 de janeiro de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12112TLT006				
Nome do Discente:	Edson Sousa Soares				
Título do Trabalho:	Retratos da degradação humana e da resistência em <i>Se não agora, quando?</i> , de Primo Levi				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	2: Literatura, Representação e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	As temáticas do Holocausto e do antissemitismo na literatura brasileira				

Às catorze horas do dia vinte e cinco de Janeiro do ano de 2023, reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as): Kenia Maria de Almeida Pereira / ILEEL-UFU, Orientadora (Presidente); Profa. Dra. Claudia Fernanda de Campos Mauro / UNESP - Araraquara (Membro externo), Prof.^a Dr.^a Fernanda Aquino Sylvestre / ILEEL-UFU.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Prof.^a Dr.^a Kenia Maria de Almeida Pereira, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente Edson Sousa Soares a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessiva, às examinadoras, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após o cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e aprovada foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Kenia Maria de Almeida Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/02/2023, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Edson Sousa Soares, Usuário Externo**, em 14/02/2023, às 12:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/02/2023, às 23:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Fernanda de Campos Mauro, Usuário Externo**, em 15/02/2023, às 22:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4262977** e o código CRC **E2DC4EA3**.

*Se não me defendo, quem me defenderá [...]
E se não agora, quando?*

Primo Levi

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me conduzido até aqui, me capacitando e colocando pessoas tão especiais em meu caminho ao longo da minha vida.

Agradeço à minha família, em especial a meus pais, minhas referências primárias, minhas referências básicas, para lutar e buscar ultrapassar os obstáculos da vida.

Agradeço à minha orientadora, Kênia Maria de Almeida Pereira, pela oportunidade de estudos e de participação no grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Judaicos – LEJ, pelas orientações e pelo apoio incondicional no desenvolvimento desta Dissertação de Mestrado.

Agradeço aos professores e aos técnicos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGELIT, por todas as informações gentilmente cedidas.

Agradeço às minhas orientadoras de Iniciação Científica – IC, ao longo do Curso de Letras, Kênia Maria de Almeida Pereira, Karla Fernandes Cipreste e, em especial, à professora Carolina Duarte Damasceno Ferreira, que, além do projeto de IC, dedicou dois semestres para me ajudar com o processo de pesquisa, com o processo de leitura dos textos literários, dos textos teóricos e sobretudo com a minha escrita acadêmica. Além disso, me ajudou a pensar e a desenvolver o projeto para concorrer a uma vaga no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPLET, na ocasião.

Agradeço imensamente à Banca de Qualificação, especificamente às professoras Kênia Maria de Almeida Pereira, Cláudia Fernanda de Campos Mauro e Fernanda Aquino Sylvestre, pela leitura do meu texto, por partilhar a leitura e a interpretação do romance *Se não agora, quando?*, de Primo Levi, pelas sugestões teóricas e metodológicas para a conclusão da Dissertação de Mestrado.

Sou grato à companheira Heliene Rosa Costa, por ler e revisar meu projeto de Mestrado e pelos diálogos em torno dos Estudos Literários.

Sou grato àquelas pessoas especiais que leram meu texto com bastante atenção: Miliane Ferreira, Fabiane Lemes, Lilian Cristina, Rogério de Castro, Francisco de Assis e Léa Evangelista. Sou grato, também, à companheira Tamira Pimenta e ao companheiro Vanderlei.

Agradeço ao LEJ, em especial à coordenadora Kênia e aos companheiros Geovani Junior, Gilvan Tadeu, Thiago Martins e Petrônio Matias.

Agradeço, também, aos integrantes do Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário – POEIMA, em especial à coordenadora Enivalda Nunes e à companheira Cássia Gonçalves. Sou grato pela oportunidade de participação nos encontros para leitura e debate dos textos teóricos, literários e poéticos.

Agradeço a todos os colegas de Curso, pelos diálogos e debates acerca da Teoria Literária, dos textos literários, por partilharem os conhecimentos. Em especial, agradeço aos companheiros e amigos Francisco de Assis e Léa Evangelista, pelo apoio incondicional com sugestões de material e abordagens metodológicas para os trabalhos acadêmicos, pela leitura e pela revisão final desta Dissertação. Sou grato, também, ao Francisco e à Léa pelos nossos diálogos acerca do texto literário e pelo apoio emocional e psicológico.

Agradeço, também, aos companheiros e amigos do sistema prisional, pelo apoio e pela motivação em busca do conhecimento; em especial, agradeço à Diva, à Edina Nascimento, ao Marcos Melo, ao Ângelo Gomes, ao Rogério Souza, ao Ricardo Dener e ao Paulo Celso.

Agradeço, ainda, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me apoiaram e contribuíram para o sucesso deste trabalho.

RESUMO

Primo Levi é considerado uma das vozes testemunhais do século XX, como sobrevivente dos Campos de Concentração nazistas, após Auschwitz. Esta Dissertação de Mestrado apresenta um estudo do seu romance *Se não agora, quando?* (1999), com foco na escrita literária do autor, que possui ecos dos seus relatos de cunho memorialístico e testemunhal. O objetivo geral é compreender o modo como a narrativa constrói retratos que denunciam a degradação humana em vários aspectos e evidenciam atos de resistência às opressões impostas pela política do governo de Adolf Hitler, no período de maior conflito bélico da história da humanidade (1939-1945). Os objetivos específicos são observar aspectos de despersonalização do sujeito e de dissolução social, ética, psicológica e biológica, entendidos como mecanismos propiciadores da degradação humana; evidenciar manifestações de resistência nos ambientes hostis que conduzem os personagens a situações-limites; analisar a escrita literária com traços da dor, em uma alternância de vozes narrativas, das quais emergem as marcas do trauma e sua ressignificação memorialística através da linguagem. Adotamos, como metodologia, a pesquisa teórico-analítico-interpretativa e, como suporte teórico principal, as teorias de Márcio Seligmann-Silva (2003a, 2003b, 2003c, 2003d) e Giorgio Agamben (2015) voltadas para o Holocausto e os testemunhos dos sobreviventes dos Campos de Concentração, Tzvetan Todorov (2017) acerca da degradação humana, Michel Foucault (1988, 2008a, 2008b) sobre biopolítica, corpos dóceis e poder/resistência, Bibiana Gutierrez Fernandes de Sá (2007) sobre corpos obedientes e bestializados.

Palavras-chave: Memória; Reação judaica; Testemunho; Degradação humana.

RESUMEN

Primo Levi es considerado una de las voces testigos del siglo XX, como superviviente de los Campos de Concentración nazis, tras Auschwitz. Esta Tesis de Maestría presenta un estudio de su novela *Si no ahora, ¿cuándo?* (1999), centrándose en la escritura literaria del autor, que tiene ecos de sus relatos de carácter memorial y testimonial. El objetivo general es comprender cómo la narrativa construye retratos que denuncian la degradación humana en diversos aspectos y evidencian actos de resistencia a las opresiones impuestas por la política del gobierno de Adolf Hitler, en el período de mayor conflicto bélico de la historia de la humanidad (1939-1945). Los objetivos específicos son observar aspectos de la despersonalización y disolución social, ética, psicológica y biológica del sujeto, entendidas como mecanismos que promueven la degradación humana; resaltar manifestaciones de resistencia en ambientes hostiles que llevan a los personajes a situaciones extremas; analizar la escritura literaria con huellas de dolor, en una alternancia de voces narrativas, de donde emergen las marcas del trauma y su resignificación memorialista a través del lenguaje. Adoptamos, como metodología, la investigación teórico-analítica-interpretativa y, como principal soporte teórico, las teorías de Márcio Seligmann-Silva (2003a, 2003b, 2003c, 2003d) y Giorgio Agamben (2015) centradas en el Holocausto y los testimonios de sobrevivientes de Campos de Concentración, Tzvetan Todorov (2017) sobre la degradación humana, Michel Foucault (1988, 2008a, 2008b) sobre biopolítica, cuerpos dóciles y poder/resistencia, Bibiana Gutierrez Fernandes de Sá (2007) sobre cuerpos obedientes y bestializados.

Palabras-llave: Memoria; Reacción judía; Testimonio; Degradación humana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - A importância da literatura de Primo Levi: forte denúncia à tragédia do Holocausto.....	15
CAPÍTULO 2 - Um olhar sobre a narrativa <i>Se não agora, quando?</i>, de Primo Levi.....	31
2.1 As vozes narrativas e a simbologia do relógio.....	32
2.2 Os dez sobreviventes do massacre em Novoselki.....	51
CAPÍTULO 3 - O personagem Gedale: entre o fuzil e o violino, em <i>Se não agora, quando?</i>.....	70
3.1 O comandante do grupo gedalista.....	70
3.2 Os gedalistas e as operações de resistência.....	93
CAPÍTULO 4 - Algumas vozes femininas e o (im)possível fim da guerra em <i>Se não agora, quando?</i>	119
4.1 A voz feminina na guerra da resistência judaica.....	119
4.2 Terá chegado o fim da guerra e há esperança de um novo recomeço?.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	148

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, nos propomos a investigar de que maneira o romance *Se não agora, quando?* (1999), de Primo Levi, constrói retratos de um processo de degradação humana e de manifestações de resistência às opressões impostas pela política nazifascista de Adolf Hitler, no período da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945)¹, não somente contra os povos judaico-cristãos, mas também contra prisioneiros de guerra, políticos, negros, homossexuais, ciganos, camponeses, mulheres, crianças, deficientes físicos, entre outros. O livro foi publicado, pela primeira vez, em 1982, no idioma italiano com o título *Se non ora, quando?* e tomamos como objeto de análise a edição brasileira publicada em 1999.

Esclarecemos que o desejo por este estudo nasceu da experiência de pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica, enquanto estudante do Curso de graduação em Letras, na Universidade Federal de Uberlândia e da convivência e participação no grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Judaicos – LEJ, coordenado pela Professora Doutora Kênia Maria de Almeida Pereira. Em relação às obras de Primo Levi, inicialmente, fizemos buscas na *internet* e constatamos uma vasta produção acadêmica sobre as narrativas de cunho memorialístico e testemunhal relacionadas a vivências em Campos de Concentração nazistas. Todavia, verificamos que há poucos estudos sobre sua produção ficcional.

Nesse sentido, de acordo com nossas investigações prévias, não localizamos dissertações de Mestrado nem teses de Doutorado sobre *Se não agora, quando?* e o selecionamos como objeto de estudo. Esta pesquisa de Mestrado se justifica pela possibilidade de realizarmos uma rica leitura da obra, na perspectiva da linha à qual nos vinculamos – Literatura, Representação e Cultura –, lançando um olhar para as várias vozes narrativas que emergem no texto literário. Essas vozes ecoam as experiências concentracionárias do autor, mostram vários ângulos da tragédia do Holocausto e formas de driblar a despersonalização/desumanização dos sujeitos.

Com base nas leituras realizadas até o momento, supomos que os sujeitos retratados na obra estão em busca da consolidação de uma identidade, desmantelada pela animalização imposta no *Lager* e pela política de extermínio dos judeus, que abarcou, no decorrer do conflito bélico, o contexto de caça aos judeus nos guetos das grandes e pequenas cidades, nas aldeias e até mesmo nas florestas e nos pântanos. A partir dessas breves considerações, temos como

¹ Na Alemanha, o nazifascismo ficou conhecido como nazismo, tendo como representante principal Adolf Hitler. Por esse motivo, utilizamos os termos “nazifascista” e “nazista” como sinônimos, em vários momentos do texto.

perguntas de pesquisa: Como o autor, sobrevivente das monstruosidades nazistas, tece ficcionalmente uma representação do processo de degradação humana? Como são trabalhadas as formas de resistência e sobrevivência em situações-limites na narrativa?

Nosso objetivo geral consiste em analisar e interpretar, no romance *Se não agora, quando?* (1999), o modo como a narrativa retrata o processo de degradação humana em Campos de Concentração (*Lagers*) nazistas, bem como manifestações de resistência, a exemplo de diferentes formas de escrita e expressões artísticas diversas. No que se refere aos objetivos específicos, pretendemos: observar, ao longo da narrativa, aspectos de despersonalização do sujeito e de dissolução social, ética, psicológica e biológica, entendidos como mecanismos que propiciam a degradação humana; evidenciar manifestações de resistência nos ambientes hostis que contribuem para a degradação humana e conduzem os personagens a situações-limites; analisar a escrita literária com traços da dor, em uma alternância de vozes narrativas, nas quais emergem as marcas do trauma e sua ressignificação memorialística através da linguagem.

Como metodologia, adotamos uma pesquisa teórico-analítica e interpretativa, a fim de verificar, na extensão do romance, elementos que levam o sujeito a vivenciar um processo de degradação humana e a buscar manifestações de resistência, além de tentarmos destacar possíveis respostas à pergunta-título do livro de Primo Levi, *Se não agora, quando?*. Como suporte teórico basilar desta pesquisa, utilizamo-nos principalmente das proposições de Márcio Seligmann-Silva (2003a, 2003b, 2003c, 2003d) em torno do Holocausto, sobretudo dos relatos testemunhais dos sobreviventes dos Campos de Concentração, abordagem também feita por Giorgio Agamben em *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (2015). Ademais, nos pautamos na perspectiva teórica acerca da degradação humana de Tzvetan Todorov em *Diante do Extremo* (2017) e fazemos uso de noções desenvolvidas por Michel Foucault em *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988), *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (2008a) e *Nascimento da biopolítica* (2008b).

Dividimos nosso texto dissertativo em quatro capítulos, construídos de acordo com nossa percepção sobre os escritos de Primo Levi e o arcabouço teórico selecionado para análise do nosso objeto de estudo, a obra ficcional *Se não agora, quando?* (1999). No primeiro capítulo, realizamos uma apresentação do autor e discorremos sobre a importância dos relatos de Primo Levi, tanto de cunho memorialístico testemunhal quanto ficcional mais amplo, ao denunciar a tragédia que foi o Holocausto. Enfatizamos o engajamento pessoal dele, na condição de sobrevivente dos Campos de Extermínio² nazistas, ao testemunhar por meio da escrita, como

² Adotamos as expressões “Campo(s) de Concentração” e “Campo(s) de Extermínio” como sinônimas.

modo de resistência e denúncia, contra o retorno da barbárie. Realçamos, também, a potência dos escritos do autor para se pensar formas de representação no que tange ao alicerce literário e teórico da literatura de testemunho, entre outros aspectos relacionados à política de controle dos corpos e ao processo de degradação humana.

No segundo capítulo, desenvolvemos uma leitura panorâmica e uma análise literária da obra, a fim de entender o modo de representação que o autor, por intermédio da ficção, faz de suas experiências concentracionárias, cujos objetivos são narrar sua dor em forma de testemunho e manter a memória ativa daqueles que não puderam narrar, assim como descrever o percurso trilhado pelos judeus da resistência. Esses estavam inseridos no contexto bélico e, constantemente, em situação de sobrevivência, por serem de raça judaica, vivenciando um processo de despersonalização do sujeito, de perda da identidade, de animalização. Na compreensão de si mesmos, os personagens se veem como bichos, como lobos desgarrados de suas matilhas, e são portadores de experiências traumáticas. Alguns (como Mendel) conseguem dar testemunhos de suas memórias, enquanto outros (como Leonid) foram mais afetados pelo trauma.

No terceiro capítulo, fazemos um desdobramento dessa abordagem de leitura e análise referente a essa mescla entre relatos memorialísticos testemunhais e a narrativa de cunho ficcional mais abrangente, realizados com maestria por Primo Levi, e a ênfase se dá no personagem Gedale, projetado pelo autor como líder do grupo de judeus da resistência, especificamente da cultura hebraica. A representação de Gedale e seus companheiros abarca a reação judaica, a perseguição e a exterminação dos povos judaico-cristãos, as ações de estratégias de sabotagem ao inimigo executadas pelo grupo gedalista, em ferrovias, estações ferroviárias e nos *Lagers*, bem como a escrita e a arte como estratégias de resistência, numa conjuntura de eliminação de muitos judeus com habilidades artísticas – poetas, escritores, cantores, compositores, entre outros que trabalhavam como artesãos.

No quarto capítulo, destacamos as figuras femininas no romance em análise de Primo Levi, em comparação com outras obras do autor, como parte integrante dos grupos vistos como marginalizados; a princípio, a ênfase se dá no protagonismo da voz feminina ao longo do romance. E, em conformidade com o fio condutor da narrativa, discorreremos também acerca da vitória das tropas russas na região da Polônia, da representação dos sobreviventes em situação degradante, das ações finais da resistência judaica, da missão do líder Gedale, da arte como uma das estratégias de resistência, das memórias e das lembranças do narrador-personagem Mendel, do processo de desumanização em contraponto ao processo de humanização dos sujeitos.

CAPÍTULO 1

A importância da literatura de Primo Levi: forte denúncia à tragédia do Holocausto

*Ó tu que riscas, caminhante da colina,
Um dentre tantos, esta neve não mais solitária,
Dá-me ouvidos: detém por uns instantes teu curso [...]*

Primo Levi

Neste capítulo, tecemos uma apresentação de maneira a entrelaçar a obra e a vida do autor, contemplando suas origens, sua formação acadêmica, seu conhecimento cultural relacionado à tradição judaica e sua ligação com a política de perseguição aos judeus, da qual ele se torna vítima, porque é preso e transportado sob extrema violência para os Campos de Concentração nazistas; além de nos referirmos às principais obras dele voltadas para as experiências concentracionárias. Dissertamos sobre a relevância dos seus relatos de cunho memorialístico testemunhal e ficcional como forma de denunciar a tragédia do Holocausto, e destacamos a importância de sua escrita para a teorização da literatura relacionada à memória, ao testemunho e ao trauma, o qual os sobreviventes dos eventos catastróficos não conseguem superar totalmente. Primo Levi enuncia a partir do lugar de sobrevivente, ex-prisioneiro dos *Lagers* e autor militante contra o retorno da barbárie; e, segundo teóricos e o próprio Levi, o sobrevivente do Holocausto sente necessidade de narrar sua dor e reviver suas memórias, feito que ele realiza com sensibilidade e brilhantismo.

Primo Levi nasceu em 31 de julho de 1919, na cidade de Turim, Itália, e faleceu aos sessenta e sete anos, no mês de abril de 1987. Ele era de origem judaica, graduado em Engenharia Química e, como judeu, ele se tornou vítima tanto da política antissemita quanto da política nazifascista. Ao longo da vida, especialmente após Auschwitz, Primo Levi se torna a principal voz testemunhal do século XX como sobrevivente dos Campos de Concentração nazistas. Ele é autor das obras *É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades* (1986), as quais compõem sua produção de cunho memorialístico e testemunhal. Já na área mais ampla da ficção e produção teórica, suas principais obras são: *A chave estrela* (1978), *Se não agora, quando?* (1982), *Histórias naturais* (*Storie naturali*, 1966), *Vício de forma* (*Vizio di forma*, 1971) e *Lilith* (*Lilit*, 1981), *O ofício alheio: com o ensaio de Italo Calvino* (1985), *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987* (2016), entre outras produções.

Em 1947, Primo Levi se lança como escritor de suas próprias experiências vivenciadas em contextos-limites durante a Segunda Guerra Mundial, com o livro intitulado *É isto um homem?*, no qual o autor denuncia a tragédia que foi o Holocausto, sobretudo a política nazista de extermínio não somente dos judeus, mas também dos prisioneiros de guerra, negros, homossexuais, ciganos, camponeses, mulheres, políticos – especialmente aqueles rotulados de comunistas –, crianças, idosos e deficientes físicos.

É isto um homem? é a obra de referência para os estudiosos da literatura acerca da memória dos sobreviventes do Holocausto, da barbárie e dos relatos testemunhais, cujas finalidades primeiras são tentar aliviar a dor e tornar-se a memória viva daqueles que, por um motivo ou outro, não tiveram a oportunidade de narrar, porque chegaram ao fundo do poço ou voltaram emudecidos. Nesse livro, Levi relata, entre outros aspectos, a desumanização do homem, o emprego da extrema violência e a constante luta pela sobrevivência, além de desvelar o projeto político nazifascista de controle e exterminação dos corpos humanos. O autor conta que o desejo de narrar nasceu no cotidiano do Campo de Concentração, pois ele e outros prisioneiros desejavam sobreviver somente para dar testemunhos, narrar o inenarrável, tendo em vista que, segundo o sobrevivente, ele vivenciou episódios os quais não são da ordem do narrável.

Tal necessidade de narrar é vista, por teóricos, estudiosos da crítica literária e da psicanálise, como reflexos dos eventos traumáticos, os quais produzem uma espécie de cicatriz na memória, uma dor, da qual a vítima tenta se livrar por meio da linguagem, ou seja, necessita verbalizar sua dor. Márcio Seligmann-Silva (2003a), baseado nos estudos acerca da psicanálise, do testemunho e da memória, defende que o testemunho consiste em uma ambiguidade, pois, se por um lado, o sobrevivente traz consigo a necessidade de narrar, por outro, ele se depara com a insuficiência da linguagem para narrar sua dor. Nesse caso, ele cita o testemunho dos sobreviventes de Auschwitz e Primo Levi, por exemplo, afirma que vivenciou fatos não narráveis.

Nesse sentido, Seligmann-Silva (2003a, p. 48) expõe que “[a] experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assinalada enquanto ocorre”. Conforme o autor, Freud cita como exemplos de eventos traumáticos as batalhas e os acidentes, e o testemunho estaria relacionado à resistência e à compreensão de tais fatos. Seligmann-Silva explica que

[a] linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma *forma* no ato da sua recepção. Daí Freud destaca a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um *desencontro* com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade

de simbolizar o choque – o acaso que surge com a face da morte e do imaginável – determina a repetição e a constante “posterioridade”, ou seja, a volta *après-coup* da cena (p. 48-49, grifos do autor).

Ele esclarece que os estudos de Freud acerca do trauma foram desenvolvidos na década de 1920 e apropriados por outros estudiosos, como Walter Benjamin: “Para Benjamin, o choque é parte integrante da vida moderna: a experiência agora deixa de submeter-se a uma ordem contínua e passa a estruturar-se a partir das inúmeras ‘interrupções’ que constituem o cotidiano moderno” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 49, grifo do autor). A teorização de Freud vai ao encontro dos escritos de Primo Levi acerca das experiências vivenciadas em diferentes *Lagers* (Campos de Concentração) nazistas, visto que o autor, na condição de sobrevivente do Holocausto e como escritor de relatos de cunho memorialísticos e testemunhais, assume conviver com essa necessidade de narrar, necessária tanto para a mente como também para o não retorno da barbárie. Em relação à literatura de testemunho, em especial a partir dos relatos dos sobreviventes de Auschwitz, Seligmann-Silva (2003a, p. 49) entende que “a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas”.

O autor elucida que, ao abordar a literatura de testemunho, conseqüentemente é necessário refletir sobre a relação entre a linguagem e o real, pois os estudos ditos pós-modernos ainda não resolveram essa complexa questão. Defende que, “[a]o pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da ‘realidade’, mas na nossa capacidade de percebê-la e de simbolizá-la” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 49-50, grifo do autor) e, por essa chave de leitura, as narrativas dos sobreviventes dos Campos de Concentração nazistas possibilitam repensar as formas de representação do real. A extrema violência narrada pelos sobreviventes do Holocausto, entre eles Primo Levi, era tão potencializada que ultrapassou, de acordo com Seligmann-Silva (2003a), todas as formas de convenções sociais, uma vez que a máquina genocida destruiu todos os pactos.

Dessa maneira, o teórico, pautado no advento do testemunho dos sobreviventes, aponta para uma mudança significativa de abordagem da literatura:

A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de auto-referência – seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real” (SELIGMANN-SILVA, 2003b, p. 373, grifo do autor).

Lembrando que o “real” não deve ser confundido com a “realidade”, como era compreendido anteriormente e abordado no romance realista e naturalista. Nessa conjuntura, o pesquisador assegura que “o ‘real’ que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave

freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação” (SELIGMANN-SILVA, 2003b, p. 373, grifos do autor). Nessa perspectiva, Diego Frichs Antonello (2020, p. 14), por sua vez, compreende que “[a] literatura de testemunho sinaliza, sobretudo, como o reconhecimento do outro é fundamental para aquele que procura narrar o trauma. Reconhecimento que está no âmago da necessidade de narrar/escrever daqueles que sobreviveram”. Por esse viés, Primo Levi e os demais sobreviventes do Holocausto que registraram suas experiências concentracionária, seja de cunho memorialístico testemunhal, seja por meio da narrativa ficcional, contribuíram diretamente para o arcabouço teórico da literatura de testemunho. Assim, conforme sublinha Seligmann-Silva (2003c, p. 63, grifo do autor), “o *testemunho* surge nos últimos anos com uma força e conquistou uma presença que nos obriga a rever todas as noções herdadas de séculos de teoria poética e dos gêneros”.

Ancorado, também, nos aportes teóricos de Lacan acerca do simbólico e do real, explicita que

[o] real manifesta-se na negação: daí a resistência à transposição (tradução) do inimaginável para o registro das palavras; daí também a perversidade do negacionismo que como que “coloca o dedo na ferida” (trauma) do drama da irrepresentatividade vivido pelo sobrevivente. Este vive a culpa devido à cisão entre a imagem (da cena traumática) e da sua ação, entre a percepção e o conhecimento, à disjunção entre o significante e o significado (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 50-51, grifo do autor).

Essa passagem permite-nos vislumbrar as cicatrizes provocadas pelo evento traumático e o empenho pessoal do sobrevivente Primo Levi em denunciar e em combater severamente, através da escrita, as práticas monstruosas de violências físicas e psicológicas que foram empregadas no interior dos *Lagers*. Tais práticas foram tão potencializadas que o autor testemunha que havia também a tentativa de apagamento da memória, apagamento da história, mais especificamente da existência dos Campos de Extermínio de humanos em massa, numa distorção e silenciamento da verdade.

Tal tentativa de apagamento da memória é abordada por Seligmann-Silva tendo como *corpus* de análise passagens da obra intitulada *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*, de Primo Levi, a qual considera ser “uma das mais profundas reflexões já escritas sobre o testemunho – lembrando a incredulidade do público de um modo geral diante das primeiras notícias, já em 1942, sobre os campos de extermínios nazistas” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 51) e, diante do contexto absurdo contido nas notícias, houve resistência por parte da população civil em acreditar naquelas informações assustadoras de cunho fora da realidade. O pesquisador explica que, como contemplado por

Levi em seu relato, tais rejeições foram planejadas pelo comando nazista, pois almejava apagar todas as marcas de seus crimes e também contava com a incredulidade do público diante da barbárie.

Nessa escrita testemunhal de Levi, é evidenciado o discurso dos soldados da SS no cotidiano do *Lager*. No Prefácio de *Os afogados e os sobreviventes*, consta a fala de um soldado do grupo SS, fala essa já registrada por um famoso sobrevivente do Holocausto, Simon Wiesenthal, e resgatada por Levi (2004, p. 9):

muitos sobreviventes (entre outros, Simon Wiesenthal, nas últimas páginas de *Gli assassini sono tra noi*, Millão, Garzanti, 1970) recordam que os SS se divertiam avisando cnicamente os prisioneiros: “Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós já ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager*.”

Observamos uma tentativa de apagamento da barbárie nesse discurso, para que emergisse uma outra história, a que convinha ao comando nazista. E quem atuava *in loco* era o SS, um grupo de polícia voltado, especificamente, para fazer o trabalho de tortura nos Campos de Concentração e os integrantes eram treinados para não desenvolver o sentimento de dor em si mesmos. O que simboliza um traço de despersonalização que afeta tanto o sujeito soldado quanto o prisioneiro, aspecto que analisaremos posteriormente.

Dessa forma, a importância dos escritos de Levi é tamanha, seja para combater a barbárie, o totalitarismo, a política nazista de destruição em massa, seja para tornar pública a memória do que aconteceu em Auschwitz, ou para manter viva a memória daqueles que foram brutalmente silenciados pela máquina genocida. Levi, além de assumir, por meio dos relatos testemunhais, um compromisso ético com a memória dos milhões de mortos ao longo da Segunda Guerra Mundial, também tenta se livrar dessas lembranças, visto que os relatos são de cunho testemunhal, ou seja, possui “uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um impulso forte e duradouro” (LEVI, 2004, p. 12).

Tal impulso duradouro, lido como testemunho, nos propicia pensar especialmente nessa falta, nessa necessidade que o sobrevivente tem de narrar sua dor, abordada pelos teóricos e

críticos literários como “trauma”³. Por essa perspectiva, justifica-se, a nosso ver, o engajamento pessoal de Primo Levi, ao longo da vida, com a escrita após a libertação dos Campos de Concentração nazistas e o retorno a sua pátria, pois ele não se limitou em apenas produzir narrativas de cunho memorialismo e testemunhal, mas se dedicou também à ficção num sentido mais amplo, como poesias, ensaios, contos e romances. Ademais, Levi ministrou palestras e concedeu várias entrevistas relacionadas a suas experiências concentracionárias, a fim de combater a barbárie e o poder daqueles que insistem com a política do negacionismo e com o revisionismo histórico, o qual, de acordo com o autor, minimiza a memória do Holocausto, porque somente quem vivenciou isso na pele conhece a verdadeira história e pode testemunhar, mesmo que seja em segundo ou terceiro grau.

No que se refere à ficção em si, Seligmann-Silva (2003d) expõe que ela se tornou uma das formas de representação do testemunho, da memória, principalmente da literatura relacionada à era das catástrofes: “Essa força da ficção para narrar os eventos do Shoah e especificamente do levante do gueto de Varsóvia já foi comprovada há muitos anos por um caso excepcional que eu gostaria de recordar aqui em poucas linhas” (SELIGMANN-SILVA, 2003d, p. 112). O teórico esclarece que se trata de um texto ficcional, denominado “*Yosl Rakovers Wendung zu Gott*” (“Yossel Rakover volta-se para Deus”), criativamente redigido por um homem de origem judaica, Zvi Kolitz, em 1946 na cidade de Buenos Aires, na ocasião em que estava “de passagem pela Argentina para levantar apoio para fundação do Estado de Israel” (SELIGMANN-SILVA, 2003d, p. 112). Kolitz, autor do texto, o qual não vivenciou os massacres no gueto de Varsóvia, tampouco da experiência concentracionária nos diferentes *Lagers* nazistas, porque residia em Israel desde 1940, fez mesmo assim uma representação, por meio da escrita, da fala de um judeu que se volta para o Criador em busca de uma resposta para o que se passava com os judeus durante o contexto bélico.

Tal texto em forma de testamento teria sido encontrado, no meio de pedras carbonizadas e restos de humanos, e escrito nos últimos momentos com o nome de Yossel Rakover:

Varsóvia, 28 de abril de 1943.

Eu, Yossel, o filho de Davi Kakover de Tornpol, discípulo do Rabbi de Ger e descendente dos justos, sábios e virtuosos da família Rakover e Meils escrevo essas linhas enquanto as casas do gueto de Varsóvia estão em flamas e a casa na qual eu me encontro é uma das últimas que ainda não queima [...] (SELIGMANN-SILVA, 2003d, p. 112).

³ Segundo o dicionário *Dict.com*: τραύμα [tra:vma] - 1. ferida, lesão, ferimento; 2. (med.) trauma - διαμπερές τραύμα - perfuração de bala. Acesso em: 28 maio 2022.

Esse relato se tornou referência de testemunho dos sobreviventes do Holocausto, contudo o pesquisador revela a fonte inspiradora de que Zvi Kolitz apropriou-se da leitura sobre o ocorrido no gueto de Varsóvia para a produção do relato testemunhal. Afirma Seligmann-Silva que, antes da publicação do texto, foram encontradas entre os destroços, em meio às ruínas do resto que foi o gueto, no meio dos entulhos, “algumas garrafas de leite contendo os famosos diários de Emanuel Ringelblum, o que indiscutivelmente o inspirou” (2003d, p. 112).

Também com base nas leituras feitas por esse teórico, a história acerca do Holocausto, para Primo Levi, seria “relida como a guerra contra a memória, falsificação orwelliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 51). O que reforça a importância da narrativa de Levi a partir de seu lugar de sobrevivente, de portador de vários conhecimentos intelectuais, devido à formação acadêmico-científica em Química e de grande conhecimento cultural, em especial da tradição judaica. Nessa perspectiva, verificamos que em sua produção literária reverbera suas experiências autobiográficas e culturais, visto que é sobrevivente e vítima da política de exterminação dos povos judaicos. Como judeu, engenheiro químico e prisioneiro, ele analisou todo aquele ambiente concentracionário, no qual se vive constantemente em situação-limite, pois conviveu com o trauma e com a necessidade excessiva de narrar suas memórias.

Em seus relatos, o autor exterioriza uma sensação de culpa, porque, como sobrevivente, carrega um sentimento como se fosse de um remorso por ter sobrevivido no lugar de alguém no cotidiano do *Lager*, já que as verdadeiras testemunhas oculares não tiveram a oportunidade de relatar o que viveram, pelo fato de não terem sobrevivido (LEVI, 2004). Partindo dessa dolorosa constatação, Giorgio Agamben (2015) compreende que Levi se coloca como uma espécie de testemunho em terceiro grau, pois ele assume que foi um prisioneiro privilegiado por possuir formação superior, a de engenheiro químico e em função disso alocado para trabalhar em um laboratório no interior do *Lager*.

Mesmo sendo, de alguma maneira, privilegiado, Levi explicou ter chegado ao fundo do poço. Foi submetido à tortura física e psicológica e ao trabalho escravo, passou fome, sede e frio, em todo o período em que viveu no Campo de Concentração. Na obra *É isto um homem?*, detalha que:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar.

Nada mais é nosso: tiraram nossas roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos (LEVI, 1988, p. 32).

Nessa passagem, observamos uma explicitação de que falta uma linguagem adequada, capaz de representar em sua totalidade o processo de extermínio de humanos, o qual é empregado gradualmente, visto que o sobrevivente narra um processo de descaracterização e despersonalização do sujeito, tal como a privação de suas roupas, dos sapatos, do direito à fala e, sobretudo, do nome próprio, entre outros aspectos como a raspagem dos cabelos. Igualmente, o prisioneiro vivenciou um processo que o levou, junto com os outros prisioneiros, a uma situação-limite: “chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível” (LEVI, 1988, p. 32).

Essas estratégias de privação, como sugere o narrador sobrevivente, eram aplicadas pelos soldados alemães com emprego da violência física e psicológica, com a privação também da alimentação, da água e do sono:

Foram justamente as privações, as pancadas, o frio, a sede que, durante a viagem e depois dela, nos impediram de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas exemplares comuns da espécie humana (LEVI, 1988, p. 18).

Vemos, então, nesse excerto exemplos de privações que colocam em risco a sobrevivência, pois a falta de água e de alimentos, a exposição ao frio intenso e a privação do sono comprometem o funcionamento fisiológico do organismo. Em outras palavras, há uma imposição biológica para que as necessidades de alimentação, de sono e de abrigo sejam satisfeitas antes mesmo de qualquer outra necessidade. Quando isso não acontece, elas reagem de maneira predominante. No caso desse relato, se nem mesmo os objetivos básicos à sobrevivência eram alcançados, a escolha reflexiva e consciente, ou a vontade de viver, para usar o termo do narrador, pareciam muito sofisticadas naquele momento.

Como narrado, os espancamentos sofridos eram outras perturbações que impediam o equilíbrio estável do organismo. Por esse viés, compreendemos que tais estratégias de despersonalização do sujeito, associadas ao emprego da extrema violência, contribuem diretamente para um processo de esvaziamento da condição humana, visto que ocorre a degradação humana – os encarcerados se tornam corpos vencidos. Tal processo também é notório em suas narrativas de cunho ficcional, em especial no romance intitulado *Se não agora, quando?* (1999), o qual selecionamos como objeto de estudo e será analisado no segundo e terceiro capítulos desta Dissertação.

Seligmann-Silva (2003a, p. 52) entende que

[o]s sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido que Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação –, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável.

Esse posicionamento, a nosso ver, vai ao encontro dos relatos autobiográficos de Primo Levi como sobrevivente e como escritor de literatura, que abarca o contexto de memórias e testemunho, porque o autor assume essa árdua missão de denunciar a tragédia que foi o Holocausto, de conviver com o trauma, visto pelos teóricos e críticos literários como uma ferida que nunca se fecha, de lutar contra o historicismo e o negacionismo, e de reconstrução da sua própria identidade, bem como do empenho para manter uma efetiva luta de resistência contra a barbárie.

Compreendemos que o autor, por meio da escrita de resistência, transmite essa mensagem ao público leitor, já que demonstra se preocupar com as futuras gerações, pois, na concepção dele, é preciso ficarmos atentos para o não retorno da barbárie, visto que se aconteceu uma vez, no passado, pode acontecer novamente. Na sequência, citamos uma passagem do capítulo intitulado “Cartas de alemães”, de *Os afogados e os sobreviventes*, em que uma leitora de *É isto um homem?* escreve para Primo Levi como forma de agradecimento. Dentre as mais de quarenta cartas recebidas por ele, o conteúdo dessa demonstra um sentimento de culpa da remetente e uma ênfase na necessidade do debate público sobre o passado catastrófico, a fim de se evitar o retorno da barbárie: “obrigada a afirmar que ‘nós, filhos de uma geração cheia de culpa, somos plenamente conscientes disso, e tentaremos mitigar os horrores e as dores passadas para evitar que se repitam no futuro’” (LEVI, 2004, p. 160).

Tal consolo nunca alcançável (SELIGMANN-SILVA, 2003a) permite-nos considerar a própria trajetória dos sobreviventes, os quais convivem com o trauma, verbalizam essa dor por meio da linguagem, reintegram-na ao convívio social de seus familiares e à sociedade. Contudo, não há uma superação total, posto que, ao longo da vida, cedo ou tarde, eles optam, conforme demonstram os estudos literários, por retirar a própria vida, ou seja, a cicatriz aberta, em alguns casos, desenvolve doenças mentais e uma vez potencializadas levam o traumatizado à morte, como é o caso do próprio Primo Levi, entre outros sobreviventes de Auschwitz, os quais não superaram o trauma.

Primo Levi estava enfermo, sofria de depressão e lançou-se da escada do imóvel onde vivia, na cidade de Turim, em abril de 1987, aos seus 67 anos. As pessoas ao seu redor sabiam

que ele não estava bem; a enfermeira Elena Giordanino, cuidadora de Ester, sua genitora, confidenciou às autoridades que estava muito instável, angustiado, inclusive ele admitia estar deprimido e desiludido sobre a vida. Não acreditava em sua melhora mental, ademais era resistente ao recebimento de visitas. Já Lucia, sua esposa, relatou que não o deixavam sozinho, que estavam atentos em relação ao seu estado depressivo e bastou estar só por um momento, para que ele tentasse algo contra si. Primo Levi se suicidou e, quando o fez, há pouco passara por uma cirurgia na próstata. A perícia técnica da cidade apontou que ele caiu por vias próprias, sem que ninguém o empurrasse; o mal-estar psíquico do autor era um fato e não houve quem presenciasse a sua queda, morreu sozinho (BELÉM, 2014).

Podemos refletir também sobre Walter Benjamin, na condição de judeu e intelectual, engajado na escrita como arte de resistência necessária contra o fascismo, para combater a barbárie e para repensar a história. Para Seligmann-Silva (2020), além de judeu, Walter Benjamin era visto como uma ameaça para o regime nazista, porque ele era um dos pensadores mais criativos e revolucionários do seu tempo. Perseguido pelo governo nazista, ele se refugiou na França, especificamente em Paris, a partir de 1933 e viveu sob a política do terrorismo, sentindo na pele a violência nazista, na condição de estrangeiro em tempos de guerra:

ele foi internado no campo francês de trabalhadores voluntários Clos-Saint-Joseph, em Nevers, em setembro de 1939, onde ficou até novembro. Saindo de lá (graças à ajuda de intelectuais amigos, como Adrienne Monnier e Jules Romains), ele retorna a Paris e lá fica entre novembro de 1939 e junho do ano seguinte (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 10).

Tal período em que Walter Benjamin viveu, na condição de refugiado no país francês, ele dedicou-se ao trabalho de escrita e de análise sobre escritos de Baudelaire, no qual Benjamin desenvolveu “suas teses sobre o conceito de história” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 10). Nesse contexto, conforme o avanço da Segunda Guerra Mundial e a ocupação de grande parte da Europa Ocidental pelas tropas alemãs, aumentaram as perseguições aos judeus, porque eles estavam sendo caçados, mortos em praças públicas, transportados para os campos de trabalhos escravos.

Diante dessa situação aterrorizante, segundo Seligmann-Silva (2020), Walter Benjamin, entre outros intelectuais de origem judaica ou de posicionamento contra o regime nazista, buscavam meios para fugir para os Estados Unidos da América, pois alguns companheiros de laboratórios e pesquisas já haviam conseguido fugir para países estadunidenses. Todavia, o grupo de Walter Benjamin não obteve êxito:

O final da história é conhecido: na passagem do dia 25 para o 26 de setembro de 1940, na tentativa de cruzar a fronteira entre a França e a Espanha, em direção a Lisboa, o grupo ao qual Benjamin havia se agregado, que havia atravessado a pé por uma trilha nos Pirineus, foi barrado. Não passaram a fronteira por falta de um visto de saída da França, visto impossível de se obter então na condição de estrangeiro. Nessa mesma noite, em Portbou, Benjamin decidiu acabar com a sua vida tomando uma dose de morfina. Na manhã do dia seguinte ele faleceu (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 11).

Por esse viés, Walter Benjamin é também mais uma das vítimas da política nazifascista que não suportaram a extrema violência e, em vez de cair em um Campo de Concentração nazista, optou por interromper a própria vida. Nesse viés, Seligmann-Silva postula que o autor deixa suas teses como testemunho e como testamento desse período apavorante; tais teses, “como próprio Benjamin escreve nelas, [é] um exemplo eloquente quanto ao fato de que: ‘Não há um documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie’” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 11). Podemos, então, repensar a história, pois Walter Benjamin vê a história da humanidade pelo viés do acúmulo de violência, ela é da ordem dos vencidos, os quais, segundo Benjamin (2020), sempre existiram e contemplam a maioria, daí a importância de se escutar o testemunho dos vencidos.

Quanto ao processo da despersonalização do sujeito, Levi (1988) narra que, inicialmente, os prisioneiros foram identificados com um número referente ao idioma alemão para a conferência diária e como condição para receber a alimentação, especificamente pão e água. Eles perderam a identidade e foram submetidos à extrema violência para aprender a se identificar por intermédio da língua alemã, já que não havia opção:

Necessitamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número, de modo a não atrapalhar as cotidianas operações de distribuição de víveres; necessitamos de semanas e meses para acostumar-nos ao som do número em alemão (LEVI, 1988, p. 34).

Além da violência relacionada à troca dos nomes por números, há, também, a imposição da língua daqueles que detêm o poder. Já a dificuldade para aprender em alemão o número de identificação pode ser compreendida como um constituinte do processo de resistência, uma vez que o nome próprio é considerado um dos aspectos que mais constituem a identidade do sujeito. Por meio do testemunho, Levi (1988) mostra que no *Lager* a extrema violência era cada vez mais potencializada, pois chegou um momento em que o número de identificação já não era mais colocado no uniforme, mas tatuado no braço: “Häftling: aprendi que sou um Häftling. O meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo” (LEVI, 1988, p. 33). É possível, então, pensar no processo de resistência, visto que

Primo Levi fez uma espécie de pacto de sobrevivência consigo mesmo, porque almejava viver para narrar sua dor e, na condição de sobrevivente dos *Lagers*, conviveu com o conflito de narrar suas memórias perpassadas pelas cicatrizes físicas e mentais, lembrando que, consoante Seligmann-Silva (2003a), a tentativa de se livrar do fardo da memória pode ter consequências catastróficas.

Os reflexos dessa experiência concentracionária serão analisados em *Se não agora, quando?* (1999), com foco no evento traumático que impacta nas formas de narrar, pois o trauma é uma ferida que não se fecha e o traumatizado, principalmente o sobrevivente do Holocausto, precisa relatar suas experiências de dor (SELIGMANN-SILVA, 2003a). O autor testemunhou essa necessidade e o compromisso ético com a memória dos não sobreviventes e também com a luta constante de resistência contra o retorno da barbárie. Nesse sentido, produziu uma representação de cunho ficcional que abarca tanto a perseguição e a exterminação dos povos judaico-cristãos quanto a reação de uma minoria, que, mesmo sem apoio das potências bélicas, mobilizou-se em pequenos grupos e lutou como força de resistência pela sobrevivência, em defesa dos judeus e pela dignidade humana.

Ressaltamos que, nessa obra, Levi dá voz aos personagens fictícios para narrar suas memórias e dar testemunho, especialmente, do que foi a barbárie produzida no contexto bélico. Desvela a política nazifascista, as ações genocidas das tropas alemães e de seus aliados, as quais foram praticadas em outros espaços além dos *fronts*, dos *Lagers* e do transporte ferroviário, como nas vias urbanas das grandes e pequenas cidades, aldeias e fazendas em diferentes países, não nos esquecendo de que a resistência judaica tem sua força motriz na reação dos judeus no interior dos guetos, sobretudo do gueto de Varsóvia.

Durante a análise, destacaremos, inicialmente, a voz narrativa do personagem Mendel. Junto dele, Primo Levi nos coloca diante do cenário das aldeias devastadas pela tragédia decorrente da política nazista de extermínio dos povos judaicos. Mendel, uma das vozes protagonistas, nos é apresentado como um narrador em primeira pessoa, um judeu na condição de desgarrado do Exército Russo, a partir de um encontro casual com um outro judeu, ex-prisioneiro de guerra e sobrevivente do *Lager*, personagem Leonid.

Tal encontro aconteceu na floresta nas mediações de uma aldeia de nome Valuets. Em um processo natural de interlocução com Leonid, Mendel narra suas memórias, inicialmente sobre a vida cotidiana que levava em sua aldeia antes da chegada dos alemães. Ele conta que era um relojoeiro diplomado; possuía um pequeno laboratório; consertava relógios, rádios e tratores; e exercia a função de mecânico em “colcós”. Além disso, Mendel consertava fuzis e foi selecionado para o serviço militar no regimento da artilharia. Segundo ele, sua aldeia, de

nome Strelka, não existe mais, porque, com a chegada da tropa nazista, a metade dos moradores se foram pela floresta e pelo bosque

e a outra metade está em uma vala comum, e ninguém está apertado, pois muitos já tinham morrido antes. Sim, numa vala comum; e tiveram que cavá-la eles mesmos, os judeus de Strelka; mas dentro da vala há também cristãos, e agora não existe mais tanta diferença entre eles. E fique sabendo que eu que lhe falo, eu, Mendel, relojeiro que consertava os tratores do colcós, tinha uma mulher, e ela também está na vala; e que me considero feliz por não ter tido filhos (LEVI, 1999, p. 10).

Esse recorte permitirá refletir sobre as formas de representação da memória, visto que o autor, por meio da escrita ficcional, produz de modo criativo e articulado todo um cenário narrativo, para, a partir desse espaço, denunciar a tragédia que ocorreu também em diversas aldeias. O sobrevivente dá seu testemunho, pois o personagem Mendel testemunha a tragédia e não consegue se livrar do trauma, de suas memórias, especialmente dessa cena em que sua esposa foi fuzilada pelas tropas alemãs e acabou dentro de uma vala. Ao longo do romance, verificaremos que essas imagens perpassam a mente e o discurso de Mendel, já que ele, entre outros personagens da trama narrativa, revivem na mente a dor física e psicológica de não ter mais família, nem casa (lar), nem pátria. Mendel e Leonid – assim como Gedale, para o qual voltaremos nossa atenção no terceiro capítulo – são personagens representativos na história, os quais convivem com o trauma, necessitam narrar suas memórias, lutam pela sobrevivência e pela reconstrução da própria identidade. Além das armas, tomamos como objetos representativos dessa história o relógio e o violino, instrumentos presentes historicamente na cultura judaica. Destacamos, ainda, que nesse romance, diferentemente das demais obras de Primo Levi, o autor dá ênfase na figura feminina.

Seligmann-Silva (2003d, p. 132) esclarece que a memória

procura sempre paziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores; ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro, e isso por mais que ela conte das dores e das feridas.

Esse posicionamento, a nosso ver, complementa a teorização acerca do conceito de trauma, visto como uma cicatriz, uma dor, a qual o sobrevivente necessita verbalizar, portanto narra suas experiências mesmo que em algumas vezes tenda a torná-las repetitivas. Conforme assegura o teórico e crítico literário, no caso do sobrevivente do Holocausto, é através do narrar as memórias que se combate os conflitos pessoais, que se trata as feridas, porque a memória

assume uma espécie de compromisso com a subjetividade, com a reconstrução da história pessoal.

Podemos, então, considerar a escrita de resistência de Primo Levi como perpassada por traços autobiográficos, como a escrita de si, pois o autor, na condição de sobrevivente dos Campos de Concentração nazistas e na função de escritor, além da necessidade de narrar e se livrar das lembranças, busca reconstruir sua própria história, promover o debate crítico acerca da memória do Holocausto, por meio da escrita, de entrevistas e palestras, a fim de manter ativa a memória coletiva. Para tanto, Levi se dedicou à área da ficção, havendo uma mescla das experiências concentracionárias, da experiência científica, da experiência relacionada aos escritos bíblicos e judaicos, bem como dos seus conhecimentos políticos e culturais. Tais experiências, calcadas pelo sentimento de dor, são verbalizadas e produzem sentido em um processo de reconstrução da própria identidade, o qual só se efetiva por intermédio da linguagem, seja ela falada ou escrita.

Quanto à leitura estética acerca da tragédia do Holocausto, Seligmann-Silva assinala:

[a] memória da Shoah – e a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à ficção. A leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à “musealização” do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer o passado ativo no *presente*. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela quer *apresentar*, expor o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes. Não só na literatura, também nas artes plásticas percebe-se esse percurso em direção ao testemunho, ao trabalho com a memória das catástrofes (2003a, p. 57-58, grifos do autor).

Essa passagem sobre a relevância da problematização do passado pelo viés da memória catastrófica possibilita-nos reafirmar a importância do projeto de escrita de Primo Levi e daremos uma ênfase especial nessa representação memorialística por meio da narrativa ficcional que selecionamos para análise: *Se não agora, quando?* (1999). Nela, o autor, a partir da construção de um cenário bélico, apresenta-nos a reação dos judeus e a luta pela sobrevivência, através do confronto armado, contra as tropas nazistas. E, em consequência, contra esse processo de aniquilação do homem imposto pelo projeto nazista, a memória e o testemunho também como força de resistência, que se dá pela narrativa dos sobreviventes.

Tal processo é constantemente reiterado por Levi, ao longo dessa obra literária e das outras obras do autor evidenciadas neste capítulo, assim como por outros sobreviventes escritores. Ademais, no contexto do pós-guerra, esses relatos foram explorados por estudiosos como Hannah Arendt, Michel Foucault, Márcio Seligmann-Silva, Giorgio Agamben, Tzvetan

Todorov, entre outros estudiosos que se dedicaram à memória da Shoah, os quais contribuíram (in)diretamente para o não retorno da barbárie, bem como para promover o debate público sobre a tragédia que foi o Holocausto. Por isso, são também fundamentais para nosso estudo e análise de *Se não agora, quando?* e da relação que estabelecemos entre ela e outros escritos de Levi aqui realçados.

Nesse sentido, notaremos que algumas passagens podem ser lidas como retratos de um processo de degradação humana, assim como apresentam estratégias de resistência às opressões impostas pelo fascismo, estratégias que, de acordo com o testemunho de Primo Levi, são necessárias para a sobrevivência em ambiente-limite, como a vida cotidiana no interior dos *Lagers*. Explicitaremos, igualmente, que o emprego da violência, seja ela física ou psicológica, é um dos fatores que contribui diretamente para a degradação humana e parece-nos que essa degradação assume, ao longo do romance, determinadas facetas, como a perda da identidade, o dano psicológico e o biológico.

Sobre o projeto nazista, Roney Cytrynowicz (2003, p. 127) destaca que, “[n]o plano ideológico, os nazistas consideram-se soldados biológicos que estavam executando uma missão que a própria natureza se encarregaria de fazer contra as ‘raças’ consideradas inferiores, em um processo considerado ‘seleção natural’” (grifos do autor). O autor explica que, para o comando nazista, a história era a luta de raças e os alemães estavam fazendo “biologia aplicada”; além disso, os médicos alemães também participavam do processo de seleções de prisioneiros para as câmaras de gás, sobretudo dos judeus.

Todo o processo de extermínio foi medicalizado segundo uma concepção eugenista, central no nazismo, de que matar judeus significava manter a saúde do “corpo ariano”, associada à propaganda milenarista e anticomunista de que matar o povo judeu era a salvação do “Reich de Mil Anos” (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 127, grifos do autor).

Essa política de exterminação dos povos judaicos tem, historicamente, como mentor Adolf Hitler, na época líder da Alemanha, sendo veementemente denunciada por Levi em seus relatos testemunhais, ao longo da Segunda Guerra Mundial, no cotidiano dos *Lagers*. Tal política se estendeu aos negros, aos homossexuais, aos prisioneiros de guerra, aos ciganos e àqueles rotulados de comunistas, em prol da tentativa de depuração da raça “ariana”, fabulosamente entendida como pura. Adrián Cangi (2003, p. 148), por sua vez, assinala que tal delírio e a dominância de poder contribuíram para “produzir o anátoma, o castigo e a desaparecimento como uma violência material que quebranta a constância por efeito da

racionalidade industrial. Racionalidade sustentada na eficácia e paranóia para desenvolver um projeto biopolítico fundado na pureza”.

Ele elucidava que Primo Levi se posicionou tanto na condição de sobrevivente portador da experiência concentracionária, quanto na função de escritor e portador de uma voz testemunhal, tendo afirmado “que utilizou a língua medida e sóbria da testemunha, não a lamentação da vítima, nem a raiva do vingador”, procura “homologar-se ao projeto que vitimou para poder compreendê-lo melhor em sua própria racionalidade” (CANGI, 2003, p. 143). Desse modo, Levi defende que é necessário o sobrevivente se manter o menos passional possível, pois assim o testemunho cumpre com sua função, como o ato de descrever e revelar o funcionamento da máquina genocida, o funcionamento do projeto nazifascista. Ainda nesse contexto, vale ressaltar que os teóricos e críticos literários acerca da literatura de testemunho, entre eles Márcio Seligmann-Silva, afirmam que Primo Levi, como escritor portador da voz testemunhal do século XX, defendia que seu testemunho não era da ordem da lamentação, tampouco da vingança, conforme veremos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2

Um olhar sobre a narrativa *Se não agora, quando?*, de Primo Levi

*Irmãos humanos a quem um ano é longo,
Um século, um alvo venerando,
Extenuados pelo sustento,
Cansados, iracundos, enfermos, perdidos [...]*

Primo Levi

Neste capítulo, realizamos uma análise literária do romance *Se não agora, quando?* (1999) e resumidamente apresentamos sua estrutura. Refletimos sobre o modo de representação em que Primo Levi articula suas experiências concentracionárias, por meio da ficção, com a finalidade de denunciar a tragédia do Holocausto, verbalizar sua dor para ressignificar o próprio trauma e manter a memória ativa dos milhões de judeus que foram cruelmente assassinados ao longo do maior confronto bélico do século XX. Fazemos menção tanto aos elementos da narrativa: os espaços e os tempos dos acontecimentos, os personagens e o narrador, ou melhor, as vozes narrativas⁴; quanto aos aspectos temáticos: relatos relacionados à memória, ao testemunho, ao trauma, aos confrontos bélicos, e um recorte do percurso percorrido pelos grupos da resistência judaica, formados por refugiados e ex-prisioneiros dos *Lagers*, lembrando que tais aspectos implicam na estrutura da obra. Também abordamos o processo de despersonalização, de perda da identidade e de animalização do sujeito, assim como a extrema violência praticada pelas tropas nazistas nos Campos de Extermínio e nas pequenas aldeias, além das manifestações de resistência em meio à política de controle dos corpos e da degradação humana, o emprego das armas letais e objetos simbólicos da cultura judaica, como o relógio e o violino.

O livro intitulado *Se não agora, quando?*⁵ foi publicado, pela primeira vez, em 1982. Estruturalmente, contém doze capítulos, nos quais o autor narra, por meio da ficção, um suposto percurso de um grupo de judeus russos e poloneses que, “saindo da Bielo-Rússia, em 1943, atravessa a Polônia e a Alemanha e caminha 2 mil quilômetros rumo à Itália, à velha Milão, onde enfim irão encontrar hospitalidade” (MOULIN, 1999, Orelha do Livro). Inicialmente, o

⁴ Na estrutura do romance, o uso de aspas é uma das formas de diferenciar a narrativa em terceira pessoa de narradores em primeira pessoa, ou indicar o diálogo entre personagens.

⁵ “Inventada é também a canção dos “gedalistas”, mas o seu estribo, juntamente com o título do livro, foi-me sugerido por algumas palavras que encontrei nas *Pirké Avotb* (“As máximas dos Pais”), uma coletânea de sentenças de rabinos famosos que foi redigida no século II depois de Cristo e que faz parte do Talmude. Ali se lê (cap. I, §13): “Ele [o rabino Hillel] dizia também: ‘Se não for eu por mim, quem será por mim? E quando também eu pense em mim, o que sou eu? E se não agora, quando?’” (LEVI, 1999, p. 308).

autor traz um mapa como representação do espaço, do terreno geográfico, das fronteiras e dos limites entre as regiões percorridas durante a Segunda Guerra Mundial pelos ex-prisioneiros, desgarrados, refugiados, pelas patrulhas de resistência do Exército Russo, patrulhas de resistência judaica, seja para fuga, seja para combater o inimigo via estratégia de sabotagem, nas diferentes estradas e ferrovias, nos pântanos, nos bosques e na retaguarda dos *fronts*, seja para o combate bélico contra as tropas alemãs e aliados, seja para o combate corpo a corpo contra as patrulhas inimigas, as quais ao longo do percurso confrontaram no terreno, no charco e na neve.

Tal representação é feita de forma situacional, visto que traz uma linha ilustrativa desse percurso trilhado pelas patrulhas na luta pela sobrevivência. Apresenta os nomes das localizações e os nomes de personagens importantes da história ficcional, como: Mendel, uma das vozes narrativas principais, Leonid, seu contraponto, e Gedale, o líder da frente judaica. Ademais, enfatiza os pontos de maiores conflitos, como Kosovo, Liuban, Novoselki, Turov, Rawicz, Glogów, Dresden, Neuhaus e Plauen, entre outras regiões, como Smolensk, onde funcionava um *Lager*. Em relação ao tempo, Levi (1999), estrategicamente, intitula os doze capítulos de forma a retratar a linha do tempo de todo cenário narrativo e, a nosso ver, utiliza como fonte inspiradora suas vivências nos Campos de Extermínio nazistas, sua experiência da viagem de retorno para seu país de origem, Itália, após o fim da Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, a libertação de todos dos Campos de Extermínio. E como marco inicial dessa narrativa, o autor intitula o primeiro capítulo de “Julho de 1943”, e assim sucessivamente, sendo o último nomeado de “Julho-agosto de 1945”, marco referencial do fim da Segunda Guerra Mundial.

2.1 As vozes narrativas e a simbologia do relógio

A narrativa se inicia em primeira pessoa, especificamente pelo personagem Mendel narrando o cotidiano de sua aldeia, Strelka, a qual não existe mais. Segundo o narrador-personagem, com a chegada dos alemães, muitos dos moradores dessa aldeia fugiram pelo campo e pelo bosque, e os demais estão em uma vala comum. Ele conta que os moradores de Strelka, principalmente os judeus, tiveram de cavar uma vala para eles próprios deitarem e serem fuzilados pelos soldados alemães. Nesse massacre, a esposa de Mendel, também foi fuzilada, assim como muitos cristãos, pois o narrador-personagem faz questão de enfatizar que “agora não existe mais tanta diferença entre eles” (LEVI, 1999, p. 10).

Há predominância da narrativa em terceira pessoa, porém, de início, o narrador se identifica como Mendel, momento em que descreve suas funções no cotidiano da aldeia, como consertar relógios, armas e tratores, entre outras, tornando-se membro da artilharia. E, além dessa apresentação para o leitor, em um encontro casual com outro desgarrado, por meio do processo de interlocução com o personagem Leonid, Mendel se identifica novamente: “[...] Meu nome é Mendel, e Mendel equivale a Menachém, que significa ‘consolador’, mas nunca consolei ninguém.” (LEVI, 1999, p. 11, grifo do autor). Ainda relativo ao narrador, notamos que o enredo é atravessado por outras vozes, e há um narrador externo que narra e dá voz aos personagens, sobretudo a Mendel.

Nesse contexto, o recém-chegado oferece um cigarro, eles fumam em silêncio, mas, quando Leonid oferece o segundo, Mendel recusa e agradece: “[...] Na verdade não deveria fumar, mas quando encontro tabaco, fumo. O que pretende que faça um homem quando lhe toca viver feito lobo?” (LEVI, 1999, p. 11). Nessa fala, verificamos traços de um processo de despersonalização do sujeito, porque o personagem se vê como bicho, como animal, especificamente como lobo.

Durante essa conversa, o segundo personagem, Leonid, ao ser questionado por Mendel: “Então você vem de Moscou?”, também se apresenta: “Venho de Moscou e de uma centena de outros lugares. [...]” (LEVI, 1999, p. 12). Em poucas palavras, Leonid narra, parcialmente, sua história de vida:

[...] Venho de uma escola, onde aprendi a fazer contabilidade, e depois, de repente, esqueci tudo. Venho da Lubianka, pois aos dezesseis anos roubei [...] um relógio, veja que somos quase colegas. Venho de Vladimir, do curso de pára-quedista, porque quando alguém é contador acaba entre os pára-quedistas. Venho de Laptevo, perto Smolensk, onde me atiraram de pára-quedas no meio dos alemães. E venho do Lager de Smolensk, pois fugi; fugi em janeiro, e desde então não fiz nada senão caminhar. Desculpe, colega, estou cansado, com dor nos pés, com calor e queria dormir. Mas antes queria saber onde estamos.” (LEVI, 1999, p. 12).

E observamos que se trata de um sobrevivente dos Campos de Concentração nazistas, judeu e ex-prisioneiro de guerra. Nesse diálogo, Mendel, a fim de situar o companheiro sobre o terreno em que eles se encontram, tece uma explicação afirmando que estão “perto de Valuets – é uma aldeia a três dias de marcha, partindo de Briansk” (LEVI, 1999, p. 12). Diz ser um local tranquilo, pois há uma ferrovia a trinta quilômetros, o bosque é fechado, e as estradas dessa região, conforme a estação do ano, possuem grande lamaçal, ou são muito empoeiradas. E expõe que “[...] lugares assim não agradam aos alemães, só aparecem para roubar gado, e mesmo assim raramente. Venha, vamos tomar banho.” (LEVI, 1999, p. 12).

No decorrer da narrativa, percebemos que Leonid tem certa dificuldade em narrar sua história e, na fluência comunicativa entre os dois, Mendel capta que o companheiro carrega alguma ferida, alguma cicatriz, que o impede de falar. Já o personagem Mendel é um judeu que vive há um ano como desgarrado do seu grupo de militares e, além de narrar que se perdeu, em plena guerra, do Exército Vermelho, especificamente das tropas russas, ele se vê como bicho, como lobo. Ele almeja encontrar o grupo da resistência judaica, uma vez que, de acordo com a doutrina militar em tempo de guerra, pode ser visto pelo Exército Russo como um desertor. Portanto, Mendel informa que a ordem determinada por Moscou é que todo desgarrado deve, primeiramente, proteger-se para não ser capturado por patrulhas inimigas, e outra determinação é alinhar-se aos grupos de resistência.

Além disso, Mendel, durante os diálogos, está sempre narrando suas memórias, sobretudo no que se refere à tragédia ocorrida em sua aldeia, da qual ele não esquece a cena em que sua esposa foi fuzilada dentro de uma vala pelas tropas alemãs. Tal narrativa acerca das memórias assume, ao longo do romance, um caráter testemunhal, porque as imagens dessa tragédia perpassam, com insistência, a mente e o discurso do personagem Mendel, como, por exemplo, na passagem em que ele questiona:

Bem, são coisas incompreensíveis, porque os trens blindados foram construídos pelos alemães, mas os alemães foram feitos por Deus; e por que os fez? Ou por que permitiu que o demônio os fizesse? Pelos nossos pecados? E se um homem não tem pecados? E que pecados tinha minha mulher? Ou talvez uma mulher como minha esposa tenha que morrer e jazer numa vala comum como uma centena de outras mulheres, e com crianças, pelos pecados de outro qualquer, quem sabe pelos pecados dos alemães que as metralharam à beira da vala? (LEVI, 1999, p. 16-17).

Tais incompreensões e questionamentos iniciais, apontados pelo narrador-personagem, vão ao encontro dos relatos testemunhais de Primo Levi. Na condição de sobrevivente do Holocausto, em sua produção literária, ele tece severa crítica à figura de Deus como o criador do Universo, pois não consegue compreender como foi possível a prática de extermínio de humanos, por tanto tempo, sem a interferência divina. Assim, Levi (1988), portador de experiência concentracionária, ao narrar sua dor, ao dar seu testemunho, lança interrogações sobre a existência de Cristo.

Verificamos, mesmo que sutil, uma possível aproximação da personagem principal, Mendel, com o autor, Primo Levi. Segundo Mendel, em sua aldeia, ele tinha um laboratório em que consertava de tudo um pouco e Levi trabalhou num laboratório no interior do *Lager*, devido à sua formação em Química. O personagem afirma ser um relojoeiro diplomado e que apreendeu

muito sobre a cultura judaica, porque, além dos ensinamentos do rabino, ainda garoto, lia estrategicamente o livro das sagradas escrituras referente ao judaísmo, porém sem permissão do seu mestre rabino. É soldado da resistência, o homem do laboratório e portador de conhecimentos intelectuais e culturais judaicos, como Levi, além de trazer consigo a experiência traumática de ter perdido a esposa de forma cruel para as tropas nazistas.

Nesse contexto, também destacamos a representação simbólica do relógio, pois, a nosso ver, ele é um elemento metafórico, um símbolo, o qual possibilita chaves de leituras ao longo do romance. Consideramos que o relógio está retratado como um instrumento da cultura judaica, sobretudo dos líderes religiosos, dos homens conhecedores das sagradas escrituras. Tal representação é explicitada, de início, na voz do narrador, visto que ele se queixa da falta de relógio na aldeia e declara que a marcação cultural do tempo era pelo Sol e pela Lua, em que o sineiro da aldeia tocava os sinos para informar as horas mais importantes do dia para a população local. Conta, também, que outra maneira de marcar as horas do dia era atirando com um fuzil para o alto, mas, com o advento da Segunda Guerra Mundial, e, conseqüentemente, com a chegada das tropas alemãs na aldeia, os alemães tomaram o fuzil e não foi mais possível saber as horas. À noite, enquanto todos dormiam, já não era necessário ouvir/saber as horas.

Conforme esse narrador-personagem, o único que necessitava saber rigorosamente as horas era o rabino: “ele precisava da hora certa para saber quando começava e quando acabava o sábado. Mas não precisava dos sinos, tinha um relógio com pêndulo e um despertador” (LEVI, 1999, p. 9). Por essa ótica, os rabinos são portadores de conhecimentos adquiridos nas sagradas escrituras e portadores de conhecimentos culturais segundo os quais se tem esse cuidado com a marcação do tempo, uma vez que é necessário saber as horas para cumprir os rituais religiosos. Além disso, são eles os responsáveis por transmitir conhecimentos para o restante da comunidade e, portanto, eles aprendem a se orientar pelos fenômenos da natureza – como o Sol e a Lua – e a explorar os fenômenos da natureza para fabricar os seus próprios instrumentos de trabalho, suas ferramentas e, por meio do trabalho artesanal, fabricar também instrumentos para marcar as horas, como um pêndulo.

De acordo com o *Dicionário de Símbolos* (s./d., online, grifo do autor)⁶, o relógio está diretamente relacionado com o tempo e com a noção de mudança de ciclos: “O relógio é uma representação da passagem transitória da vida humana. Com o relógio, é possível haver a simbologia do surgimento de novas possibilidades e oportunidades, com novos começos. É,

⁶ Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/relogio-simbologias-possibilidades-tatuagem/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ainda, **um objeto que representa a brevidade da vida**”. Tal instrumento, com o passar do tempo, metaforiza a aproximação com a morte, com o fim da vida. Como veremos, ao longo do romance *Se não agora, quando?*, há a representação simbólica tanto da possibilidade concreta de recomeços, de desejos de recomeçar e de lutar pela vida, quanto da possibilidade de interrupção da vida pelos imprevistos e pelos obstáculos do conflito bélico, como do desejo de terminar o ciclo da vida, já que os refugiados e os sobreviventes, além de viverem em constantes situações-limites, também convivem com a infinita dor do trauma.

Ainda sobre as incompreensões do narrador-personagem, na condição de judeu, desgarrado do Exército Russo e também sobrevivente da aldeia Strelka, ele reafirma que está há cerca de um ano vivendo como lobo. E observamos que Mendel revive essas cenas em sua memória: “Bem, desculpe-me, me deixei arrastar outra vez, acontece que faz quase um ano que [...] não falo com um ser humano, pois para um desgarrado é melhor que não fale – só pode falar com outro desgarrado.” (LEVI, 1999, p. 17). Aqui percebemos, novamente, traços da despersonalização do sujeito, visto que o narrador-personagem não se vê como um homem, e se auto intitula desgarrado, todavia, manifesta o desejo de falar com humanos. Esse relato vai ao encontro da teorização acerca da narrativa dos sobreviventes da Primeira e Segunda Guerra Mundial, porque, como apontado no capítulo anterior desta Dissertação, teóricos entendem que os sobreviventes de eventos traumáticos têm a necessidade de narrar; Seligmann-Silva (2003a), por exemplo, esclarece que o narrar funciona como uma espécie de religamento com o mundo extracampo.

Ainda nesse contexto inicial da narrativa, Mendel e Leonid encontram, na mata, os destroços de um avião de caça alemão, um bimotor Heinkel, porém com a cabine preservada. Ao verificar a aeronave, eles acreditam se tratar de um acidente aéreo, ou de aeronave abatida, em que piloto e equipe morreram, mas logo eles localizam o único sobrevivente, o personagem Peiami Nasimovic, o qual também se encontrava na condição desgarrado. Estava vivendo isolado há mais de um ano no campo, especificamente morando na cabine que restou da aeronave possivelmente abatida, segundo o narrador em terceira pessoa. Como meio de sobrevivência, ele mantinha pequenos contatos com os camponeses, ora se integrava aos trabalhos dos colcoses, ora se integrava aos grupos de sabotagem ao inimigo, e alimentava-se, principalmente, da caça.

Peiami afirmou que não pretendia mais participar da guerra, portanto, almeja manter-se isolado até o final. Esse personagem não ganha destaque nessa narrativa, mas, embora sutil, sua participação é necessária para o fio condutor da trama. Ele fornece algumas informações

importantes e indispensáveis para Mendel e Leonid acerca da região, bem como sobre os grupos de resistências e tropas inimigas que por ali circulavam.

A partir desse encontro com o sobrevivente Peiami, Mendel e Leonid seguem o mesmo destino estrategicamente em direção ao sul e, posteriormente, eles se voltam rumo ao noroeste, antes já almejado por Mendel. O local é Nivnoie, mais especificamente a região dos pântanos. Nesse percurso, após quatro noites de caminhada por caminhos tortuosos, ocorre a primeira ação de sabotagem aos suprimentos destinados aos alemães, pois, ao amanhecer do dia, Mendel e Leonid, ao entrarem em uma trincheira que cortava uma ondulação do terreno, deparam-se com um carroceiro que transportava seis sacos de farinha para os alemães. Um deles o aborda:

Mendel empunhou a pistola. O carroceiro trazia no braço a faixa azul dos ajudantes ucranianos. Mendel lhe perguntou:
 “O que está carregando?”
 “Farinha, como pode ver.”
 “Para onde?”
 “Para os alemães. Até o armazém de Mglin.”
 “Desça e vá embora. Sim, vá embora. Sim vá embora e continue a pé.” [...].
 O homem foi embora (LEVI, 1999, p. 34).

Além de interromper a mercadoria que seria entregue às tropas alemãs, eles apropriam-se desses suprimentos e os vendem para o ancião da aldeia de Nivnoie, trocando-os por alimentos e tabaco. Além disso, o ancião lhes dá informações essenciais acerca dos grupos que, cotidianamente, passavam por lá em direção a Gomel ou Zlobin, e ensina o caminho e um atalho que permitiria alcançá-los. O ancião explica que tinha o desejo e o dever de oferecer hospedagem para o descanso, todavia, por serem judeus, o conselho da aldeia não aceitou. Tal rejeição e resistência aos povos judaico-cristãos afeta ainda mais o psicológico do personagem Leonid, que expressa: “Se não tivesse nos identificado como judeus, hoje à noite dormiríamos numa cama” (LEVI, 1999, p. 39). O personagem manifesta, desse modo, certa indignação pela rejeição dos moradores da aldeia, a ponto de tentar culpar o companheiro que desejava se integrar ao grupo da resistência: “E agora não estou quieto. Se quiser ir com o bando, vá sozinho. Cansei de guerra. [...]” (LEVI, 1999, p. 39).

Notamos a potencialidade dessa perturbação, pois Leonid assegura que está cansado e que ainda tem bons braços, que não morrerá de fome, preferindo trabalhar nas fábricas dos alemães. Essa afirmação ecoa com a política empregada pelos nazistas de controle dos corpos, tornando-os dóceis, corpos subjugados, já que a desistência do ex-prisioneiro pode ser vista pela concepção de corpos vencidos. Segundo Michel Foucault (2008, p. 117), durante a Época Clássica, ocorreu “uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos

facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”.

Nesse sentido, o personagem Leonid, na condição de sobrevivente de tragédias, anuncia verbal e corporalmente:

Não dou mais nem um passo e não dou mais nem um tiro, nunca mais. Não é justo que alguém, não é justo que alguém... E depois nem você sabe o que quer: já lhe disse, pensa que sabe e não sabe. Banca o herói, mas você também quer o mesmo que eu, uma casa, uma cama, uma mulher, uma vida que tenha sentido, uma família, uma terra que seja a sua terra. Quer ir com os da resistência, pensa que quer, mas nem sabe o que quer e o que faz, me dei conta disso com a história do cavalo. Você é uma pessoa que conta mentiras para si mesmo. É como eu. É um *nebech*, um desgarrado e um *meschugge*. Leonid se dobrou lentamente sobre si mesmo e sentou no chão, como se tivesse cuspidido a alma e não tivesse mais forças para se aguentar nas pernas (LEVI, 1999, p. 40).

Essa passagem permite-nos uma reflexão sobre as particularidades dessa escrita de Primo Levi, visto que o autor se inspira em suas experiências e vivências nos Campos de Concentração nazistas, e, no decorrer da história, há uma mescla entre a narrativa de cunho memorialista e a de cunho ficcional. Existe, igualmente, uma interlocução de vozes com a obra *É isto um homem?* (1988), também de Primo Levi, na qual o autor conta que, no cotidiano do *Lager*, além da fome, do frio, da luta por sobrevivência, pensava em uma cama e em uma família, desejos que são potencializados ao longo da narrativa, sendo manifestados também durante o sono do personagem: “Sonho, e me parece dormir no meio de uma rua, de uma ponte, atravessado no limiar de uma porta por onde vai e vem muita gente” (LEVI, 1988, p. 51). Igualmente, há essa impotência que faz o prisioneiro se enxergar como um nada, como um bicho, com essas angústias e alucinações que provocam o desejo de se entregar ao projeto.

Em relação ao desabafo de Leonid, por meio do idioma ídiche, o narrador tece uma explicação: “*Nebech* é um homúnculo, inerte, inútil, digno de pena, um quase-não-homem, e *meschugge* significa ‘doido’, porém Mendel não se sentia ofendido, tampouco com vontade de retribuir a ofensa” (LEVI, 1999, p. 40, grifo do autor). Podemos, então, cogitar que Levi faz essa representação do sujeito que viveu em situação-limite. E embora haja momentos em que Mendel se veja como bicho, revive a cena da perda de sua esposa e, conseqüentemente, da tragédia ocorrida em sua aldeia, ele demonstra um equilíbrio pessoal e desejo por justiça, desejo de lutar pela vida, de combater o inimigo, de se integrar aos grupos de resistência judaica a fim de eliminar os alemães.

Como vimos realçando, esse personagem pode ser lido como portador de memória da experiência traumática, ele é o homem do laboratório, contém saberes culturais judaicos e

conhecimentos interligados às funções de mecânico, relojoeiro e membro da artilharia. Ele é também o grande portador da palavra e, na representação simbólica da reação judaica, tem a função de, por meio da língua, conduzir grande parte da narrativa. Consoante o narrador em terceira pessoa, Mendel enxerga Leonid, metaforicamente, como um relógio que precisa ser consertado, uma espécie de relógio enferrujado que necessita ajustar os ponteiros, ou seja, ser colocado em funcionamento. Mendel sabe que o companheiro sobrevivente do *Lager* necessita de ajuda, mas, para que seja ajudado, é preciso que se comunique através do processo de interlocução verbal; porém, na maioria das vezes, o personagem Leonid fala somente poucas palavras. Ele, igualmente, porta a experiência traumática, convive e luta com essa dor que provoca a necessidade de falar e, ao mesmo tempo, silencia e neutraliza a habilidade comunicativa por intermédio da linguagem corporal.

Nas duas semanas de marcha, Leonid manteve-se em silêncio, como se fosse um subordinado de Mendel, concordando com todas as decisões do companheiro. Nessa caminhada, eles encontraram, nas margens do rio Dnieper, um acampamento de militares responsáveis por combater tropas inimigas e sabotar ferrovias, estradas, rios utilizados para transporte de balsas, entre outros meios de transporte que colaboravam com as tropas nazifascistas. Chegaram em meio a uma comemoração na qual havia bebidas e danças, o acordeão tocava canções de ritmo alegre, os homens aplaudiam e muitos dançavam.

Primeiramente, eles foram vistos como alemães, mas logo se apresentaram como russos e foram bem recebidos: “Então venham. Comam, bebam e dancem! A guerra acabou!” (LEVI, 1999, p. 42). Tal comemoração relacionada ao término da guerra estava diretamente associada à euforia provocada pela bebida alcoólica, pois o grupo havia recebido uma mensagem importante via rádio que afirmava: “[...] Os americanos desembarcaram na Itália, retomamos Kursk e Mussolini estava na cadeia. Na cadeia, sim, feito em melro na gaiola; o rei o mandou para prisão. Vamos companheiros, bebam mais uma rodada pela paz!” (LEVI, 1999, p. 43). A queda de Mussolini foi o motivo da comemoração, entretanto, durante essa festividade, o único rádio de comunicação havia estragado, e eles não teriam como receber mensagens, o que gerou uma confusão no acampamento, sobretudo na relação com o responsável pelo grupo, o personagem Venjamín, que acusava os subordinados de mau uso da ferramenta.

No dia seguinte, Mendel e Leonid passaram por um interrogatório. O chefe do bando queria saber por que eles pretendiam entrar para o grupo de sabotadores, e Leonid demonstrou dificuldade para falar, enquanto Mendel explicou: “Porque ando desgarrado há um ano. Porque estou cansado de viver como lobo. Porque tenho uma conta pessoal para saldar. Porque creio que nossa guerra será justa.” (LEVI, 1999, p. 47). E, ao mesmo tempo em que observamos um

processo de despersonalização do sujeito, existe também uma manifestação de resistência, visto que, além da ferida pessoal, Mendel deseja combater e acredita em uma guerra justa.

Nessa conjuntura, Mendel e Leonid participam de uma operação de sabotagem de um comboio de balsas, no rio que seria destinado aos alemães. O grupo consegue êxito, os dois ganham o reconhecimento do chefe Venjamín, mas, por serem judeus, são rejeitados pelo grupo: “Dizem que a eles os judeus agradam pouco, e menos ainda quando estão armados.” (LEVI, 1999, p. 50). Verificamos que, mesmo em plena guerra, ou em pleno combate contra um inimigo comum, há sempre preconceito para com os judeus e depreciação deles. Todavia, Leonid reage a essa ofensa:

“Vamos embora, e você vai dizer a esses seus homens que em Varsóvia, em abril, os judeus armados resistiram aos alemães muito mais tempo que o Exército Vermelho em 1941. E nem sequer estávamos bem armados, e tinham fome, e combatiam meio mortos, e não tinham aliados.” (LEVI, 1999, p. 50).

Nesse viés, o autor retoma o contexto em que grupos de judeus que não se entregaram pegaram em armas e combateram os alemães. E, em relação à rejeição aos povos judaico-cristãos, Mendel e Leonid demonstram persistência em lutar pela vida, pela liberdade, pela desconstrução do discurso depreciativo imposto pelos alemães, embora notemos traços da degradação humana, porque “combatiam meio mortos”.

Venjamín manda os dois seguirem seus destinos, porque, com o grupo, não poderiam ficar. No entanto, orienta-os a seguirem rumo a Novoselki, que ficava a cerca de 120 quilômetros, pois, na região dos pântanos da Polessia, existia uma aldeia de judeus armados, homens e mulheres. Assim, eles partiram e enfrentaram sete dias de caminhada com muita dificuldade, porque era um período chuvoso e não encontravam sequer um lugar adequado para improvisação de um bivaque, acampamento provisório, para o descanso. De acordo com o narrador, a partir do oitavo dia, tornou-se mais difícil ainda manter a direção sem uma bússola. Já no que se refere à alimentação, eles encontraram bastantes rãs, o que lhes permitiu capturarem muitas, assando-as e alimentando-se.

Durante as refeições, ambos reestabeleceram os diálogos e Leonid contou, ainda parcialmente, mais um pouco de suas feridas, desta vez relacionadas com seus pais:

“Quando mandaram meu pai para as ilhas Solovki, minha mãe não ficou à espera dele. Não o esperou muito tempo. Colocou-me num orfanato e foi viver com outro, e nunca mais se preocupou comigo. Vinha me ver duas ou três vezes ao ano, com o outro. Era ferroviário também, e falava sempre baixinho. Talvez tivesse medo de acabar também nas ilhas; tinha medo de tudo. Que eu saiba ainda estão juntos. E agora estou farto. Farto de caminhar não se sabe

para onde. Farto de sangue e de rãs, gostaria de parar e morrer.” (LEVI, 1999, p. 53-54).

O narrador nos mostra que Mendel sabe respeitar o companheiro, pois, no momento do desabafo de Leonid, ele não responde, uma vez que compreende que Leonid não se cura com palavras. Notamos que Mendel tem cuidados especiais com Leonid, como se estivesse lidando com pequenas peças de um relógio em seu laboratório. Segundo o narrador, talvez a todos que tenham uma história parecida com a de Leonid seja impossível curar somente com palavras e, para ajudá-lo, é preciso que ele fale, mas só falava quatro ou cinco palavras e no mais mantinha-se em silêncio, sempre, com um olhar estratégico para não olhar nos olhos do outro.

Ao chegarem nas mediações da aldeia de Novoselki, que eles tanto almejavam alcançar, Leonid se deparou com uma boneca de cor rosa, com uma das pernas mutilada, cena que faz Mendel reativar suas memórias:

Encostou-a no nariz e sentiu um cheiro de infância, o cheiro patético da cânfora, do celulóide; por um instante, evocadas com violência brutal, suas irmãs, **a amiguinha das irmãs que se tornaria sua mulher**, Strelka, a vala comum. Calou-se, engoliu em seco, depois disse a Leonid em voz baixa: “Estas coisas não se encontram nos bosques”. (LEVI, 1999, p. 55, grifo nosso).

No decorrer da história, percebemos que os dois personagens têm cicatrizes do passado, revivem memórias e dão testemunhos, porém Leonid se mostra com maior dificuldade de narrar e a narrativa sugere que o trauma carregado por ele é mais potencializado. Antonello (2020, p. 132) aponta que “escrever um relato, no caso do trauma, passa por uma via de reconstrução da própria história pessoal e por uma reapropriação de si por meio da escrita”, o que se associa à representação do trauma que Primo Levi produz, através da escrita ficcional, a qual abarca o efeito do verossímil. Nesse contexto, reafirmamos que o personagem Leonid é representado, metaforicamente, como uma espécie de relógio emperrado, o qual, segundo o narrador externo (em terceira pessoa), possui algum atrito, algo que impeça de girar os ponteiros, isto é, de entrar em funcionamento. Esse relógio travado pode, então, ser relacionado a essa ausência da linguagem, à falta de comunicação por parte do sobrevivente do *Lager*, Leonid.

Tal representação denuncia a tragédia que foi o Holocausto e nos apresenta personagens na condição de sobreviventes portadores das questões traumáticas, os quais necessitam narrar e demonstram dificuldade de fazê-lo. Por esse viés, Antonello (2020, p. 132) assinala “a necessidade de escrever à privação da fala, que certamente está ligada à dificuldade de transpor o traumático em palavras e, também, ao temor da recusa do outro em escutar”. Nesse sentido,

Primo Levi, tanto na condição de sobrevivente quanto na de escritor, se dedica a transformar sua dor em testemunho, em escrita de resistência.

Já no capítulo intitulado “Agosto-Novembro de 1943”, o terceiro do romance, há uma mudança no cenário da narrativa, pois o narrador nos apresenta outros personagens com função de destaque na trama, como Adam, Dov, Gedale e Ulybin, entre outros. Mendel e Leonid chegam à República dos pântanos, são recebidos por Adam, o responsável por lá, e ele explica a Mendel que não se trata de uma aldeia, mas, sim, de uma República, local para receber refugiados. A partir de então, Mendel não precisa mais tomar decisões sozinho ou tentar envolver o companheiro Leonid nas decisões, por exemplo, qual caminho devem seguir, porque, finalmente, eles encontram outros refugiados iguais a eles, judeus, desgarrados de tropas militares, ex-prisioneiros de guerra, sobreviventes dos diferentes *Lagers*, camponeses, mulheres, idosos e crianças, entre outros cidadãos. Contudo, Mendel, apesar de se sujeitar aos chefes de grupos, nunca deixa de se posicionar e contribuir com ideias e ações preventivas para segurança e sobrevivência de todos. Vale ressaltar que o personagem Mendel está representado, também, como o portador da palavra, da linguagem da resistência, no decorrer da narrativa ele ganha reconhecimento dos demais como homem chave da resistência judaica.

Especificamente Adam, além de líder da República, é descrito como um homem experiente, sobrevivente das prisões e da guerra. Ele tem cerca de cinquenta e cinco anos de idade e, consoante o narrador,

[t]ivera tempo de experimentar as prisões do czar, o que não o salvara do front da Primeira Guerra Mundial. Mas um membro do Bund é um menchevique, e como tal havia sido processado [...]; não tinha sido agradável, fora colocado em celas geladas e em outras tórridas e sem ar, queriam que confessasse ter sido corrompido por estrangeiros. [...] e depois cortara os pulsos. Costuraram-no, pois devia confessar; mantiveram-no duas semanas sem lhe conceder uma hora de sono, e então havia confessado tudo o que os juízes queriam. (LEVI, 1999, p. 57).

Essa passagem possibilita-nos refletir sobre as formas de representação da prisão na obra, já que Levi (1999), por intermédio da escrita ficcional, faz uma caracterização que abarca o contexto histórico do emprego da extrema violência por meio de métodos e técnicas de torturas e perseguição política, empregadas pelos governos totalitários, reproduzidas e potencializadas ao longo da Segunda Guerra Mundial pela ideologia nazifascista.

Sobre a trajetória de Adam, o narrador conta que ele adquiriu nas prisões experiência com os trabalhos de horta: “trabalhava num colcós, e fora justamente ali que havia aprendido a identificar as verduras boas para comer” (LEVI, 1999, p. 57). Portanto, nessa

República, Adam é também o responsável por plantar, cuidar e ensinar as crianças a lidarem com as verduras para sobrevivência. Além disso, de acordo com o narrador, ele carregava um peso na consciência, pois, na tentativa de evitar o pânico dos demais no acampamento, mentia para todos que “os alemães eram soldados duros mas gente civilizada, por que se esconder ou fugir? Na pior das hipóteses, devolveria a terra aos camponeses. Contudo, em Minsk, *aqueles* alemães tinham feito uma coisa que ele não podia contar” (LEVI, 1999, p. 57, grifo do autor). Isso nos remete aos relatos testemunhais de Primo Levi, porque o autor afirma que, ao longo de suas vivências nos diferentes *Lagers*, presenciou fatos inenarráveis, conforme indicamos anteriormente, e Seligmann-Silva (2003a) aponta para essa incapacidade de narrar, visto que as ações das tropas alemãs, através da máquina genocida, em alguns casos ultrapassaram todas as convenções e formas de representação do real.

Por sua vez, ao se posicionar sobre a experiência da Primeira Guerra Mundial, Benjamin (1994, p. 198) esclarece que, “[n]o final da Guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”. Para o autor, os horrores dos campos de batalhas deixaram os soldados, os combatentes e/ou os sobreviventes emudecidos, porque perderam a capacidade de formular tais experiências por meio das palavras. O teórico elucida que, após dez anos do evento bélico, verificou-se, em inúmeros livros acerca da guerra, que não existia nada em comum com aquelas narrativas tradicionais, as experiências transmitidas pelos viajantes ou pelos mais antigos portadores dos saberes popular e cultural, possuidores de muita experiência, como o camponês líder de uma comunidade ou de uma aldeia.

Benjamin (1994, p. 198) reforça as razões do empobrecimento da narrativa: “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes”. Ele estabelece uma severa crítica ao mundo moderno e ao pós-moderno, ao sistema econômico e industrializado, às ideologias e às imposições do Estado, à visão de progresso e ao regime político do totalitarismo, já que, conforme o filósofo, esse é o responsável pelas maiores catástrofes.

Quanto ao suposto fim da narrativa, ele defende a importância da experiência que é transmitida de uma pessoa para outra, como a dos viajantes e a troca de experiência entre pais e filhos, pois essa “é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, p. 198). De acordo com o autor, as melhores narrativas escritas são aquelas que mais se aproximam da tradição oral, as quais eram narradas por diferentes narradores populares, e defende dois tipos

de narradores tradicionais: o viajante, o qual tem experiência para contar, para transmitir aos outros; e o homem velho, camponês portador do saber popular e cultural da sua região.

Ainda sobre os postulados de Benjamin (1994) acerca do narrador, destacamos que Primo Levi traz para sua narrativa a importância dessa troca de experiência, sobretudo para a sobrevivência em situação-limite. É possível compreender que tanto o personagem Adam quanto Dov, no acampamento que funcionava como uma espécie de República para refugiados e membros da resistência judaica, além de responsáveis pelo local, pela segurança e pela acolhida dos sobreviventes, transmitem suas experiências aos demais, apesar da não permissão para fazê-lo.

Acerca das explicações do personagem Adam, a primeira regra da República era não contar uns aos outros sobre as monstruosidades praticadas pelos alemães, uma vez que o objetivo do silenciamento era manter a sanidade mental de todos. Quanto às crianças, ele expõe que, além de ensiná-las a lidar com as plantas, “[...] nós as ensinamos a dizer mentiras; porque temos inimigos por toda parte, não só os alemães.” (LEVI, 1999, p. 58). Adam, ainda, descreve que o acampamento possui um prédio de dois andares, o qual não era visível, porque a vegetação local e as árvores encobriam-no facilmente para quem olhasse de longe. Além disso, tem uma repartição subterrânea, espaço destinado ao depósito de alimentos, armamentos e munições, e para dar suporte aos feridos ou doentes dos grupos da resistência judaica.

Mendel e Leonid são apresentados a Dov, o responsável pela segurança e pelos trabalhos do acampamento, que explica que a República é um lugar no qual chega e sai gente todos dias. No momento eram cinquenta pessoas, a maioria judeus, camponeses na condição de refugiados, pois eles perderam seus bens, gados e tiveram as casas incendiadas pelos nacionalistas ucranianos aliados dos alemães. Expõe que “[...] [o]s judeus vêm dos guetos, ou fugiram dos campos de trabalho forçado dos alemães. Cada um tem uma história terrível atrás de si, há velhos, mulheres, crianças e doentes. Só uma dúzia de jovens sabe usar as armas.” (LEVI, 1999, p. 60) e que a melhor proteção do acampamento são os pântanos, por ser uma área muito extensa e de difícil acesso devido à quantidade de água e lama.

Ressaltamos a importância dessa troca de experiência, na qual, segundo Benjamin (1994), os mais velhos, em suas comunidades, transmitem conhecimentos para os mais jovens. Verificamos que, diante da necessidade de fugir do contexto bélico em que as tropas alemãs tinham como um dos objetivos exterminar os povos judaico-cristãos, os refugiados adotaram como estratégia de resistência a ajuda mútua, sobretudo a troca de experiências no interior dos acampamentos e nas ações das patrulhas de combate.

Em relação à alimentação, Dov esclarece que vinham do bosque verduras, rãs, carpas, cogumelos e pequenos frutos, mas recebia apoio dos grupos da resistência, porque há uma espécie de ajuda mútua. Os moradores da República trabalham internamente na fabricação de botas e consertos de calçados, lavam roupas, e tanto Adam quanto Dov enfatizam que lá tem que trabalhar, sendo necessário mostrar para os da resistência que os homens, os moradores da República, também são importantes. E no inverno necessitam de apoio dos membros da resistência para se alimentar, já que recebem alimentação via paraquedas e não têm a obrigação de dividir com os da não resistência. Dov relata que:

Muitos chegam, outros partem ou morrem. Partem os jovens, com ou sem minha permissão – preferem se juntar de modo estável aos da resistência, em vez de vegetar nesta república na fome e no medo. Morrem os velhos e os doentes; mas morre também gente jovem e saudável, de desespero. O desespero é a pior doença: ataca nos dias de expectativa, quando faltam notícias e contatos, quando se anunciam movimentos de tropas alemães ou de mercenários ucranianos e húngaros; esperar é mortal com a desinteria. (LEVI, 1999, p. 63).

Esse trecho nos reporta ao processo de degradação humana, porque, mesmo dentre aqueles que fugiram dos Campos de Concentração, dos guetos, são poucos que conseguiram voltar para casa, ou manterem-se vivos, pois a maioria chegava nos acampamentos de refugiados em situação precária, uma vez que a degradação humana já atingiu sua totalidade: morrem, enlouquecem e até mesmo tiram a própria vida, ou seja, entregam-se, conforme a narrativa, deixam-se ir para o fundo.

Quanto a Mendel e Leonid, primeiramente, entraram no trabalho de sentinela da República, posteriormente, ajudaram no curtume, uma oficina de trabalho para limpeza e preparo de couro de animais para fabricação de botas para os soldados da resistência. Havia uma espécie de troca: Adam fornecia botas de couro aos soldados e eles alimentos, remédios, entre outros suportes bélicos.

Adam conta a história de Dov: ele também era um ex-prisioneiro de guerra, siberiano, judeu, e foi selecionado para o serviço de aviação quando estourou o confronto bélico; porém, em 1941, se tornou prisioneiro e foi parar em um *Lager* totalmente de arame farpado, com “dez mil soldados extenuados, feridos, loucos de sede e de fome” (LEVI, 1999, p. 64). Dov só não morreu porque não descobriram que ele era judeu. Todavia, em uma transferência de mil prisioneiros, ele conseguiu fugir de um vagão que estava com parte do assoalho podre, saltou do trem em movimento, quebrou uma das pernas, mas deslocou-se até uma aldeia e recebeu apoio de uma família de camponeses, durante cerca de seis meses e depois se integrou ao grupo

da resistência judaica. Essas experiências pessoais são potencializadas, no decorrer da narrativa, como testemunhos, como memórias, como o narrar suas próprias histórias, são também partilhadas entre os integrantes dos grupos e, assim, assumem um caráter de resistência.

Nessa República, entre os refugiados, inicia-se o primeiro romance da história: Leonid começa a gostar da moça Line. Ele tem resistência de trabalhar no curtume, alega não suportar o mal cheiro dos couros curtidos, e se prontifica em atuar no setor onde Line e outras mulheres trabalhavam no preparo da madeira de bétula para fazer alcatrão, solicitando transferência para o setor, mas não é atendido. Entediado, não comparece ao trabalho a que foi designado e tal falta é vista como transgressão disciplinar, segundo as regras da República e impostas por Dov.

O responsável pelos trabalhos e por manter a disciplina na República não adverte diretamente Leonid, mas, sim, Mendel, declarando que o não comparecimento ao trabalho seria uma falta grave. Mendel responde, de forma ríspida e direta, que ele não era responsável por Leonid, tampouco por suas ações, “mas ao dizer isso sentia que alguma coisa o incomodava no coração, pois se dera conta de que as palavras que lhe saíam da boca eram aquelas que Caim dissera quando o Senhor lhe perguntara por Abel” (LEVI, 1999, p. 66), e notamos que, nessa passagem, Levi dialoga com os estudos bíblicos referentes ao Criador.

O narrador nos mostra que esse incômodo continua a perturbar Mendel. Leva-o a pensar no contexto que estava vivenciando e ao refletir chega à conclusão de que “talvez seja assim mesmo, talvez cada um de nós seja um Caim de algum Abel” (LEVI, 1999, p. 66). Tal reflexão possibilita a Mendel tentar minimizar a conduta do companheiro por ter se afastado do trabalho, pois ele justifica ao chefe que Leonid teve uma vida difícil, mas, para Dov, isso era natural de todos que se encontravam naquela condição:

Não havia desculpas para a *partisanscina*, disse Dov com dureza. O que era a *partisanscina*? Anarquia daqueles da resistência, explicou-lhe Dov, a falta de disciplina. Um grave perigo. Estar fora da lei não quer dizer não ter lei. Para se salvar da morte fascista é preciso aceitar uma disciplina mais rígida do que a imposta pelos fascistas; mais rígida porém mais justa, porque voluntária. Quem não está em condições de aceitá-la é livre para ir embora. (LEVI, 1999, p. 66-67).

O autor traz, em forma de denúncia, a imposição da ideologia e da doutrina nazistas, por meio das leis e das normas que foram empregadas nos Campos de Concentração, as quais reverberam nos espaços extracampo, visto que, mesmo em grupos de refugiados, de ex-prisioneiros, de sobreviventes e da resistência, há uma tentativa de doutrinação e imposição de normas em nome da sobrevivência. Essa imposição potencializada no discurso de Dov, porque

ele atesta: “Quem não está em condições de aceitá-la é livre para ir embora” (LEVI, 1999, p. 66-67).

Podemos, então, reafirmar o processo de degradação humana, pois nos Campos de Concentração havia essa prática de desumanização que abrangia tanto os prisioneiros quanto os policiais, os *Kapos* e os profissionais de saúde, entre outros. Tzvetan Todorov (2017, p. 291) defende que “[a] despersonalização pode atingir tanto a si mesmo quanto a outrem”, porque, na prática, de modo desatento ou mecânico, os carrascos, os guardas, os carcereiros e demais profissionais da segurança também se esquecem de sua condição humana.

Além dessa advertência verbal, Dov designa Mendel e Leonid para uma missão de sabotagem de uma ferrovia, a fim de interromper a única linha que restava para os alemães fazerem o transporte de suprimentos para suas bases. Mas, para esse trabalho, o comandante é surpreendido: Leonid se prontifica para missão e se demonstra capacitado, afirmando ter tido treinamento no curso de paraquedistas, de modo a aprender vários métodos. Mendel e Leonid aceitam a missão e Dov escala um guia, o personagem Karlis, conhecedor da região; no início da guerra, ele trabalhava com os alemães na caça aos da resistência judaica. A missão foi executada com sucesso, porém, no retorno para a República, Karlis fugiu, e Mendel e Leonid relataram para Dov o trabalho e o desaparecimento de Karlis.

Dov explicou que era uma situação natural, pois muitos decidiam partir e não teria como impedir, uma vez que a República não era um *Lager*, e as pessoas eram livres para seguir seus destinos. Todavia, ele determinou que todos deveriam tomar cuidado nos próximos dias, porque essa fuga poderia trazer sérios problemas, já que “[a] recompensa da polícia era sedutora, dez rublos por judeu denunciado – os alemães são gente generosa” (LEVI, 1999, p. 71). Nisso, há uma ironia do narrador em terceira pessoa, visto que a política nazista era exterminar os judeus, portanto, os alemães pagavam por informações que levassem eles até os judeus.

O que aliviava a angústia das pessoas no cotidiano da República, segundo o narrador, eram as notícias via rádio e as vindas da rádio de Moscou, as quais diziam que as tropas aliadas estavam avançando cada vez mais rumo à Alemanha, já as tropas do eixo estavam cada vez mais enfraquecidas, “reduzidas à metade”.

Outro inimigo cruel dos refugiados e dos grupos de resistência era o inverno, porque, com a chegada dessa época, além da falta de alimentos advindos dos bosques, os refugiados poderiam ser vistos facilmente do alto, ademais, as pegadas na neve poderiam ser facilmente lidas, tanto do alto como do chão. Para eles, o inverno era chamado de face negra dos pântanos e, para suportar o frio, era necessário acender fogueiras, porém a fumaça denunciava a posição a quilômetros de distância.

Nesse período de fase negra, Dov utilizou a produção de botas para moeda de troca por alimentos e agasalhos: “mandou uma missão a Rovno, uma aldeia de ucranianos batistas, para trocar uma partida de botas por víveres e lã” (LEVI, 1999, p. 75). De acordo com o narrador, os batistas eram menosprezados tanto pelos alemães quanto pelos russos, todavia mantinham boas relações com os judeus. Os homens de Dov retornaram de Rovno com uma carga satisfatória de mercadoria e com uma mensagem para ele: “Vinha assinada por Gedale, o lendário comandante, aquele que havia liderado a revolta do gueto de Kosovo, e cuja vida fora salva por um violino” (LEVI, 1999, p. 75).

Tal mensagem enfatizava dois pontos importantes. Primeiramente, Gedale informava Dov sobre a atual situação do gueto de Soligorsk, pois os alemães haviam fixado um decreto de “anistia”, e as transferências forçadas estavam suspensas: “os judeus que se escondiam na região, em especial os artesãos, eram convidados a voltar para o gueto, não seriam punidos pela fuga e receberiam contas de mantimentos. Que Dov, tendo em vista o inverno, agisse do modo que julgasse mais apropriado” (LEVI, 1999, p. 75). Em diálogo com Mendel, Dov opta por deixar essa questão em um segundo plano.

Quanto à segunda questão, Dov decide rapidamente enviar dois homens para a operação, visto que se tratava de um convite para uma caçada, a qual significava perseguir os caçadores de humanos, especificamente, os alemães e seus aliados. Mendel ofereceu-se prontamente como voluntário para essa missão, porque tinha experiência e formação militar, porém Dov explicou que nem Mendel nem Leonid iriam, pois para esse tipo de operação deveriam ir os menos experientes.

Assim, Dov mandou Ber e Vadim, ambos jovens e imprudentes, “[s]ó carregavam uma pistola e duas granadas de mão cada um” (LEVI, 1999, p. 76). Após dois dias, Vadim retornou sozinho; baleado, só conseguiu relatar brevemente a operação, e faleceu no decorrer da noite. Ele contou que os russos da resistência, inicialmente, com uma única rajada, tinham conseguido matar quatro oficiais da Alemanha, mas o restante do confronto foi uma confusão danada, em que não se sabia quem estava atirando. Nesta situação, Ber caiu logo morto, porque estava mal posicionado.

Em relação à perda desses dois judeus, Mendel, o portador da palavra, teceu fortes críticas a Dov, pois escolheu e enviou dois homens para a morte. Na condição de chefe, ele reproduz a prática dos SS, os quais deram autonomia para os *Kapos* escolherem alguém para ir às câmaras de gás. A nosso ver, Mendel possuía essa leitura e Dov tinha conhecimento de que se tratava de um confronto armado; Mendel, por ter experiência, se prontificou para a operação, mas Dov, de forma arbitrária, mandou dois jovens judeus totalmente sem experiência.

Dov reconheceu o erro, já que a operação foi um fracasso, mas, com a morte de quatro oficiais, ele sabia que poderia sofrer represália do comando alemão. Nesse sentido, Dov enviou um mensageiro a Rovno para solicitar ajuda ao Gedale, porém o mensageiro não encontrou Gedale, tampouco o bando. Tal mensageiro relatou que

vira os camponeses de Rovno, homens e mulheres, de mãos amarradas na praça. Vira um destacamento de ss com armas apontadas, que os faziam subir num caminhão. Vira homens da milícia auxiliar, ucranianos ou lituanos, que pegavam montes de pás de um barracão e as colocavam no caminhão, e vira o caminhão tomar o rumo do grande vale ao sul da aldeia, seguido pelas ss, que se divertiam e fumavam. (LEVI, 1999, p. 77).

A passagem retoma a cena descrita anteriormente por Mendel na aldeia Strelka, em que os alemães determinaram à população local cavar uma vala e depois foi fuzilada dentro dela. Diante dessa situação, Dov ressalta que “[o]s alemães não tardarão em nos localizar” (LEVI, p. 1999, p. 77) e tratou logo de agilizar a outra questão pontuada por Gedale e verificar a possibilidade de retorno para o gueto de Soligorsk, porque os alemães haviam prometido “anistia” para os judeus. Muitos preferiram o retorno, já que a sobrevivência no período do inverno, sem garantia de alimentação, era quase impossível. A maioria deles eram “artesãos, no gueto haveriam de trabalhar, e em Soligorsk tinham suas casas, e junto às casas o cemitério. Preferiam a servidão e o pão escasso do inimigo: como criticá-los?” (LEVI, 1999, p. 77), trecho no qual percebemos um processo de controle dos corpos, uma subjugação do corpo humano, pois os refugiados tornam-se corpos dóceis, uma vez que a fome também era uma das estratégias explorada pelos alemães como moeda de troca, cujo objetivo principal era tornar os homens famintos, a ponto de estarem constantemente à procura de alimentos.

Ainda por essa ótica, o narrador conta que

Mendel recordou uma voz terrível de três mil anos antes, o protesto que os judeus perseguidos pelos carros do faraó tinham contra Moisés: “Faltavam então túmulos no Egito para que você nos trouxesse para morrer aqui? Servir aos egípcios era para nós sorte melhor que morrer no deserto”. (LEVI, 1999, p. 77-78).

Além de a narrativa dialogar com as experiências vivenciadas por Primo Levi nos Campos de Concentração nazistas, ela é atravessada por outras vozes, como vimos apontando, porque o autor mantém diálogos intertextuais com os estudos bíblicos. Diante das dificuldades de sobreviver no deserto, os religiosos questionaram Moisés e Levi, através da voz do narrador, cita a passagem em que, segundo os preceitos bíblicos, houve intervenção divina: “O Senhor

nosso Deus, o Senhor do Mundo, dividira as águas do mar Vermelho, e os carros haviam sido tragados.” (LEVI, 1999, p. 78).

A voz narrativa reflete ainda: “Quem dividiria as águas diante dos judeus de Novoselki? Quem os alimentaria com perdizes e maná? Do céu negro não caía maná, e sim a neve impiedosa.” (LEVI, 1999, p. 78). Nesse viés, o autor tece crítica ao Criador, pois há a experiência bélica catastrófica, que foi a Segunda Guerra Mundial, e os Campos de Extermínio de humanos comandados pela política do governo alemão e aliados, em que os prisioneiros se viram totalmente desprotegidos, abandonados pelas autoridades que silenciaram, e até mesmo desamparados por Deus. Ao dar voz ao personagem Mendel, na condição de judeu e sobrevivente, ele faz essa comparação com os escritos bíblicos, porque há um céu coberto por fumaça, decorrente do contexto bélico de bombas e explosivos, e também coberto por neve, devido ao inverno.

Além dessas reflexões, o narrador em terceira pessoa detalha que cerca de vinte sete dos refugiados que viviam na República, sobretudo aqueles que não desempenhavam função militar, como as crianças, os velhos doentes e os artesãos, ao ouvirem as orientações de Dov, optaram pelo retorno ao gueto de Soligorsk. Assim, o chefe tratou de providenciar o transporte para eles, os quais partiram em silêncio, mas com esperança de viverem um pouco mais. Segundo o narrador, esses personagens, “logo ocultos do olhar pela cortina de neve, eles desapareceram desta história” (LEVI, 1999, p. 78).

Todavia, a voz narrativa, na página cento e vinte oito, reafirmará que era uma prática recorrente dos alemães retornar aos guetos de Soligorsk e, covardemente, eliminar todos os judeus sem exceção: “A guerra deles era assim, uma guerra em que não se volta a olhar para trás e não se fazem contas, uma guerra de mil alemães contra um judeu e de mil mortos judeus contra um morto alemão” (LEVI, 1999, p. 128).

Ainda no contexto da República, prevendo um possível ataque das tropas alemãs, Dov manda providenciar algumas estratégias de guerra, como cavar *bunkers* nos arredores do acampamento, buracos grandes camuflados no terreno com tábuas e neve, como uma espécie de armadilha para interromper os tanques de guerra alemães.

Esse ataque foi inevitável. Em torno de dois dias após a preparação do terreno e da segurança, os caçadores de homens, fortemente armados com cerca de três tanques de guerra, atacaram os refugiados da República, e, apesar de serem, inicialmente, surpreendidos pelos homens comandados por Dov, os alemães com os tanques e os explosivos destruíram o prédio do mosteiro e mataram quase todos. O narrador relata que:

Ouviram explosões de granadas e ordens berradas por um alto-falante, viram homens e mulheres saindo das trincheiras com as mãos para o alto. Viram os caçadores de homens, que os revistavam rindo, interrogavam-nos e os alinhavam contra a parede; mas não será narrado tudo o que aconteceu no pátio do mosteiro de Novoselki. Não é para descrever massacres que esta história se narra a si mesma. (LEVI, 1999, p. 79-80).

Nessa passagem, verificamos que o autor, de maneira sutil, retoma as suas experiências vivenciadas nos Campos de Concentração e denunciadas em suas obras de cunho memorialístico e testemunhal, sendo uma prática comum entre os soldados alemães divertirem-se sarcasticamente com os prisioneiros, sobretudo com os judeus.

Além disso, o fato de o narrador afirmar que “não será narrado tudo o que aconteceu no pátio do mosteiro de Novoselki” (LEVI, 1999, p. 80) também nos leva a pensar nos relatos testemunhais de Levi (1988), em *É isto um homem?*, ao atestar que presenciou fatos inenarráveis. Na condição de sobrevivente dos Campos de Extermínio, conta que sente dificuldade de narrar, porque, em alguns casos, faltam-lhe palavras, falta uma linguagem capaz de descrever todos os fatos em sua totalidade.

Tal ataque constitui uma das cenas mais aterradoras, visto que, dos cinquenta combatentes e refugiados na República, após o massacre alemão, restaram apenas dez: Mendel, Dov, Leonid, Line, Pavel, Sissl, a filha de Adam e mais quatro integrantes refugiados que vieram de Ozarici. E, de acordo com o narrador, “[o] primeiro a se recuperar foi Pavel” (LEVI, 1999, p. 81), o mais robusto deles, que tentou, imediatamente, trazer ânimo para os demais, pois ainda era possível se abrigarem no subsolo, porque o local não foi atingido pelas explosões.

Com a morte de Adam, Dov ficou sendo o principal líder, porém estava um pouco debilitado. Ouviu sugestões dos companheiros, entre eles Mendel e Pavel, e tomou a decisão de partirem logo, em busca de encontrar o grupo da resistência judaica liderado por Gedale e Ulybin. No outro dia, tiveram informações preciosas através do guarda florestal, o personagem Oleg, de que tal grupo se encontrava em Turov, a cerca de setenta quilômetros a oeste; e o guarda, felizmente, também ensinou o caminho mais seguro, para evitar o encontro com patrulhas inimigas.

2.2 Os dez sobreviventes do massacre em Novoselki

Após a ação genocida das tropas alemãs, os dez sobreviventes partiram para Turov. Nesse deslocamento, eles enfrentaram muitas adversidades com o terreno nevado, o frio e a sede, porque, além desses elementos, ainda tinham que transportar a bagagem, armas, munições

e alimentos. E Dov com dificuldade de caminhar, pois o joelho e fraturas do passado voltavam a incomodar, mas os companheiros ajudaram durante o deslocamento. No decorrer da marcha, eles se depararam com uma isbá, habitação camponesa russa; especificamente, notaram uma elevação mais alta e ondulada na neve, escavaram e adentraram para passar a noite.

No correr da noite, foram surpreendidos por uma patrulha de esquiadores membros da resistência, conseqüentemente, do bando de Ulybin e Gedale. Primeiramente, os esquiadores fizeram a abordagem operacional padrão, um apontou uma metralhadora e deu o comando de advertência: “uma voz gritou em russo: ‘Estão sob nossa mira. Não se mexam; mantenham as mãos na cabeça. Um de vocês saia com as mãos levantadas e sem armas.’” (LEVI, 1999, p. 85). Tais ordens foram obedecidas e, na seqüência, Dov respondeu aos seguintes questionamentos: “‘Quem são vocês? De onde vêm e para onde vão?’” “‘Somos soldados, membros da resistência e judeus. Não somos dessa região, estamos vindo de Novoselk.’” (Levi, 1999, p. 85). Dov completou:

“Companheiro, éramos cinquenta e só dez estamos vivos. Combatemos e nosso acampamento foi destruído. Estamos desgarrados e cansados, mas estamos em condições lutar; procuramos um grupo que nos acolha. Queremos continuar a nossa guerra que é também a de vocês.” O homem vestido de branco respondeu: “Veremos depois se têm condições de lutar. Não podemos aceitar bocas inúteis; entre nós só come quem combate. [...]” (LEVI, 1999, p. 85).

Após a rápida descrição de Dov e a exposição daquilo que ele e seus parceiros pretendem, o que está atrelado a condições físicas e emocionais de lutar, como ressalta o responsável pela patrulha, esse também se identificou: “[...] Chamo-me Piotr. [...]” (LEVI, 1999, p. 85), confirmando que os esquiadores eram membros, justamente, do grupo de Gedale e Ulybin.

Piotr e seus companheiros trataram de ajudá-los a chegar no acampamento, pois estavam a um dia de viagem, mas, por segurança, exigiram que eles se deslocassem com as armas desmuniçadas, e as munições ficaram sob a responsabilidade de Piotr. Os esquiadores deram apoio para o transporte das bagagens e ajudaram, principalmente, Dov, pelas dificuldades em caminhar.

O acampamento ficava muito bem protegido, no meio do bosque, e era muito bem estruturado. O bando estava nessa região há três anos e tratou de construir um conjunto de cabanas de madeira que oferecia conforto e segurança, não sendo fácil localizá-las. O bosque estava todo minado, a partir de trinta metros das cabanas e Piotr explicou que fizeram a

desativação das minas de um acampamento ocupado pelos alemães e recuperaram todas as bombas, a fim de utilizá-las no terreno para proteção do acampamento onde estão.

Gedale não se fazia presente e o grupo de Ulybin era composto por cerca de setenta homens, ele designou Mendel para o trabalho de manutenção das armas e dos rádios, e havia trabalho até para a profissão de Leonid, contador, porque o grupo tinha um furriel, militar, o qual cadastrou os recém-chegados com nome, idade, nacionalidade, número de documento e profissão, apesar de quase todos não terem documentos.

Piotr manteve um relacionamento amigável com os recém-chegados e, em diálogo com Mendel, narra a iniciativa de Michail, o radiotelegrafista, que recuperou uma antiga máquina tipográfica movida a pedal, para traduzir os textos da propaganda alemã e reescrevê-los como uma negação aos textos originais. Assim, compôs um manifesto, visando colocá-lo nas aldeias, ao lado dos cartazes alemães, no intuito de combater as ameaças e a tentativa de doutrinação. Eis o conteúdo:

Jovens soviéticos! Não acreditem nos alemães que invadiram a nossa pátria e massacram nossas populações. Não trabalhem para eles; se forem para a Alemanha, vão passar fome e ser chicoteados, e serão marcados como gado; quando voltarem (se voltarem!) terão que acertar contas com a justiça socialista. Nem um único homem, nem um único quilo de trigo, nem uma única informação aos traidores hitleristas! Venham conosco, alistem-se no Exército da Resistência! (LEVI, 1999, p. 90).

Segundo o narrador, além da produção do texto, o radiotelegrafista do grupo tirou centenas de cópias desse manifesto e distribuiu em três aldeias, com o objetivo de apagar totalmente o texto na versão alemã, porque os alemães, além da ameaça, prometiam recuperação da propriedade privada, reabertura das igrejas e convocação dos jovens para o alistamento na organização do trabalho. O excerto anterior, com o conteúdo do manifesto, demonstra a criatividade dos integrantes da força de resistência em apropriar-se, também, da escrita como armas de papel, como estratégia de combate ao inimigo, como uma das formas de resistência.

Ainda em diálogo com Mendel, Piotr pergunta: “Por que os alemães querem matar todos vocês?” (LEVI, 1999, p. 91) e o outro alega que é uma questão difícil de entender, pois seria necessário compreender os alemães, visto que eles consideram que valem mais que um judeu, assim como um judeu vale menos que um russo, e um russo menos ainda que um inglês, e assim sucessivamente. Mendel complementa:

“[...] e que um alemão vale mais que todos; pensam também que[,] quando um homem vale mais que outro homem, tem o direito de fazer dele o que quiser, até mesmo escravizá-lo ou matá-lo. Talvez nem todos estejam

convencidos disso, mas são essas coisas que lhes ensinam na escola, e é dessas coisas que a propaganda deles fala.” (LEVI, 1999, p. 91).

A conversa continua e Mendel explana que não pensa assim, pelo contrário, acredita que não faz sentido dizer que um homem vale mais que o outro. Piotr concorda com ele, mas explica que, no início da guerra, acreditava que os soldados alemães fossem superiores, a ponto de a munição não entrar no corpo deles. Entretanto, depois que matou muito, descobriu que os corpos humanos são todos iguais e não há uma pele mais resistente, capaz de bloquear o projétil da arma de fogo.

Em relação ao ato de matar em combate, Mendel é questionado por Piotr: “[...] E você, judeu, quantos alemães matou?” (LEVI, 1999, p. 91). Ele expõe que pertencia à artilharia e, no campo de batalha, não tem como saber quantos morreram; só recebia as ordens via rádio, as informações necessárias do direcionamento do alvo ou da tropa inimiga, e as executava. Geralmente, só se ouvia as explosões a cinco ou dez quilômetros de distância.

Nessa interlocução, Mendel retoma na memória a cena da tragédia ocorrida em sua aldeia, na qual os alemães determinaram aos judeus cavarem uma vala, depois eles foram enfileirados e fuzilados todos, sem exceção. O narrador-personagem revive na memória a dor da perda, o trauma e dá testemunhos, além disso, prontifica-se para a luta da resistência:

E desde então penso que matar é terrível, mas os alemães nós não podemos deixar de matar. De longe ou de perto, do seu jeito ou do nosso. Porque matar é a única linguagem que entendem, o único raciocínio que os convence. Se atiro num alemão, ele é obrigado a admitir que eu, judeu, valho mais que ele; é essa a lógica para ele, entende, não para mim. Eles só entendem a força. É claro, convencer alguém que morre não ajuda muito, mas com o passar do tempo também os seus camaradas acabam por entender alguma coisa. Os alemães começaram a entender alguma coisa só depois de Stalingrado. (LEVI, 1999, p. 92).

Esse excerto remete-nos ao processo de degradação humana, porque o narrador-personagem assegura que a única forma de o judeu ser reconhecido como homem por outro homem de nacionalidade alemã é matando-o. Matar, para os sobreviventes e refugiados, se torna uma linguagem, a maneira de comunicação com os alemães e seus aliados. De forma semelhante, mesmo dentro dos grupos de resistência, há as rotulações preconceituosas para com os judeus, pois Piotr considera que: “[...] Mas vocês são estranhos. São gente estranha. Uma coisa é atirar e outra é fazer raciocínios. Se uma pessoa raciocina demais acaba não atirando direito, e vocês raciocinam demais. Talvez seja por isso que os alemães os dizimam. [...]” (LEVI, 1999, p. 92). Tais rotulações contribuem para a despersonalização e a perda da

identidade do sujeito, visto que o discurso de Piotr, em um primeiro momento, é de cunho depreciativo aos judeus.

Quando Mendel pergunta por Gedale, Piotr reafirma que todos os judeus são estranhos: “[...] Esse Gedale atirava quase tão bem quanto eu, não sei quem tinha lhe ensinado; mas fazia poesias, e carregava sempre um violino.” (LEVI, 1999, p. 92). O fato de um cidadão ser judeu, para o militar russo, não é normal ter desenvolvido a habilidade de ser um bom ou excelente atirador. “Compunha canções e as acompanhava com o violino?”, indaga Mendel, ao que responde:

“Não, as poesias eram uma coisa e o violino era outra. Tocava de noite; estava com ele quando os alemães deram aquela batida grande ao redor de Luninets. Conseguimos furar o cerco, e um soldado austríaco atirou nele; a bala transpassou o violino, e assim perdeu a força e não fez nada nele. Ele vedou os furos com resina de pinheiro e esparadrapo da enfermeira, e desde então passou a carregar sempre o violino. Dizia que tocava melhor que antes, e até pendurou no instrumento uma medalha de bronze que encontramos num húngaro morto. Como pode ver, era mesmo um tipo estranho.” (LEVI, 1999, p. 93).

Interpretamos que compor poesia, tocar violino e cantar nas horas vagas, como sugere a narrativa, funcionam como uma estratégia de resistência. A arte tem esse poder de, mesmo em ambiente-limite, transportar-nos para outro contexto. Tais estratégias serão abordadas, a partir das ações do personagem Gedale, no terceiro capítulo desta Dissertação.

A narrativa se volta para as questões operacionais relacionadas ao trabalho estratégico de sabotagem ao inimigo, e o chefe do acampamento, Ulybin, precisava de alguém que dominasse o idioma alemão. Nesse sentido, se destaca, positivamente, o personagem Pavel, porque dominava vários idiomas, e para essa missão também foi selecionado Mendel, uma vez que tinha conhecimento básico de eletricidade e, na prática, consertava rádios de comunicação, pois o chefe precisava interceptar uma linha telefônica instalada pelos alemães entre a aldeia de Turov e a estação de Zitkovici. A missão foi realizada com sucesso, obtiveram informações preciosas acerca das tropas nazistas e conseguiram capturar um alemão e dois ucranianos.

Quanto às cenas relacionadas aos romances entre membros da resistência judaica, são compreendidos também como uma estratégia para suprir a falta, para superar o trauma. No caso de Leonid, era visto por todos como um cara ingênuo e obcecado pela namorada Line, principalmente por Mendel, que se preocupava com o estranho silenciamento do companheiro. Todavia, aos poucos, demonstra sentir algo por ela. O narrador aponta para algo que incomodava Mendel, como inveja, ciúmes e uma espécie de acionamento na memória que o levava a recordar sua amada, que foi cruelmente fuzilada pelos SS:

Inveja, embebida em ciúmes, dos dezenove anos de Leonid, daquele seu amor precipitado e nativo que lhe recordava dolorosamente o seu próprio, de seis anos antes (ou sessenta, ou seiscentos?), aquele que o atira nos braços de Rivke como uma flecha que busca o alvo: Rivke! Inveja também da sorte que havia guiado Leonid para dentro do campo de força que Line irradiava: um rapaz como ele podia cair em alguma armadilha, mas Line não parecia uma mulher-armadilha. (LEVI, 1999, p. 106).

Esses dois personagens, que protagonizam grande parte da narrativa, lidam cada um a seu modo com o trauma: Mendel, por exemplo, revive na memória a necessidade de narrar, enquanto a experiência traumática vivenciada por Leonid é mais potencializada, já que ele carrega uma cicatriz que o impede de narrar, embora manifeste desejo de contar algo sobre sua dor, sobre seu passado. Mendel vê essa obsessão do companheiro por Line como uma fuga da sua dor: “Eu o invejo, mas também receio por ele” (LEVI, 1999, p. 107). E detalha-nos o narrador que “[d]iante de Line, Mendel era atingido pela impressão de uma substância humana preciosa e insólita, mas inquieta e inquietante” (LEVI, 1999, p. 107). Verificamos, então, o surgimento de um possível triângulo amoroso entre Leonid, Line e Mendel, o qual resultará posteriormente com a morte de Leonid, pois o envolvimento de Mendel com Line afeta, de modo profundo, o estado psicológico do rapaz. Ele parte duas vezes rumo à morte: na primeira, o narrador nos mostra que Leonid almejava atirar desesperadamente em uma base alemã, porém foi detido por uma patrulha polonesa e resgatado pelos gedalistas; na segunda, morreu em combate numa operação de desativação de um *Lager*, com um tiro no peito.

Tal morte daquele que se igualava, metaforicamente, a um relógio enferrujado possibilita-nos compreender que, por mais que Mendel almejava ajudar o companheiro Leonid, ele não conseguiu, visto que Mendel também se depara com essa falta, essa ausência e essa impossibilidade de uma linguagem capaz de explicar o inenarrável. Leonid não conseguia expressar suas dores, livrar-se de suas feridas e, ao mesmo tempo, Mendel não consegue superar a perda de sua esposa. Mas, apesar de viver em situação-limite, é tocado, de alguma forma, pela companheira da resistência armada, Line, a única mulher que o leva mentalmente às suas lembranças e às suas memórias por meio de imagens da amada de infância, sua ex-companheira e esposa.

Mendel, mesmo sendo um admirador de Line, torna-se amante de Sissl:

os companheiros falavam de Sissl a Mendel dizendo “a sua mulher”, e Mendel se sentia gratificado. Encontrava em Sissl paz e conforto, mas não estava seguro de amá-la, porque tinha muitos pesos na alma, porque se sentia cheio de cicatrizes, e porque a presença de Line o perturbava (LEVI, 1999, p. 107, grifo do autor).

No acampamento em Turov, sob o comando de Ulybin, Line exigia que fosse admitida nos treinamentos com os demais combatentes, ressaltando que “era um membro da resistência, não uma refugiada” (LEVI, 1999, p. 108). Tal disposição da moça encantava mais ainda Mendel, que via nela coragem e força, virtudes que deveriam ser renovadas a cada dia e todos precisariam seguir o exemplo dela. Entendeu por que Leonid foi arrastado por ela, mas não admitia que o companheiro a seguisse, como um cachorro segue o dono.

Lembremos que Line, Mendel, Pavel, Dov, entre outros, são sobreviventes do acampamento de Novoselki, onde funcionava uma República para refugiados comandada por Adam e Dov. A República sofreu um ataque das tropas alemães e perdeu quarenta homens. Somente dez sobreviveram e esses partiram para encontrar o grupo de Gedale, vice comandante de Ulybin. Quando os dez sobreviventes chegaram em Turov, Gedale não estava mais neste local, e o narrador revela que houve um desentendimento ente Ulybin e Gedale. Depois, este reaparece, como ainda veremos, com um grupo formado por judeus que se destacaram em alguns confrontos bélicos.

Sobre Line e Mendel, o narrador comenta que “[t]alvez fosse efeito da longa abstinência, mas a Mendel, quando observava Line, acorria-lhe à mente a imagem de Raab, a sedutora de Jericó, e as outras encantadoras de homens da tradição talmúdica” (LEVI, 1999, p. 108). E observamos, através da voz narrativa, que o autor mantém diálogo com as histórias antigas judaico-cristãs, explorando suas experiências de sobrevivente do Holocausto e, também, contextualizando em sua escrita ficcional outros textos literários, sobretudo a partir de seu conhecimento intelectual e cultural.

Conforme já sublinhamos, o personagem Mendel reativa em sua memória conhecimentos adquiridos por meio da leitura das escrituras judaicas, especificamente aqueles dos mestres rabínicos, que na tradicional cultura judaica são proibidos para o público leitor comum. Todavia, Mendel, aos treze anos, teve acesso ao livro de seu mestre rabino, livro que faz referência à existência das mulheres encantadoras de homens, consoante o relato que nos chega:

Michàl, que fascinava quem a olhava, Giaele, a mortífera guerrilheira de antigamente, que havia perfurado as têmperas do general inimigo com um prego mas que seduzia todos os homens apenas com o som de sua voz. Abigail, a rainha desatinada, que seduzia quem pensasse nela. Mas Raab era superior a todas, qualquer homem que pronunciasse o nome dela expelia instantaneamente o seu sêmen. (LEVI, 1999, p. 108-109).

Apesar de o narrador fazer uma aproximação de Line à Raab, de apontar na narrativa a sedução feminina, Line não pratica sedução alguma, pelo contrário, ela é descrita como uma mulher sofrida devido à guerra e à política nazista de caça e extermínio dos judeus. Vale lembrar que a personagem Line é admirada por sua coragem, sua disposição e seu desejo de lutar, não só pela sobrevivência, mas também pelo reconhecimento de sua identidade.

Em relação ao período de inatividade dentro dos acampamentos, segundo o narrador, os integrantes da resistência judaica se deparavam com uma fome-nostálgica, diferente daquela narrada pelos sobreviventes dos *Lagers*, uma fome que despertava o desejo de comer verduras, pão saindo do forno, comida simples, escolhidos conforme a vontade e o contexto. Igualmente, a saudade era pensada para todos e sentida por todos, porém, para os russos, a nostalgia do lar funcionava como uma esperança não irracional, algo possível, um desejo de retorno, uma espécie de apelo. Já, para os judeus,

a saudade de suas casas não era uma esperança mas um desespero, sepulto até então debaixo de dores mais urgentes e graves, porém latente. As casas não existiam mais: tinham sido destruídas, incendiadas pela guerra ou pelos massacres, ensangüentadas por esquadrões de caçadores de homens; casatúmulo, nas quais era melhor não pensar, casas de cinzas. (LEVI, 1999, p. 114-115).

Desse modo, por meio da ficção, o autor faz uma representação dos judeus que perderam tudo, mas ainda tiveram força para lutar pela sobrevivência, pela reconstrução da identidade dos povos judaicos e pelo direito de igualdade do ser humano. Nesse viés, ainda nos provoca com os questionamentos: “Por que continuar vivendo, por que combater? Em prol de que casas, de que pátria, de que futuro?” (LEVI, 1999, p. 115), questões que o narrador propõe ao longo da narrativa, junto a alguns elementos que justificam não se entregar ao projeto nazista de destruição do homem. Gedale e um grupo de judeus hebraicos entram em cena e os gedalistas, por exemplo, representam até o final da história essa força de resistência em prol da vida humana, em prol da reconstrução da identidade judaica e acredita em um mundo melhor.

Ademais, a narrativa abarca as ações da resistência judaica, sobretudo do bando gedalista, como sabotagem de ferrovia e estação ferroviária, ataque surpresa na retaguarda dos *Lagers* e libertação de prisioneiros, ações conjuntas com outros grupos de resistência, a exemplo da resistência polonesa, o cerco final do Exército Russo e das tropas aliadas contra as potências nazifascistas, e o contexto pós-guerra. Nesse, são narrados os deslocamentos dos refugiados, dos sobreviventes, dos militares de diferentes nacionalidades em retorno para suas pátrias; porém, os judeus, os gedalistas, não têm mais pátria, não têm mais casas e não têm mais

família, portanto, eles decidiram se manter juntos e unidos até à Itália, pois o país italiano é descrito como acolhedor.

Os gedalistas realizam a extensa viagem até Milão e almejam, no futuro, ir para a Palestina. Ao longo da viagem, Mendel reflete sobre o contexto pós-guerra, revive suas memórias e pensa no porvir. O narrador nos conta que nem Mendel nem seus companheiros tiveram a oportunidade de viver em uma terra tão rica e civilizada:

Sentia-se cansado e estrangeiro. Sozinho, agora: sem mulheres, sem objetivo, sem país. Sem amigos? Não, isso não podia dizer; os companheiros permaneciam, acabariam ficando: preenchiam o seu vazio. Não lhe importava de onde o trem o arrastava; tudo estava feito, havia cumprido com o seu dever, não facilmente, nem sempre de boa vontade, mas o cumprira. Encerrado, acabado. A guerra tinha acabado, e o que faz um artilheiro em tempo de paz? O que é capaz de fazer? Relógios? Quem sabe: talvez nunca mais, para atirar os dedos se tornam duros, insensíveis, e os olhos se habituem a olhar para longe, através da mira. (LEVI, 1999, p. 277).

Esse excerto nos propicia retomar a interlocução textual que Primo Levi estabelece com os relatos memorialísticos e testemunhais, cujos sobreviventes repensam o passado, revivem suas memórias, assim como essa sensação de vazio, uma incompreensão ao reconhecer que a guerra acabou. Consequentemente, olham para um presente incerto e indagam: o que fazer? Ou o que se deve fazer? O que nos resta? São questionamentos do próprio Mendel e do grupo. Por essa ótica, entendemos que há uma incompreensão representativa do personagem Mendel no pós-guerra, demonstrando não saber como viver em tempo de paz. Tal incompreensão parece ser fruto da necessidade de relatar suas memórias, suas cicatrizes e o trauma, porque os sobreviventes do Holocausto, os refugiados da guerra, sobretudo os judeus, além da necessidade de narrar, precisam ser reintegrados ao mundo extracampo, lembrando que Seligmann-Silva (2003a) defende que a narrativa testemunhal do sobrevivente dos Campos de Concentração funciona como uma espécie de religamento com o mundo extracampo.

Comprendemos, ainda, que há traços autobiográficos nos relatos testemunhais de Primo Levi. São narrados, entre outros aspectos, a fome, o frio, a sede, o cansaço, as angústias, as alucinações e essa sensação de vazio dos prisioneiros e dos sobreviventes, dando ênfase no estrangeiro, porque o autor se sentia como um. Relativo à necessidade de narrar, Levi (1988, p. 8) formulou que “[a] necessidade narrar ‘aos outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (grifos do autor), e testemunhou que o livro *É isto um homem?* foi escrito com urgência, no contexto pós-guerra, a fim de suprir, primeiramente, tal necessidade, pois, além dos objetivos de denunciar a extrema violência, as monstruosidades praticadas pelos

alemães contra os humanos, o funcionamento da máquina genocida, entre outros, havia o objetivo pessoal de liberação interior.

Retornando aos posicionamentos de Mendel, observamos que o sujeito se auto questiona e tenta encontrar respostas:

Bem, é o meu destino, eu o aceito, mas não me aquece o coração. É um dever, e deve ser cumprido, como quando matei o ucraniano da polícia auxiliar. O dever não é uma riqueza. Tampouco o futuro o é; eles sim, deles sou rico, eles permanecem em mim. Todos: com suas rudezas e defeitos, também aqueles que me ofenderam, também aqueles a quem ofendi. Também as mulheres, mesmo Sissl, a quem deixei estupidamente, mesmo Line, que sabe o que quer todos, e que me deixou; mesmo Bella, que é chata e lenta, mesmo Ròkhele Branca, com seu ventre temerário, que cresce como fruta. (LEVI, 1999, p. 277-278).

O sujeito, além de vivenciar suas memórias após ter perdido sua família, sua casa, seus amigos e em combate durante uma explosão, perdeu-se de seu agrupamento de militares, especificamente, do Exército Vermelho. Mendel reconhece a importância de cada companheiro de luta, sobrevivente e membro da resistência, pois, antes de encontrar-se com eles pelos bosques e pelos pântanos, viveu se deslocando de uma região para outra, sozinho, como bicho do mato, um lobo desgarrado da matilha. É assim que o personagem principal da trama narra sua experiência de um ano.

Mendel, protagonista e narrador de grande parte dessa história, tece considerações para cada membro da resistência, por exemplo, admira muito Piotr que, durante as batalhas, deixou o agrupamento da resistência Rússia para seguir com os geadalistas, demonstrando alegria e estar sempre confiante, na medida do possível. Mendel acredita que Piotr fez a escolha certa: “Escolheu combater conosco e por nós, como os cavaleiros de antigamente, porque é generoso, porque acredita naquele Cristo que nós não acreditamos” (LEVI, 1999, p. 278).

Dessa maneira, o posicionamento do narrador-personagem vai ao encontro dos relatos testemunhais em que Primo Levi, nas obras de cunho memorialístico e testemunhais, tece crítica ao Criador, por haver uma incompreensão por parte dos sobreviventes sobre como foi possível o extermínio de humanos em câmaras de gás e fornos crematórios sem a interferência das autoridades, assim como da interferência divina. Essa é uma queixa que o autor enfatiza em sua produção literária, na qual ele faz questão de denunciar a barbárie, provocar a reflexão do leitor e alertar para o risco do retorno da barbárie, porque, segundo o autor, se aconteceu uma vez pode acontecer novamente, mesmo dentro dos regimes ditos democráticos.

Mendel, acessando suas memórias e baseado em seus conhecimentos bíblicos, intelectuais e culturais, reflete sobre o personagem Gedale, visto que o Gedale da *Bíblia* era um

sujeito com pouca importância. Já o Gedale da residência era líder e admirado por todos. Todavia, Mendel cita as ações que o Gedale bíblico praticou e como foi morto, na época, por Ismael, um membro da resistência, e reconhece que um homem não pode se responsabilizar pelo nome que recebe:

eu me chamo o Consolador e não consolo ninguém, nem sequer a mim mesmo. De qualquer modo, para Gedale seria melhor um outro nome; por exemplo, Jubal, aquele que inventou a flauta e a guitarra; ou Jabal, seu irmão, que foi o primeiro a andar pelo mundo e a andar em tendas; ou Tubalcaim, o terceiro irmão, que ensinou a todos como trabalhar o cobre e o ferro. Eram todos filhos de Lamec. Lamec fora um misterioso vingador, ninguém sabe mais qual era a ofensa que ele tinha vingado. Lamec em Liuban, Lamec em Chmielnik, Lamec em Neuhaus. Talvez Lamec tivesse sido um vingador alegre, como Gedale; à noite, sob a tenda, após a vingança, tocava flauta com os filhos. Não entendo Gedale, não saberia prever nenhum de seus gestos nem nenhuma de suas decisões, mas Gedale é meu irmão (LEVI, 1999, p. 278).

Nessa passagem, notamos que o narrador-personagem dialoga bastante com o autor sobrevivente do Holocausto, Primo Levi. Como Levi, Mendel é portador de grande repertório intelectual, bíblico e cultural. Nessa saga, conforme evidenciamos, Mendel é o homem do laboratório, portador da memória do trauma e do testemunho. É ele o responsável por lidar com as palavras e verbalizar, de alguma forma, o inenarrável em nome daqueles que estão no fundo de uma vala, dos que se foram para o fundo do poço, dos que não retornaram, não tiveram a oportunidade de narrar suas próprias memórias, ou foram silenciados pelas cicatrizes do trauma em consequência do emprego da extrema violência.

Em suas reflexões, tecem argumentos pertinentes, perpassados por outras vozes. Já em relação à personagem Line, Mendel não a vê como irmã:

é muito mais e muito menos, é uma mãe-mulher-filha-amiga-inimiga-rival-mestra. Foi carne de minha carne, entrei nela, há mil anos, numa noite de vento dentro de um moinho de vento, quando ainda havia guerra e o mundo era jovem e cada um de nós era um anjo com a espada em punho. Não é alegre mas é segura, e eu não sou nem alegre nem seguro e tenho mil anos e carrego o mundo nas costas. (LEVI, 1999, p. 278-279).

Nesse trecho, Mendel afirma sua admiração por Line e, entre outras qualidades, define-a como mestra. Além disso, ao reviver as memórias, Mendel está narrando suas experiências de um passado distante, uma vez que já se passaram mil anos. Ele se queixa, por meio da linguagem metafórica, de ter vivido cerca de mil anos e de carregar o mundo nas costas. Acerca de Line, ele conta:

Ei-la junto a mim, não me olha mas olha fixamente para esta paisagem alemã e sabe sempre com precisão o que se deve fazer. Há mil anos, nos pântanos,

eu também sabia e agora ela ainda sabe e eu não sei mais. Ela não olha para mim mas eu olho para ela, e sinto prazer em olhar para ela, e perturbação, e dilaceração, e desejo da mulher dos outros. Line, Emmeline, Raab: a santa pecadora de Jericó. Mulher de quem? De todos, que é como dizer de ninguém; prende e não se deixa prender. Mulher não importa de quem, mas quando revejo o seu corpo na lembrança, quando o advindo sob as roupas, sinto-me dilacerar, e gostaria de recomeçar, e sei que não se pode e justamente por isso me sinto dilacerar. (LEVI, 1999, p. 279).

A voz narrativa realça essa noção de temporalidade com o marco histórico de mil anos atrás e, igualmente, o narrador-personagem resgata em suas memórias a presença perturbadora tanto de Line quanto de Raab e de sua esposa, que acabou fuzilada em uma vala. Essa luta com a perda da amada e o vazio produzido pela ausência da esposa, que se manifesta ao longo da narrativa, são constantes:

[...] me sentiria dilacerar de qualquer maneira, mesmo sem Line, mesmo sem Sissl. Mesmo sem Rivke? Não, Mendel, isso você não sabe, não pode dizer. Sem Rivke seria um outro homem, que pensa sabe-se lá como, um não-Mendel. Sem Rivke, sem a sombra de Rivke, estaria pronto para o futuro. Pronto para viver, para crescer como uma semente: há sementes que vingam em todos as terras, também na Terra de Israel, e Line é uma semente dessa espécie, e todos os outros também. Saem da água e se sacodem como cachorros e se enxugam de suas lembranças. Não têm cicatrizes. Ora, como dizer isso? Sim, têm cicatrizes, mas não falam delas; talvez cada um deles, neste momento, esteja pensando como você. (LEVI, 1999, p. 279).

Tais ponderações nos permitem refletir sobre esse “eu” que revive suas memórias e lembranças. Faz uma espécie de autoquestionamento, pensa no futuro, e, ao mesmo tempo em que deseja negar as marcas do sofrimento, assume ter cicatrizes, porém mantém o silêncio da dor, em função da qual os sobreviventes das guerras e do Holocausto têm dificuldade para narrar o trauma. Tal cicatriz é potencializada pela própria voz narrativa, que se mostra convivendo com a sombra da esposa que foi fuzilada pelas tropas nazistas dentre uma vala e marcada pela incompreensão desse fato.

O agrupamento gedalista chegou em Brenner, Itália, em 25 de julho de 1945. Observamos que se inicia uma nova fase, em que, após o fim da Segunda Guerra Mundial, os gedalistas, aos poucos, tiveram que entregar as armas às autoridades locais. A narrativa apresenta outros judeus que também lutaram contra os alemães e seus aliados, e que se alistaram no Exército Inglês e não sofreram como os integrantes da resistência judaica. Esses outros judeus desenvolveram uma ação de apoio aos refugiados e sobreviventes, em especial aos membros das resistências.

Na estação Brenner, um grupo de soldados em trabalho de fiscalização policial, ao abordarem os gedalistas, lhes explicaram que não precisavam ter medo deles e se apresentaram:

“Somos da Brigada Palestina, estamos vindo da Terra de Israel mas pertencemos ao exército inglês. Subimos à Itália combatendo, junto com os ingleses, os americanos, os poloneses, os marroquinos, os indianos.” (LEVI, 1999, p. 282).

Um militar jovem, chamado Chàim, por meio do idioma iídiche, estabeleceu diálogo com Line, pois ela representava os membros da resistência gedalista na ocasião. Ele esclareceu que portava uma farda inglesa, estava a trabalho, todavia a guerra já tinha acabado e afirmou que: “nós agimos de acordo com a nossa cabeça” (LEVI, 1999, p. 282).

Esses judeus do Exército Inglês, mesmo na função de militares, se encontravam pessoalmente comprometidos em ajudar os judeus das resistências, e para isso precisavam ultrapassar as normas das corporações militares. Frente à recepção que ofereceram aos recém-chegados na estação, conseguiram convencer Gedale e o grupo da resistência judaica a entregar as armas para as autoridades locais, porque, nesse pós-guerra, eles poderiam ser vistos como aqueles que vivem na clandestinidade.

Tais soldados da Brigada Palestina asseguraram que não tinham o intuito de dificultar a viagem deles, mas, ao contrário, o objetivo era ajudar a todos os sobreviventes:

“[...] Nós e toda nossa companhia estamos pela Alemanha, Hungria e Polônia: vamos buscar os judeus que se salvaram dos Lagers, os que se esconderam, os doentes, as crianças.”
 “E o que fazem com eles?”
 “Nós os ajudamos, cuidamos deles, nós os reunimos e os escoltamos até aqui, na Itália. [...]” (LEVI, 1999, p. 282).

Os gedalistas, após se desfazerem das armas, finalmente aceitaram as orientações dos membros da Brigada Palestina e seguiram viagem para Milão, destino final na Itália, pretendido no começo da jornada. Receberam sugestões de Chàim para se apresentarem em locais apropriados para refugiados e membros da resistência, além de um endereço específico que o jovem militar forneceu ao líder Gedale, uma espécie de encaminhamento. Gedale, assim que chegasse à cidade de Milão, deveria procurar o escritório de Assistência aos refugiados e sobreviventes da guerra.

Já em Milão, o grupo pode vivenciar rastros da ruína. Desde a estação, perceberam a destruição provocada pelo conflito bélico, a ponto de imaginarem o início de uma nova guerra. Além disso, a estação estava toda povoada de soldados de diferentes nacionalidades que retornavam para casa como farrapos, militares com fardas elegantes, civis bastante alinhados, entre outros cidadãos que esperavam para seguir viagem. Ademais, nos arredores da estação, via-se inúmeras pessoas em condições de miserabilidade.

Os gedalistas marcharam cerca de três quilômetros até a rua Unione, local indicado por Chàim, onde encontraram um ambiente familiar, pois havia outros judeus. Foram recebidos pela Senhora S., “Adeles S.”, responsável por lá. “O escritório de Assistência pululava de refugiados, poloneses, russos, tchecos, húngaros; quase todos falavam iídiche; todos precisavam de tudo, e a confusão era imensa” (LEVI, 1999, p. 290). Havia, também, mulheres e crianças, muitas famílias acampadas nos corredores com abrigos improvisados.

Pavel, a pedido de Gedale, fez o papel de representante do grupo para o cadastro de formalidade, pois dominava o idioma alemão e também conseguia comunicar-se em italiano. Foram cadastradas trinta e cinco pessoas, todas membros do grupo gedalista e sobreviventes do contexto bélico; de acordo com o narrador, eles se destacaram entre os demais refugiados e sobreviventes que geralmente circulavam nesse local, por causa da vitalidade que ainda carregavam: era “um grupo estranho; refugiados diferentes dos habituais, diferentes dos restos humanos que fazia vários dias desfilavam diante daquele escritório” (LEVI, 1999, p. 291). O mais comum eram os que chegavam em situações degradantes, retratados como “restos humanos”, conforme sugere a narrativa, produtos do processo de degradação humana em sua totalidade.

Posteriormente, os gedalistas seriam encaminhados para uma fazenda que possuía alojamentos para acomodação de todos, vários tipos de trabalho; entretanto, eles foram alocados neste estabelecimento (o escritório), provisoriamente, na condição de hóspedes. Ao chegarem na fazenda, o jovem administrador, de início, não aceitou Ròkhele Branca, por estar grávida e nem Bella: “estas não, estas devem voltar para Milão, não estão aptas para o trabalho agrícola; sobretudo esta, o que fazem na rua Unione, enlouqueceram? O que deu na cabeça de vocês, mandar uma mulher grávida para nós?” (LEVI, 1999, p. 293). Contudo, os gedalistas demonstraram força e união; Line, Gedale, Pavel e Isidor se posicionaram dizendo que não se separariam, porque aquele, diferentemente dos refugiados, era um bando, uma unidade, e, se a companheira grávida fosse mandada de volta para Milão, iriam todos.

Sem opção, o administrador da fazenda aceitou a exigência do grupo. Em consequência, os gedalistas associaram a figura do administrador, pela arrogância, a um chefe do *Lager*; havia trabalhos a serem feitos, mas, na recepção deles, o jovem se comportou de maneira autoritária, de modo que os recém-chegados também manifestaram resistência: “Três ou quatro dos homens de Ruzany resmungaram que não tinham percorrido as estradas combatendo da Bielo-Rússia até a Itália para ser carregadores, e um chegou a murmurar entre os dentes: ‘Kapo’” (LEVI, 1999, p. 293).

A Senhora responsável pelo apoio aos refugiados era, como o marido, de origem judaica e de classe alta. Ela despertou o desejo de conhecer melhor os gedalistas, uma vez que eles, diferentemente dos demais refugiados e sobreviventes, estavam aparentemente muito sujos, esfarrapados e demonstravam cansaço intenso, mas se comportavam, sempre, de cabeça erguida. Defenderam suas origens, apesar de sujos e cansados, adotaram uma performance diferente, não se entregaram à política imposta pelo projeto nazista e construíram uma nova identidade, a de membro da resistência judaica.

Os gedalistas tiveram, ao longo da luta armada, o reconhecimento de autoridades do Exército Russo, dos comandantes da resistência e, parcialmente, do restante das tropas, visto que é retratada também a resistência com os judeus dentro das corporações militares. Reconhecimento igualmente, no pós-guerra, pela população civil, pois a Senhora S. fará um evento em sua resistência com vários convidados, a maioria de nacionalidade italiana, para conhecer os judeus membros da resistência judaica.

Após dois dias de estadia na fazenda, Pavel recebeu uma correspondência de Milão, um convite da Senhora Adeles S, a mesma que recebeu o grupo no escritório de apoio aos refugiados. Tal convite era para um chá na residência dela, mas não apenas a Pavel: ““O senhor e alguns de seus amigos”” (LEVI, 1999, p. 294). O grupo discutiu entre si e alguns aceitaram ir ao evento, outros optaram por ficar. Além de Pavel, foram Bella, Line, Gedale e Mendel, o qual estava indeciso, mas foi vencido pelo grupo, que exigiu sua presença, por ser um dos homens-chave do grupo da resistência.

A narrativa traz uma sutil mudança de expectativa em relação à participação feminina na resistência judaica, especificamente Line, vista por todos como um soldado exemplar, a qual assume no decorrer da trama uma postura enérgica e, devido à utilização do uniforme e do armamento, possui traços masculinos. Todavia, para participar do evento em recepção aos membros do grupo gedalista, organizado pela Senhora S., ela foi convencida por Bella e Zvi a vestir-se um pouco melhor. Zvi, na condição de administrador da fazenda, tratou de fornecer para Line roupas que estavam guardadas no depósito, uma blusa de seda, uma saia de cor marfim, um cinto de couro, meias de náilon e sandálias com sola de cortiça, de forma que, após vestida, ela ficou irreconhecível.

Essa mudança mexeu ainda mais com o lado emocional de Mendel e com suas memórias, porque ele passou a observar uma outra mulher, uma outra Line, principalmente nas cenas finais. A narrativa nos mostra uma Line mais feminina, elegante e com a voz suave. Nos diálogos dela com Mendel, o narrador conta que “Line, com as insólitas roupas femininas, parecia mudada também interiormente” (LEVI, 1999, p. 302).

O evento seria uma oportunidade para os gedalistas narrarem um pouco de suas experiências em ambiente-limite. No salão, havia muitos convidados, a maioria de nacionalidade italiana, e estavam bastantes curiosos em ouvi-los, mas não falavam alemão e iídiche. A Senhora S. e Pavel foram os tradutores e mediadores das conversas. Ela era muito fina, e, ao longo do evento, demonstrou-se preocupada, porque os gedalistas, de acordo com as perguntas dos italianos, narravam de forma natural suas experiências de sobreviventes e de combates da resistência, muitas delas bastante assustadoras, já que só quem vivenciou na pele as monstruosidades nazistas tem noção do que é a barbárie praticada pela máquina genocida.

Nesse sentido, os relatos dos gedalistas registram “os atos de bravura, as represálias contra os alemães, as sabotagens, as marchas na neve; mas podiam evitar comentários sobre os piolhos, e sobre os trapos amarrados nos pés, e sobre os enforcamentos nas latrinas... Estava quase arrependida de tê-los convidado” (LEVI, 1999, p. 296). Como era de se prever, alguns testemunhos causaram estranhamento nos ouvintes e a Senhora S., ao ouvi-los e compartilhá-los, por meio da tradução, com os convidados, manifestou um arrependimento.

Tal estranhamento por parte dos ouvintes vai ao encontro dos relatos de cunho memorialístico e testemunhal de Primo Levi, como em *É isto um homem?*. Levi (1988) testemunha que, durante sua vivência nos Campos de Extermínio nazistas, em algumas poucas horas nas quais conseguia dormir, sonhava sempre com esse momento de retorno ao seio de seus familiares, com essa dificuldade de narrar, porque nem as pessoas mais próximas do seu ciclo familiar acreditavam em sua narrativa acerca das monstruosidades praticadas pelos homens que ideologicamente reproduziam a extrema violência contra os humanos, tampouco tinha paciência em ouvi-lo:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI, 1988, p. 85).

Verificamos que a dificuldade de narrar vai além da falta de linguagem, da convivência com o trauma, posto que essa dificuldade também é perpassada pelo viés do escutar. Os sobreviventes necessitam narrar para se livrar do trauma, para reintegrar a convivência social com as pessoas do mundo extracampo; porém, eles se deparam com essa resistência das pessoas

em não os ouvir, não havendo espaço para a escuta, como acontece com os personagens de nosso objeto de estudo.

Em alguns momentos, os gedalistas se sentiram acuados pelos curiosos e “Mendel vislumbrou Line cercada por cinco ou seis senhoras elegantes. ‘Como animais no zoológico!’, sussurrou-lhe a moça em iídiche. ‘Animais ferozes’, respondeu Mendel. ‘Se soubessem tudo o que fizemos, teriam medo de nós.’” (LEVI, 1999, p. 296). Essas cenas finais apontam para o processo de despersonalização do sujeito e animalização do homem, visto que os personagens, mesmo fora do contexto bélico, se sentem como animais, diante da população italiana.

Durante o evento, Mendel, sentindo-se um pouco deslocado naquele espaço de coisas bonitas e pessoas aparentemente gentis, recorda sua trajetória, desde que se desgarrou e encontrou Leonid, suas escolhas e decisões. Ele reflete sobre a possibilidade do destino que talvez já estivesse escrito e, inconformado, convida Gedale para ir embora, pois aquele ambiente não era para eles. Todavia, o telefone toca e a Senhora S. atende e informa a Mendel: “‘É Zvi, da fazenda. A companheira de vocês, aquela que chamam de Branca, não está passando bem. Tiveram que trazê-la para a cidade; está numa clínica, perto daqui.’” (LEVI, 1999, p. 300). Imediatamente, os cinco gedalistas deixaram o salão para prestar assistência ao casal gedalista.

Compareceram ao hospital, porém, ao identificar que Branca já havia sido atendida e estava medicada, Mendel aconselhou os demais a retornarem para a fazenda e se prontificou a ficar para dar apoio e tentar acalmar tanto Isidor quanto seus companheiros, os quais demonstravam resistência em se retirar da Unidade Hospitalar, mesmo aconselhados e advertidos pelos companheiros: “‘Vocês não ajudam em nada e ainda a atrapalham’, disse Line. ‘Não vou sair daqui’, repetiu Isidor. ‘Vou ficar aqui; não confio.’” (LEVI, 1999, p. 301). Mendel, a voz central da narrativa, assume a mediação desse conflito, bem como os das últimas cenas e, em relação ao estado de saúde da companheira da resistência, ele daria notícias. Line, por sua vez, se posicionou de maneira enérgica: “‘Eu também vou ficar’, disse [...] inesperadamente. ‘Uma mulher pode ser útil.’” (LEVI, 1999, p. 301). Realmente foi importante e, na ausência de informações, ela adentrou no quarto para verificar o estado de saúde da companheira, observou que Branca estava dormindo, e, ao conferir a pulsação, notou os batimentos cardíacos um pouco acelerados.

Line e Mendel permaneceram na recepção do hospital de olho em Isidor e em seus companheiros, que estavam acampados no corredor. Depois, Gedale, Bella e Pavel retornaram para a fazenda em que os gedalistas estavam alojados e a participação do líder gedalista, no romance, terminou de forma sutil. Enquanto isso, Line e Mendel estabeleciam um diálogo sobre a inexperiência do jovem Isidor, sobre suas memórias e lembranças dos acampamentos.

Ademais, refletiram sobre o nascimento da criança que estava por vir e Line questiona Mendel por que ele se mostra preocupado com essa criança que não é filha deles. Ainda faz uma provocação:

“Nós também fomos paridos”, afirmou Line de repente. Mendel a interrogou com o olhar, e Line procurou precisar seu pensamento:

“Paridos, expulsos. A Rússia nos concebeu, alimentou-nos, fez-nos crescer em sua escuridão, como numa matriz; depois teve as dores, contraiu-se e nos lançou para fora, e agora eis-nos aqui, desnudos e novos, como recém-nascidos. Não pensa assim também?”

“Narische meidele, vos darfst du fregen?”, improvisou Mendel, sentindo nos lábios um sorriso afetuoso e um véu passageiro diante dos olhos. (LEVI, 1999, p. 303).

Esse diálogo nos permite olhar para a forma de representação adotada por Primo Levi, por meio da ficção, do nascimento de uma criança. É uma metáfora que nos sugere tanto uma representação simbólica do próprio ciclo da vida, uma forma de renovação, uma esperança, uma possibilidade de construção de um novo mundo, quanto na representação da expulsão dos judeus de suas pátrias, não somente da Rússia, mas de vários outros países, principalmente aqueles afetados pelas políticas impostas por Adolf Hitler. Nesse trecho, Line também dá ênfase na ação da Rússia, seja pela rejeição ou pela omissão em não os proteger, como devia. Consegue olhar para Mendel e para si, e se enxergar e a ele renovados, como os recém-nascidos, cheios de vida e esperança.

Igualmente ocorre com Mendel, que se manifesta com um sorriso afetuoso. Todavia, ele é portador do trauma, suas feridas são potencializadas, e ao reviver mentalmente suas memórias exprime que: “Não, não viveria uma vida junto com Line, mas não posso deixá-la. Vou carregá-la sempre dentro de mim, mesmo que estejamos separados, como fui separado de Rivke” (LEVI, 1999, p. 304). Além das cicatrizes provocadas pela tragédia ocorrida na aldeia de Strelka, na qual Mendel perdeu cruelmente a esposa, ele afirma que não esquecerá suas experiências individuais e coletivas vivenciadas nos diferentes grupos de resistência, sobretudo sua relação afetiva e de admiração por Line.

Assim, tanto na voz feminina quanto na voz do narrador-personagem, a narrativa aponta para a alegoria do recomeço e Mendel começa a pensar a respeito a partir do amanhecer. Tal ideia leva-o a se questionar: “Recomeçar de onde?” (LEVI, 1999, p. 304). Desse amanhecer ou dessa manhã. Mendel vê o momento e o lugar como uma oportunidade para iniciar uma nova vida, e reflete que ele e Line poderiam ter feito como Isidor e Branca, acredita que eles tiveram razão, pois o relacionamento em plena guerra deu fruto com o nascimento de uma criança.

A narrativa abarca o contexto do amanhecer, bem como do cotidiano de uma cidade com bondes circulando, barulho das portas metálicas das lojas ao serem levantadas. Há um entra-e-sai tanto da enfermeira quanto do médico, de acordo com o narrador, e Isidor não parecia mais arrogante, mas suplicante em busca de informações, tentando estabelecer diálogo com o profissional da saúde. “Ouviram-se gritos repetidos, o ronco de um motor, depois silêncio” (LEVI, 1999, p. 305). De tal espera, finalmente, saiu uma enfermeira com gesto alegre e segurando algo, uma espécie de embrulho: “‘Homem, homem’, ria. Ninguém entendeu, ela deu uma volta, encontrou Izu, hirsuto, ao alcance da mão, e lhe deu um puxão na barba: ‘Macho, como ele!’” (LEVI, 1999, p. 305).

Ao ser apresentado o menino recém-nascido, termina o romance *Se não agora, quando?*, e todos que esperavam na recepção do hospital ficaram de pé. Mendel e Line abraçaram Isidor, o doutor também o cumprimentou e saiu pelo corredor, mas se deparou com outro médico que estava com um jornal e parou para discutir com ele. Tal discussão atraiu a atenção de outros profissionais da saúde, assim como a de Mendel, que “se aproximou, e conseguiu ver que o jornal, constituído de uma única folha, trazia um título em corpo muito grande, cujo significado não entendeu. Aquele jornal era da terça-feira, 7 de agosto de 1945, e trazia a notícia da primeira bomba atômica lançada sobre Hiroshima” (LEVI, 1999, p. 305).

Primo Levi, então, finaliza o romance com uma denúncia sobre as armas químicas e sobre o avanço tecnológico utilizado para o funcionamento das máquinas de destruição em massa. O autor, na condição de sobrevivente, constrói uma história ficcional representativa dos judeus que decidiram pegar em armas e, em vez de fugir ao longo da Segunda Guerra Mundial, lutaram contra as tropas alemãs e seus aliados, a exterminação dos povos judaicos, pela reconstrução da identidade judaica, pela dignidade humana e pelo fim da guerra. Todavia, a guerra não termina totalmente, visto que a ação simbólica de representação de um novo ciclo de vida, o nascimento de uma criança, é confrontada e ameaçada pelo anúncio do lançamento de uma bomba atômica, ou seja, a máquina genocida, novamente, em funcionamento. Por essa ótica, a obra não termina, o autor aponta para a possibilidade de outras guerras e do retorno da barbárie. Portanto, é imprescindível sermos resistentes ao retorno da barbárie.

CAPÍTULO 3

O personagem Gedale: entre o fuzil e o violino, em *Se não agora, quando?*

*O sobrevivente
Desde então, em hora incerta,
Aquele pena retorna,
E se não acha quem o escute
No peito o coração lhe queima.*

Primo Levi

Neste capítulo, analisamos, ao longo do romance *Se não agora, quando?* (1999), as aventuras e façanhas do personagem Gedale, da cultura hebraica e líder do grupo de judeus, o qual vive no decorrer da trama, literalmente entre o fuzil e o violino. Exploramos as ambiguidades e contradições utilizadas por Primo Levi para o desenvolvimento do texto, pautado na mobilização judaica na luta contra a política nazista implantada por Adolf Hitler, no período da Segunda Guerra Mundial, cuja finalidade era, entre outros aspectos, o extermínio dos povos judaico-cristãos. Abordamos o combate bélico, o testemunho, a memória, a situação-limite e, em especial, a arte como um elemento fundamental para a formação de uma estética de resistência.

Baseamo-nos nas orientações do autor sobre a construção imaginária dos personagens, as quais ele tece em suas notas ao final do livro, porque, para produzir uma representação de cunho ficcional, abarca tanto a perseguição e o extermínio dos povos judaico-cristãos quanto a reação de uma minoria. Essa, mesmo sem apoio das potências bélicas, mobilizou-se em pequenos grupos e lutou em defesa dos judeus e pela dignidade humana. Dentre os milhões de judeus que foram mortos nos Campos de Concentração, por meio da ficção, o autor faz uma representação dos artistas, tais como: poetas, escritores, cantores famosos ou obscuros, compositores, entre outros que trabalhavam como artesãos, os quais foram cruelmente assassinados pelas tropas alemãs e seus aliados nas diversas cidades e aldeias remotas, na época da guerra.

3.1 O comandante do grupo gedalista e o violino

Gedale, um dos personagens centrais da trama, surge para o leitor, num primeiro momento, nas ilustrações do mapa geográfico representativo do espaço em que ocorre a trama narrativa. Especificamente, está representado entre Kosovo e Liuban, locais marcados por

confrontos bélicos nos respectivos guetos, entre os alemães e os judeus. De acordo com a narrativa, os alemães foram surpreendidos, pois nesses guetos as brigadas de resistências judaicas se destacaram de modo positivo.

Posteriormente, aparece como um judeu representante dos judeus hebraicos, com destaque em confronto armado, e integrante dos grupos de resistência contra a política nazifascista. O personagem nos é apresentado na passagem em que é narrada a vida cotidiana dos refugiados e membros da resistência que buscaram abrigo na República situada em Novoselki, cujo responsável pelo local era o personagem Adam e pela segurança o personagem Dov, que mantinha, além das boas relações sociais, comunicação com o grupo gidalista, em uma das eventuais operações.

Gedale envia uma carta para Dov, por intermédio de mensageiro, conforme citamos no capítulo anterior desta Dissertação, que estava assinada por ele, “o lendário comandante, aquele que havia liderado a revolta do gueto de Kosovo, e cuja vida fora salva por um violino” (LEVI, 1999, p. 75). O leitor, então, tem acesso a esse personagem, que se torna uma lenda. Além de comandar a revolta dos judeus no gueto, sobrevive, após ser baleado; a munição, primeiro, perfurou o violino, após, perdeu a potencialidade e Gedale nada sofreu, a não ser um pequeno ferimento. Ele passou a não mais viver sem o famoso violino, visto que o instrumento musical, como sugere o narrador, funcionava como o seu fiel escudeiro. Depois do episódio trágico, Gedale o considerava uma espécie de talismã.

Na representação simbólica da resistência judaica, o violino ocupa um lugar de destaque como um instrumento presente na cultura judaica. Notamos a escassez de pesquisas científicas sobre o surgimento desse instrumento musical, mas localizamos um artigo intitulado “A física do violino” (2008), de autoria de José Pedro Donoso, Alberto Tannús, Francisco Guimarães e Thiago Corrêa de Freitas. Nele, os autores afirmam que “[o] violino surgiu na Itália por volta do século XVI, como uma evolução de instrumentos de corda friccionada, o *rebec*, a *vielle* e a *lira da braccio*” (DONOSO *et al.*, 2008, p. 2305-3, grifos dos autores). Segundo os estudiosos, Gasparo Da Salo (1542-1609), Andréa Amati (1505-1578) e Gaspard Duiffoprugcar (1514-1571) são os responsáveis pela fabricação do violino.

Já o *blog* Shalom Israel (2009) explica que a história desse instrumento musical está diretamente relacionada com a história dos judeus, o que é retratado no mundo artístico: na comédia, na música, na pintura, no cinema, entre outras áreas artísticas. Como exemplos são citados o filme *Um violino no telhado* (1971), de Norman Jewison, a obra do pintor judeu Marc Chaggal (1887-1985) e o trabalho musical reconhecido mundialmente do violinista Itzhak Perlman (1945). Diante da quase ausência de informações seguras de cunho científico, o *blog*

assegura que os estudiosos pensam que a ligação dos judeus ao violino existe há séculos. Entre eles, é mencionado o posicionamento de Monica Huggett, violinista e diretora artística do Programa de Realização Histórica na Escola Juilliard, na cidade de Nova Iorque, a qual entende que: “não parece que o violino tenha origem italiana. Parece mais de origem judaica” (HUGGETT, s./d. apud ISRAEL, 2009, *online*).

Em relação à origem do violino, Israel (2009) argumenta que o surgimento do violino está associado com a diáspora dos povos judaicos, os quais foram expulsos da Espanha e de Portugal no século XV e migraram para a Itália. Com base nas pesquisas de Roger Prior⁷ acerca da viola e dos músicos judeus, esclarece que a viola é um instrumento precursor do violino, a qual surgiu na Espanha ao longo da segunda metade do século XV, antes da expulsão dos judeus. Posteriormente, os estudos apontam que a viola surge na Itália e a aparição do instrumento no país italiano coincide com a migração judaica. O violino seria, pois, uma evolução da viola.

Israel (2009) também assinala o grande número de judeus em posição de destaque no campo artístico musical, sobretudo com a habilidade de tocar violino, a saber: Jascha Heifetz (1901-1987), Isaac Stern (1920-2001), David Oistrakh (1908-1974), Nathan Milstein (1904-1992) e Mischa Elman (1891-1967), entre outros. Nesse contexto, “[a] história do violino está também ligada à mobilidade de um povo como o judeu, e a cultura judaica tem o violino como um elemento chave, incluindo a própria sinagoga” (ISRAEL, 2009, *online*). Dessarte, compreendemos a importância de Primo Levi dar ênfase na representação simbólica dos milhões de artistas, músicos, compositores e recitadores de poesias, os quais foram esmagados pela máquina genocida.

A nosso ver, o violino, além de ser um elemento simbólico representativo da cultura judaica, assume metaforicamente, ao longo da batalha judaica, a função de escudo protetor, um instrumento de guerra, visto que os prisioneiros, os sobreviventes e os refugiados adotaram estratégias de sobrevivência e resistência, entre elas, a arte, como a música, a poesia, a leitura, assim como contar a própria história.

Dentre esses recursos de enfrentamento, estava a tal carta direcionada a Dov. Ela continha informações e orientações importantes sobre os alemães que, até então, haviam assinado um acordo em que ficou permitido aos judeus retornarem para o gueto de Soligorsk. Gedale orientava Dov, também, em relação à chegada do inverno, tido como um inimigo; a

⁷ De acordo com o *blog* Shalom Israel (2009), o professor aposentado da Universidade de Belfast, Irlanda, expõe que: “Não tenho nenhuma prova definitiva, mas há um montão de evidências de que os tocadores de viola eram judeus” (PRIOR, s./d. apud ISRAEL, 2009, *online*).

friagem dificultava principalmente a questão da alimentação e a progressão no terreno, e a neve era marcada com facilidade pelas pegadas, as quais posteriormente seriam identificadas pelas patrulhas aéreas. A correspondência informava, ainda, que Dov poderia enviar aqueles que quisessem retornar para o gueto e Gedale convidava-o endereçar alguns homens para uma operação de emboscada aos alemães – no léxico do *front*, uma caçada –, pois eles iriam perseguir os caçadores de humanos, ou seja, os alemães que utilizavam o discurso de caçar judeus.

Nesse contexto, o grupo de Gedale é descrito como referência de combate: “O bando a que Gedale pertencia no momento era forte e bem organizado, composto em boa parte de voluntários do inverno de 1941, isto é, da elite da resistência soviética” (LEVI, 1999, p. 75). No entendimento dele a participação judaica nessa operação de eliminar os alemães era uma oportunidade de interação com as outras tropas, que poderia ser recompensada, sobretudo, no que tange ao apoio de suprimentos, como armamentos, munições, alimentação e remédios.

Ainda em Novoselki, no acampamento em que funcionava a República, o grupo comandado por Adam e Dov sofreu um forte ataque das tropas alemãs, as quais contavam com homens muito bem armados e com tanques blindados, próprios para a guerra. Logo, houve um massacre do qual restaram apenas dez sobreviventes, entre eles, Dov, Mendel, Leonid, Line, Pavel, Sissl, e mais quatro dos homens de Ozarici. Após essa tragédia, Dov e os sobreviventes decidiram juntar-se ao grupo de Gedale, porém não sabiam mais a localização dele naquelas regiões. Conseguiram informações por meio de um guarda florestal, personagem Oleg, que informou que o próprio líder enviou mensagem acerca da localização do grupo da resistência e recomendações necessárias sobre a circulação de tropas inimigas na região. Segundo o guarda, o agrupamento de Gedale estava em Turov, a cerca de setenta quilômetros a oeste.

Já em Turov, os dez sobreviventes se integraram ao grupo da resistência, porém não encontram Gedale, porque ele havia partido em outras missões, portanto, ficaram sob o comando de Ulybin. Nos primeiros dias de convivência nesse novo acampamento, Mendel estabeleceu um diálogo com Piotr, no qual perguntou por Gedale, mas obteve resposta de cunho depreciativo, no sentido de uma possível reprodução dos estereótipos construídos sobre a identidade dos judeus, resposta que trazemos novamente por sua importância: “[...] Esse Gedale atirava quase tão bem quanto eu, não sei quem tinha lhe ensinado; mas fazia poesias, e carregava sempre um violino.” (LEVI, 1999, p. 93). Os estereótipos reforçam a visão distorcida, no discurso do militar russo, acerca de um cidadão ser judeu e estar impedido de alcançar excelência na função de atirador.

No decorrer da interlocução entre Piotr e Mendel, Piotr tece comentários sobre o comportamento de Gedale no grupo da resistência, alegando que ele sempre se posicionava, dava sugestões, mas não se entendia muito bem com Ulybin, chefe do agrupamento. Mendel quis saber mais sobre o destino dele e indagou: “‘‘Afim, o que houve entre Gedale e o comandante?’’” (LEVI, 1999, p. 94). Piotr explicou que, no início do inverno, houve um desentendimento entre os dois, porque Gedale almejava andar pelos bosques e pântanos para acolher e mobilizar os judeus da resistência, já o comandante Ulybin não aceitava, pois defendia que estava cumprindo as ordens de Moscou, as quais, segundo o comandante, determinavam que os integrantes da resistência judaica poderiam ser acolhidos nos destacamentos russos, mas deveriam ficar separados do restante da tropa. Tal rompimento ocorreu a partir da iniciativa de Gedale em escrever uma carta e enviar para Novoselki, sem a autorização do comandante.

O militar esclarece que não sabe o conteúdo da carta, todavia, afirma que Ulybin ficou furioso:

“[...] podiam-se ouvir seus gritos pelo acampamento inteiro, e dava socos na mesa.”
 “O que ele gritava?”
 “Não entendi bem”, respondeu Piotr, enrubescendo.
 “O que ele gritava?”, insistiu Mendel.
 “Gritava que não queria mais ouvir falar de poetas em seu destacamento.”
 “Não terá dito exatamente ‘poetas’”, disse Mendel.
 “Sim. Não disse ‘poetas’.” Piotr se calou por um instante, depois acrescentou:
 “Mas diga-me: é verdade que foram vocês que crucificaram Jesus?”. (LEVI, 1999, p. 94).

A redação dessa carta evidencia a escrita tanto como uma forma de comunicação e de denúncia como uma das estratégias de resistência, já que o comandante é descrito como detentor do poder, autoritário, preconceituoso e demonstra ter relutância para com os combatentes judeus. Não sabemos o conteúdo da carta, mas, como Ulybin foi afetado ao ponto de brigar, certamente seria algo importante e necessário para os grupos da resistência.

Quanto às medidas autoritárias do comandante Ulybin, verificamos que são potencializadas na passagem em que o grupo estava em um período de inatividades e Fedja foi liberado para comemorar o aniversário de dezessete anos com a família e amigos, por morar próximo do acampamento, mais especificamente na aldeia de Turov. Esse jovem se ausentou cerca de três dias, Ulybin considerou-o como desertor e enviou dois homens para capturá-lo, mas Fedja se encontrava em casa e não tinha conhecimento do rigor da norma.

Ele retornou com os colegas para o acampamento e declarou que, como estava em um período de inatividade, não tinha noção de que sua ausência fosse tão grave. Sobre as

comemorações do aniversário, falou que havia bebido muito com outros rapazes e comentou acerca do acampamento e sobre a operação de sabotagem que planejava interceptar mercadorias lançadas por via aérea pelos alemães. De imediato, Ulybin ordenou, arbitrariamente, a prisão do jovem soldado, que deveria ser trancafiado no depósito de lenha. Determinou para

Zachàr levar o rancho e o chá para ele, mas ao amanhecer todos viram Zachàr voltando descalço ao depósito e ouviram o tiro de pistola. Coube a Sissl e a Line despir o corpo do rapaz para recuperar as roupas e as botas; coube a Pavel e a Leonid abrir a cova no terreno encharcado da água do degelo. (LEVI, 1999, p. 115).

Essa passagem remete-nos ao processo de degradação humana, porque o comandante da resistência aplica, assim como o comando da SS, a extrema violência contra um soldado da resistência que, além de ser preso em um depósito, foi executado com um tiro de pistola por um companheiro de farda, o personagem Zachàr. No contexto, cumpre ordens do chefe, como os demais que tiveram o trabalho de cavar uma vala e enterrar o corpo do companheiro. Era comum, no cotidiano dos *Lagers*, os SS nomearem alguns prisioneiros para a função de chefe ou responsáveis por manter a disciplina nos alojamentos da prisão, os chamados “*Kapos*”; esses cumpriam ordens e reproduziam a violência, por exemplo, escolhendo os colegas que iriam para câmara de gás. Nesse sentido, Todorov (2017) expõe que, de tanto submeter a si mesmo e cumprir normas do sistema, o indivíduo acaba se transformando em uma engrenagem de uma máquina. Para o autor, isso ocorre de forma desatenta ou mecânica:

[...] abandona-se também a condição humana. Entretanto, há um caso particular de instrumentalização e de despersonalização que merece que lhe reservemos um lugar em separado. É aquele em que continuo a ser o fim da ação, e em que somente outrem é transformado em meio (TODOROV, 2017, p. 291).

A essa arbitrariedade apenas Mendel tece críticas e demonstra resistência às ordens do comandante, pois, ao se deparar com as ações autoritárias de Ulybin e perceber que o comandante cotidianamente se isolava em sua sala para o consumo de bebida alcoólica, passa a questioná-lo. Sobretudo após a execução do jovem soldado, Mendel ignora as ordens do comandante.

Ainda em relação às ações autoritárias de Ulybin, observamos o emprego dos mecanismos de poder advindos tanto do biopoder quanto da biopolítica, teorizados por Michel Foucault (2008b) e também abordados por Giorgio Agamben (2015). De acordo com Foucault (2008b), a sociedade moderna herda os traços políticos da Era Clássica, especificamente do

regime político Absolutismo, em que o Rei era o único detentor do poder, do chamado poder soberano, em que um único governante decidia sobre a vida das pessoas.

Agamben (2015) explica que Foucault define a diferença entre o biopoder moderno e o poder soberano do antigo Estado territorial mediante o cruzamento de duas fórmulas simétricas:

Fazer morrer e deixar viver constitui a marca predominante do poder soberano, que se exerce, sobretudo, com o direito de matar; *fazer viver e deixar morrer* é a marca do biopoder, transformando a estatização do biológico e do cuidado com a vida no próprio objeto primário (AGAMBEN, 2015, p. 155).

Nesse viés, o descuido do jovem soldado com as normas da corporação é motivo para uma punição agressiva, tanto para o militar como para o restante do regimento da resistência, uma prisão dentro do próprio acampamento. Tal agressão torna-se ainda mais potencializada com interrupção da vida do soldado, visto que o comandante Ulybin determina para outro militar executar o prisioneiro com um tiro de pistola. Compreendemos que o comandante aplica regras, normas e ideologias impostas pelas políticas do totalitarismo, as quais ecoam os reflexos das leis impostas pelo poder soberano, posto que Ulybin pune o soldado Fedja por indisciplina e, posteriormente, decide silenciá-lo com a retirada da vida.

O restante do grupo também é atingido, diretamente, por essas ações autoritárias, pois, além de perder um companheiro, tem que cavar uma vala para enterrá-lo, como já mencionamos. Os membros convivem com essa ameaça e a tortura psicológica, e têm que aprender a lidar com as regras e as normas impostas pelo comandante para sobreviver, mesmo estando na luta contra os alemães.

Então, Levi (1999) nos mostra que essa perda da condição humana também ocorre dentro das corporações militares. Consoante Foucault (1988), as instituições militares, como o Exército, além de comporem o corpo político do Estado, também aplicam a política de controle dos corpos no regimento interno, sobretudo o poder disciplinar, para obterem o controle a sujeição dos corpos: “Do lado da disciplina as instituições como o Exército ou a escola; as reflexões sobre a tática, a aprendizagem, a educação e sobre a ordem das sociedades; elas vão das análises propriamente militares [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 131). E a ideologia militar funciona, segundo o autor, tanto como doutrina da aprendizagem quanto reguladora do corpo social.

O grupo de Ulybin se preparava para partir, visto que já havia recebido ordens para deixar o acampamento de Turov e a personagem Polina – cuja atuação feminina retomaremos no próximo capítulo – trouxera informações de um possível ataque coordenado naquela região

pelas tropas nazistas e aliados. Porém, no meio da noite, chegou ao acampamento o grupo de judeus hebraicos comandado por Gedale. O narrador conta que:

Por fim chegou o grosso do bando, cerca de trinta homens e mulheres, armados e desarmados, cansados, esfarrapados e afoitos. No meio deles havia um homem de nariz aquilino e rosto bronzeado: trazia a tiracolo uma parábélum e um violino. Na retaguarda vinha Dov. Mendel disse para si mesmo: “Bendito seja aquele que ressuscita os mortos”. (LEVI, 1999, p. 125).

Esse excerto descreve o estado físico dos integrantes da patrulha judaica como cansados, sujos e esfarrapados, mas ousados e de cabeça erguida, e traz a descrição de Gedale como um homem alto, de nariz curvado como uma águia e rosto bronzeado. Além disso, uma das principais marcas desse líder judaico era sempre ter a tiracolo uma metralhadora parábélum e um violino. Por causa da chegada da patrulha judaica e diante da ameaça de ataque alemão, de acordo com o narrador, houve um tumulto; todos queriam fazer perguntas, mas sem sucesso: “Por fim, prevaleceram as vozes de Ulybin e do homem alto, que era Gedale. Que todos se calassem e aguardassem as ordens. Ulybin e Gedale se retiraram para a saleta do comando” (LEVI, 1999, p. 126).

Gedale trouxe informações importantes sobre o possível cerco das tropas alemãs na região de Turov, pois não era verdade que os alemães que atuavam naquela região almejavam uma grande busca com o apoio da artilharia pesada. O grupo gedalista capturou um soldado alemão e o interrogou, o qual contou que havia poucos alemães na região, porque grande parte da tropa foi deslocada para apoio ao *front*. Tal prisioneiro confirmou “que o ponto mais frágil do cerco devia ser justamente onde pensava Ulybin: a sudoeste, ao longo do Stviga” (LEVI, 1999, p. 128).

Após a reunião dos líderes, Ulybin fez uma breve fala para esclarecer que as informações recebidas do comando coincidem bastante com as investigações e explicações apresentadas por Gedale. Ele comentou acerca das tropas alemãs vindo da fronteira polonesa, mas, em termos de força, elas já estavam bastante enfraquecidas:

as melhores tropas são mandadas para o front, e quando voltam não são mais as melhores tropas. Os italianos e os húngaros os abandonaram; não confiam mais nos eslovacos nem nos poloneses brancos. Tentam cercar estes pântanos e estreitar o cerco pouco a pouco; o ponto mais alto do anel fica no sul, na direção de Recitsa e da fronteira ucraniana, (LEVI, 1999, p. 131).

O plano era seguirem juntos até ultrapassar esse ponto geográfico no terreno, depois cada grupo deveria seguir separadamente, já que, assim, não chamaria atenção. Ulybin enfatizou, ainda, que o grupo comandado por Gedale teve o reconhecimento e o apoio de

Moscou, no que tange à liberdade para agir. E propôs que os judeus que estavam sob seu comando poderiam escolher seguir com ele, forçar o cerco e comboiar para o leste, com o intuito de alcançar o *front*, ou seguir com os gedalistas.

Gedale também fez um discurso de intervenção: “‘Nós temos outras ordens. Não temos pressa de voltar para casa. Se passarmos, seguiremos para oeste, a fim de libertar prisioneiros, perturbar as retaguardas alemãs e acertar as contas. Quem quiser vir conosco, fique deste lado. [...]’” (LEVI, 1999, p. 131). E observamos que esse grupo representa muitos dos judeus que decidiram lutar para sobreviver, fugir para algum lugar seguro, defender suas vidas, preservar a dignidade humana, batalhar pelas vidas dos demais trancafiados nos cativeiros nazistas, porque também tinham como alvo libertar prisioneiros, independentemente de serem de origem judaica. Gedale manifesta um desejo de vingança, pois os integrantes do seu grupo acreditam em um possível acerto de contas, ou seja, trata-se de uma revolta armada visando uma luta justa, apesar de o inimigo covardemente agir ancorado em uma potência bélica.

Em relação à possibilidade de os judeus escolherem qual grupo deveriam seguir, de imediato, Mendel, Sissl, Line e Leonid se posicionaram com Gedale, já Pavel foi cogitado para seguir com Ulybin, porque dominava o idioma alemão e, assim, poderia continuar ajudando o grupo da resistência russa. Todavia, manifestou desejo de seguir com Gedale e exigiu levar seu cavalo. Ulybin concordou com os posicionamentos em geral, mas, quando observou que o Piotr estava do lado dos gedalistas, exteriorizou sua ideologia autoritária e ameaçou o combatente:

“E você, o que tem a ver com eles? O que lhe deu na cabeça? O que faz, você, desse lado?”

“Todos vêm de longe”, respondeu Piotr, “nenhum deles conhece direito a região. Depois de meia hora de estrada estariam todos afogados.”

“Conversa fiada. Nenhum deles o chamou como guia. Podem se virar muito bem sozinhos. Veja bem o que faz: com certeza não quer acabar como Fedja.”

“Ele me chamou como guia”, disse Piotr, apontando Dov, mas deu para ver que estava inventando”. Depois acrescentou: “... e não é uma deserção, companheiro comandante. Este é um bando e aquele é outro”. Todavia, enquanto falava, deixou o grupo de Gedale e retornou para o lado de Ulybin, com a expressão de um menino a quem puseram de castigo. (LEVI, 1999, p. 132).

Em seu discurso, o comandante Ulybin demonstra preconceito e resistência aos judeus. Questiona o posicionamento do personagem Piotr, que inicialmente foi voluntário em seguir com os gedalistas, cobrando-lhe uma explicação – “o que você tem a ver com eles?” – e, mesmo sabendo das dificuldades para progressão no terreno, ele assegura que “[p]odem se virar muito bem sozinhos”, isto é, não há o desejo de união mútua a fim de derrotar o inimigo. Notamos, igualmente, que tal ameaça é potencializada ao mencionar o fim de Fedja (o jovem militar que

foi liberado por Ulybin durante um período de inatividade para comemorar o aniversário junto com a família, mas se ausentou cerca de três dias, fato considerado pelo comandante como deserção), o qual foi condenado primeiramente à prisão e posteriormente à execução com um tiro de pistola. E, por mais que Piotr tentasse se justificar, por medo, retornou para o grupo de Ulybin.

Nessa perspectiva, pensamos no processo de desumanização, que abrange tanto os prisioneiros quanto os carrascos dentro das corporações militares, respectivamente, subordinados e superiores. Nesse sentido, Todorov assinala que “[a] despersonalização pode atingir tanto a si mesmo quanto a outrem. De tanto considerar o outro como simples elemento de um projeto que o transcende, acaba-se por esquecer-se que ele é humano” (2017, p. 291). E a despersonalização pode ser vista como reflexo das ideologias impostas pelas instituições militares, pois o opressor também se torna vítima dela.

Por essa ótica, o personagem Ulybin, na condição de chefe do agrupamento da resistência russa, age autoritariamente de maneira a oprimir os subordinados, em um contexto de gozo do poder, como o teorizado por Todorov: “é o poder de uma pessoa sobre a outra, e o gozo que a primeira tira do próprio exercício desse poder (podendo também lhe servir de objeto os animais humanizados, como o cão ou o cavalo” (2017, p. 292). O autor explica que, nesse caso, o importante é que o agredido sinta uma dependência do agressor, e não que o ofendido viva uma experiência de gozo ou sofrimento, desde que o opressor/carrasco seja o próprio responsável.

Após tais divergências, os dois grupos seguiram juntos ao longo da noite e só pararam ao amanhecer para descansar, em uma espécie de barracão abandonado, situado na fronteira polonesa. Os homens que ficaram em pontos estratégicos de sentinelas observaram durante o dia a presença de uma patrulha alemã que passava por aquelas estradas. Segundo o narrador, nessa outra noite seguiram destinos diferentes:

[...] e, num brejo, os dois bandos se separam; Ulybin e os seus dobraram à esquerda, para entrar de novo em território soviético, e o grupo de Gedale tomou o rumo de Recitsa através de campos não cultivados. Gedale os tranquilizou: “O pior já passou. Mais uma noite de caminhada e estaremos fora” (LEVI, 1999, p. 133).

Essa passagem, então, marca a saída do bando comandado por Ulybin de cena, visto que não há mais ação desse grupo na narrativa, apenas se menciona o nome do comandante Ulybin. Já Gedale e os seus continuaram avante, com o objetivo de libertar prisioneiros dos *Lagers*.

Dentro do grupo de Gedale, aparecem outras vozes, outras narrativas testemunhais sobre caminhos tortuosos por que passaram muitos judeus, como a história pessoal do personagem Józek, o qual é apresentado para o leitor como um auxiliar de Gedale. Ele tece um breve relato acerca da batalha vitoriosa dos gedalistas em Liuban, onde eles tomaram do inimigo duas vacas e seguiram destino conduzindo-as, a fim de, posteriormente, trocá-las por alimentos: ““porque na guerra é preciso pensar também nas mercadorias”” (LEVI, 1999, p. 133).

De acordo com o narrador, Józek era um judeu de nacionalidade polonesa, de Bialystok, e um falsário profissional. Na primeira oportunidade, ele descreve sua história para Mendel: ““É um bom ofício, mas nada fácil. Comecei quando era jovem, em 1928: era aprendiz de litografia e falsificava selos. [...] Em 1937, comecei com os documentos, era ótimo nos passaportes. [...]” (LEVI, 1999, p. 133). Através desse personagem, a nosso ver, Levi faz uma representação dos vários judeus que conseguiram se salvar por meio da fuga com documentos falsos, pois foi necessário esse trabalho de falsificação dos documentos pessoais para muitas famílias judaicas que deixaram suas cidades, seus estados e seu país, bem como para aquelas que conseguiram permanecer, mas com outras identidades.

Józek conta que, com o avanço da guerra, em 1941, chegaram em sua cidade os russos, seguidos dos alemães, e então ele teve que se esconder. Afirma que vivia bem, porque aumentou a demanda principalmente de reprodução de identidade para os judeus; todavia, devido ao baixo valor das tarifas cobradas, um concorrente o denunciou e acabou preso: ““[...] Fiquei três semanas na cadeia; claro que meus documentos pessoais eram falsos, constava que eu era cristão fazia duas gerações, mas me despiram, perceberam que eu era judeu e me mandaram para o Lager, em Sachsenhausen, para quebrar pedras.”” (LEVI, 1999, p. 134). Assim, notamos que o personagem Józek, tal como Leonid, é um ex-prisioneiro, um sobrevivente do *Lager* nazista.

Em decorrência, há uma manifestação do desejo de narrar suas experiências e, inicialmente, ele reflete: ““O mundo é estranho”, continuou Józek. ‘Um judeu morre, mas um judeu falsário se salva [...]’” (LEVI, 1999, p. 134). Verificamos que, embora seja uma narrativa de cunho ficcional, o autor, como ex-prisioneiro e sobrevivente do Holocausto, promove uma representação da experiência concentracionária, visto que se tratam dos vários prisioneiros que, devido a sua qualificação profissional, foram selecionados pelos SS para o trabalho específico de interesse do comando alemão, nos diversos laboratórios existentes nos Campos de Concentração nazistas. Detalha o sobrevivente:

“[...] No final de 42, colaram um aviso no Lager: os alemães procuravam tipógrafos e litógrafos. Apresentei-me e me mandaram para uma pequena cabana no fundo do Lager onde eu imaginava estar sonhando. Havia um laboratório muito mais bem equipado que o meu, e um grupo de prisioneiros poloneses, tchecos, alemães e judeus que fabricavam dólares e libras esterlinas falsas, além de documentos para agentes de espionagem. Sem me vangloriar, era o melhor, e os trabalhos delicados eram entregues a mim; mas logo compreendi que a situação era arriscada, estava claro que dali nenhum de nós sairia vivo. Dediquei-me então a juntar ouro, que nos Lagers jamais falta, para fabricar uma ordem de transferência para mim.” (LEVI, 1999, p. 134).

Ele é interpelado por Mendel, que questiona por que não fabricaria uma ordem de libertação, ao invés de uma de transferência, ao que Józek responde enfaticamente:

“Vê-se que você não sabe o que é um Lager. Jamais um judeu foi libertado; especialmente um judeu da minha espécie. Fiz uma ordem de transferência para o Lager de Brest-Litovsk, porque para um polonês é melhor fugir na Polônia: uma ordem perfeitamente legal, com papel das ss, com carimbos e assinaturas, em nome de Józef Treistman, número 67703, Funktionshäftling, prisioneiro-funcionário. Corria grande risco, mas não ter escolha é uma escolha. [...]” (LEVI, 1999, p. 134-135).

A ordem de transferência foi cumprida, pois embarcou em um trem escoltado por dois militares veteranos da Territorial. Ao longo da viagem, corrompeu os dois com o ouro coletado no *Lager* e fugiu. Após duas semanas vagando na ilegalidade, encontrou Gedale, que o acolheu para a luta da resistência. O relato anterior, apesar do teor ficcional, pode ser interpretado como de cunho memorialístico e testemunhal, uma vez que Józek narra suas experiências da vida cotidiana do *Lager*.

Seligmann-Silva (2003a, p. 51) entende que os relatos da experiência concentracionária de Primo Levi combinam perplexidade e necessidade de fala. O pesquisador esclarece que o reencontro com o que foi vivido pode trazer a repetição da dor vivenciada e assinala que o dar testemunho consiste em relatar a proximidade da morte e se vincula à memória daqueles que não sobreviveram. Segundo ele, para o sobrevivente, o testemunho funciona como uma espécie de religamento com o mundo extracampo, como vimos acentuando.

O sobrevivente narra não somente para livrar-se de sua dor e tentar curar suas feridas, mas também em nome da memória daqueles que não retornaram ou que de algum modo foram silenciados, narra em nome da memória coletiva. Maurice Halbwachs (2003), em seus estudos acerca da memória individual e da memória coletiva, formula a noção de grupos, os quais são portadores de quadros sociais que compõem a memória. Ela nunca é totalmente individual, porque nossas lembranças são construídas, ou reconstruídas, socialmente.

Halbwachs (2003, p. 102) explica que

[a] memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.

Essa citação permite-nos pensar na importância da narrativa testemunhal dos sobreviventes do Holocausto. O exercício de reconstrução de suas lembranças, de suas memórias, da experiência concentracionária, além de denunciar a barbárie, contribui diretamente para a libertação interior, conforme testemunhou Primo Levi. Mantém ativas as memórias de todos aqueles diferentes grupos sociais perseguidos, ao longo do conflito bélico, pelas sucessivas ações autoritárias de Adolf Hitler, os quais foram evaporados pelas chaminés, virando cinzas, ou acabaram de alguma forma no fundo do poço.

Por essa chave de leitura, o personagem Józek, na condição de sobrevivente, sente necessidade de narrar suas vivências, e muitos dos companheiros do grupo formavam uma roda em volta dele para escutar suas experiências, memórias e testemunhos. Entre outras lembranças, de acordo com o narrador em terceira pessoa, os integrantes do grupo queriam apreciar essas narrativas, e, mesmo que já fossem histórias repetidas, muitos geadistas gostavam de ouvi-las novamente. Jeanne Marie Gagnebin (2014a, p. 98) afirma que “até hoje o nome de ‘Auschwitz’, símbolo da Shoah, continua sendo o emblema daquilo que não pode, não deve ser esquecido: daquilo que nos impõe um dever da memória”. A autora elucida que os sobreviventes que regressaram não totalmente emudecidos “não conseguiam esquecer-se nem que o desejassem” (GAGNEBIN, 2014a, p. 99), pois, assim como o sobrevivente convive com a necessidade de narrar, também há a incapacidade de esquecer, bem como a insistência na repetição.

Após o grupo de geadistas atravessar o cerco na região de Turov, mais especificamente a zona de risco em que os alemães almejavam surpreendê-los, Gedale fez uma pausa para todos descansarem, e se abrigaram no paiol de uma fazenda abandonada. Gedale aproveitou para ouvir todos os recém-chegados ao grupo e desejar boas-vindas. Ele quis saber a história de cada um, admirava as virtudes e ignorava as fraquezas, todavia, para cada combatente, sugeriu algo referente à dor ou às qualidades. Por exemplo: ao ouvir Leonid, Gedale destacou de forma positiva o fator idade e suas feridas como uma doença que passa rápido, mas o aconselhou a tomar cuidado. Em relação a Mendel, após escutar com atenção seu relato, realçou sua prudência que, além de algo positivo, era muito importante para o grupo geadista. Quanto às feridas, sutilmente sugeriu apagar da memória. Gedale afirmou que:

“[...] E também temos pouca memória, exceto para uma coisa”.
 “O quê?”, perguntou Mendel.

Gedale aproximou solenemente o indicador do nariz:

“Lembre-se do que lhe fez Amalec no caminho, depois que tinham deixado o Egito. Assaltou-o enquanto você estava na estrada, matou todos os fracos, os doentes e os cansados que estavam na retaguarda; ele não teve temor de Deus. Por isso, quando o seu Deus der a você descanso de seus inimigos, de Amalec você deve apagar até a memória: não esqueça.’ Aí está, isso nós não esquecemos. Citei de memória, mas desta vez não sem propósito.” (LEVI, 1999, p. 137).

Tal passagem permite-nos considerar o desvencilhamento das memórias vividas como uma estratégia de resistência, ainda que o sujeito esteja em situação-limite, para sobreviver, combater o inimigo, ultrapassar os obstáculos, não se entregar, não ir para o fundo do poço. Por esse viés, há pontos de interlocução com o relato testemunhal de Levi (1988), pois o autor expõe que em suas experiências concentracionárias foi preciso apagar as lembranças da memória:

Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos (LEVI, 1988, p. 48, grifo nosso).

Esse testemunho sugere que apagar o passado da memória e não refletir sobre o futuro caracteriza um processo de resistência, para conseguir aguentar as dificuldades do momento e sobreviver. Além do mais, se partirmos da compreensão de que as memórias contribuem para a constituição de identidade, pode haver uma situação que leva ao esvaziamento do sujeito. Nesse sentido, as orientações de Gedale não somente para Mendel, mas adotadas pelo grupo gedalista de “não ter memória”, vão ao encontro do testemunho de Levi (1988, p. 48): “aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro”, em momentos de necessidade.

Na parada seguinte, o grupo de Gedale acampou às margens do rio Gorin. Józek se deslocou até a cidadezinha Recitsa, próxima da fronteira ucraniana, para vender ou trocar as duas vacas em alimentos. Ele retornou com alimento para duas semanas, incluindo carne e bebida alcoólica – um barrilzinho de vodca polonesa. Enquanto os homens e as mulheres montavam algumas barracas, Gedale aproveitava, sempre, para tocar violino. Nesse contexto, emerge para o leitor a personagem Bella que, entre outras mulheres, parece ser mais próxima de Gedale: “considerava-se a sua mulher legítima e definitiva, e Gedale parecia ter opinião diferente ou então não se preocupava em definir a situação” (LEVI, 1999, p. 139). Essa personagem exerce, no decorrer da narrativa, o papel de companheira dele e exige, nos acampamentos, ajuda e atenção do companheiro, mas Gedale se dedicava, mesmo nas horas vagas, à canção e ao violino.

Na manhã seguinte, os gedalistas foram surpreendidos pela chegada de Piotr, membro da resistência Rússia, o qual não aguentou o autoritarismo e o sistema opressivo de Ulybin, e se desentendeu com ele. Gedale o acolheu naturalmente, mas ele se explicou: “‘Companheiro comandante’, disse Piotr, ‘só tenho o revólver, a parábélum deixei para o pessoal de Ulybin [...] mas briguei com Ulybin. Era duro demais, não só comigo, mas com todos. E certa noite tivemos uma discussão séria... uma discussão política.’” (LEVI, 1999, p. 139). Gedale fez alguns questionamentos no sentido de Ulybin mandar buscá-lo, todavia Piotr assegurou que foi o próprio comandante que o determinou procurar outro rumo: “‘[...] Foi ele quem me disse para vir encontrá-los.’” (LEVI, 1999, p. 139). Além disso, confirmou que não estava na condição de desertor, pois optou por combater com os gedalistas.

Como de costume, após algumas vitórias ou a progressão no terreno com sucesso, os gedalistas, nos acampamentos, aproveitavam o tempo para pequenas comemorações, visando manifestar a resistência e, de alguma forma, ultrapassar as barreiras do ambiente-limite. Assim sendo, no acampamento de Gedale houve uma festa, e o narrador apontou para três possíveis motivos das comemorações: por ter ultrapassado a zona de perigo, pela chegada da primavera, pela vinda do companheiro Piotr, que contagiou a todos, e pela venda das duas vacas, conseguindo suprimento para duas semanas e um barril de vodca. Geralmente, acendia-se uma fogueira e todos se sentavam ao redor dela; depois, estrategicamente, apagava-se o fogo e sentiam somente o calor das brasas, a fim de aquecer os ânimos.

Reiteramos que, nesses momentos de descanso e de recreação dos integrantes do grupo da resistência judaica, os personagens dessa ficção utilizavam como estratégia de resistência e sobrevivência a troca de conhecimentos por meio de dons artísticos e da linguagem verbal, conforme formulou Benjamin (1994) sobre a experiência dos narradores. Os soldados da resistência judaica contavam suas experiências individuais, demonstravam suas habilidades da arte de contar histórias, de declamar poesia e se divertiam ao som do famoso violino de Gedale e das diferentes vozes que vivenciavam a melodia das canções referentes à cultura dos povos judaicos.

Desse modo, nessa representação ficcional, Levi estabelece um sutil diálogo com os postulados de Benjamin, sobretudo sobre a arte de narrar, a experiência do narrador, o contador de histórias. Gagnebin (2013, p. 57), estudiosa de Walter Benjamin, explica que “as histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas; elas acarretam uma verdadeira formação (*Bildung*), válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade”.

O grupo gedalista vivencia essa troca de experiências por intermédio das histórias, da habilidade prática e cultural do narrador tradicional em transmitir experiências, ainda que, consoante Benjamin (1994), com o advento do Primeiro Conflito Bélico Mundial, entrou em decadência, visto que os sobreviventes voltaram emudecidos e empobrecidos em experiências comunicáveis, porque a guerra só provoca destruição e gera pobreza em todos os sentidos. Outro fator que, segundo o autor, corrobora a morte da narrativa são as mudanças políticas e culturais, principalmente com o advento da modernidade, com o processo de industrialização, a pós-modernidade e a forte predominância política em prol do capitalismo.

Além do personagem Gedale – músico, violinista e compositor de poesia – vemos que o grupo tinha outros judeus com habilidades artísticas, como Pavel, Mottel, o Corta-Goelas, e Dov, que narrava histórias, tinha conhecimento de artes marciais e habilidade com lançamento de facas. Com a plateia ao redor da fogueira, Pavel foi o primeiro a se apresentar: por meio da improvisação, pegou um pedaço de carvão da própria fogueira, fez um bigodinho modelo Hitler, organizou uma mecha de cabelo molhado sobre a testa e adotou o gesto do braço esticado à altura dos olhos. Primeiramente, cumprimentou o público em alemão e proferiu um discurso aos soldados alemães, alcançando um efeito verossímil “chamando-os sucessivamente de heróis da grande Alemanha, filhos da puta, cães celestes, defensores do nosso sangue e do nosso solo, e olhos do cu. Sua cólera se tornava cada vez mais veemente” (LEVI, 1999, p. 140) e, de acordo com o narrador, todos riam, aplaudiam e pediam bis.

No decorrer da apresentação, Pavel apropriou-se dos delírios de Hitler e pronunciou em iídiche uma passagem que, no discurso do Führer⁸, incitava “alguém a massacrar um outro, não se entendia se os alemães a massacrar os judeus ou vice-versa” (LEVI, 1999, p. 140). Tal improvisação possibilitou a Pavel narrar um pouco de sua experiência artística antes do contexto bélico; “[a]plaudiram-no freneticamente, pediram bis, e Pavel, com dignidade, em vez de repetir o seu número (que, explicou, tinha sido aprovado em 1937 num cabaré de Varsóvia), cantou ‘O sole mio’, numa língua que ninguém compreendia e que ele assegurava ser italiano” (LEVI, 1999, p. 140-141). O personagem Pavel carrega, então, alguns dos traços da representação que Levi faz dos judeus artistas que, entre os milhões de judeus mortos, foram eliminados pelas tropas nazistas e seus aliados. Igualmente, tais narrativas, em momentos de confraternização pelas vitórias, pela luta, pela vida, pela união do grupo e em especial pela sobrevivência, constituem uma estratégia de resistência.

⁸ O Hitler era também chamado de Führer. Esse nome aparece em escritos literários, históricos, jornalísticos, entre outros.

Em seguida, apresentou-se o personagem Mottel. Conhecido como Corta-Goelas, também improvisou, pegou alguns tições na fogueira e fez uma espécie de malabarismo virando-os acima da cabeça e debaixo das pernas. O narrador tece uma breve explicação acerca da vida de Mottel, pois, antes da guerra, ele trabalhava de açougueiro e desenvolveu algumas habilidades. “Fora aprovado no exame prescrito, possuía a licença e era considerado um especialista na arte de manter o facão afiado e de cortar com um só golpe a traquéia, o esôfago e as carótidas do animal” (LEVI, 1999, p. 141). Conta ainda que Mottel desviou sua vida para o mundo da clandestinidade e utilizava-se do facão.

Pavel também fez uma breve explanação sobre a cultura dos rabinos e assumiu o papel de animador da noite, anunciando os próximos apresentadores: “‘E agora, com vocês, David Yavor, o mais sábio entre nós, o mais antigo e o mais amado. Adiante, Dov, todos querem vê-lo e ouvi-lo’” (LEVI, 1999, p. 142). Dov ocupou a função de contador de histórias junto ao grupo, por ser o mais velho, o mais experiente, ex-prisioneiro de guerra e sobrevivente do Campo de Concentração nazista e, além de suas experiências de cunho testemunhal sobre a guerra, narrava as histórias de sua aldeia na Sibéria sobre caçada de urso, sobre como fugiu do *Lager*, entre outras experiências, e todos gostavam de ouvir. Mas, nessa noite de comemorações, ele se propôs a demonstrar as habilidades nas artes marciais e no lançamento de facas.

Gedale, ao longo da noite, tocou suavemente uma canção encantadora, um tipo de hino da resistência. Consoante o narrador, Mendel reconhecia em Gedale “a lógica e a fantasia temerária dos talmudistas, a sensibilidade dos músicos e das crianças, a força cômica dos artistas de teatro ambulante, a vitalidade que se absorve da terra russa” (LEVI, 1999, p. 135).

Essas habilidades artísticas dos integrantes da patrulha judaica gedalista são, a nosso ver, estratégias de resistência, posto que eles estão inseridos em um ambiente hostil, em constante confronto com as patrulhas inimigas, e vivenciando situações-limites, as quais estão diretamente relacionadas a relatos testemunhais dos sobreviventes dos Campos de Extermínio. Relatos feitos, igualmente, por outros escritores como arte de resistência, conforme asseguram Silvia Lerner e Sônia Borges (2012, p. 87):

Os poemas, as canções, os desenhos que chegaram até nossos dias sempre nos pareceram poder ser pensados como sinal de resistência dos prisioneiros judeus para preservar seu nível de sanidade e até de humanidade, beneficiando também grande parte da população dos guetos que deles usufruíram. Muitas das canções eram levadas de memória e cantadas pelos presos nos seus transportes a outros guetos e campos, alcançando um grande número de judeus nos diferentes meios concentracionários.

Essa citação se refere à arte produzida pelos sobreviventes durante o Holocausto, a qual é representada por diferentes meios artísticos: desenhos de crianças, poesias, crônicas, contos, músicas, relatos testemunhais, entre outras expressões. As autoras argumentam ainda que os prisioneiros, diante da opressão ao extremo, buscaram como força de resistência e de sobrevivência cantar durante os deslocamentos e vivências nos diferentes Campos de Concentração nazistas.

Esse posicionamento vai ao encontro da narrativa de Levi (1999), porque o autor nos mostra, por meio da ficção, a apropriação da arte como estratégia de resistência, por exemplo: nos improvisados acampamentos dos grupos de resistência, o personagem Gedale utilizava de suas habilidades, como a arte musical para tocar violino e cantar de forma a encantar o restante do grupo, além de compor poesia. Segundo o narrador, eles escutavam com admiração o ritmo, que era radiante, quase uma marcha:

Vocês nos reconhecem? Somos as ovelhas do gueto,
 Tosadas durante mil anos, resignadas à ofensa.
 Somos os alfaiates, os copistas e os cantores
 Murchos à sombra da Cruz.
 Agora aprendemos as trilhas da floresta,
 Aprendemos a atirar, e acertamos no alvo.
 Se não me defendo, quem me defenderá?
 Se não for assim, como será? E se não agora, quando?
 Nossos irmãos subiram ao céu
 Pelos caminhos de Sobibor e de Treblinka,
 Cavaram um túmulo nos ares.
 Só poucos de nós sobreviveram
 Para honra de nosso povo submerso
 Para a vingança e o testemunho.
 Se não me defendo, quem me defenderá?
 Se não for assim, como será? E se não agora, quando?
 Somos os filhos de Davi e os obstinados de Massada.
 Cada um de nós carrega no bolso a pedra
 Que arrebitou a testa de Golias.
 Irmãos, deixemos a Europa dos túmulos:
 Subamos juntos para a terra
 Onde seremos homens entre os outros homens.
 Se não me defendo, quem me defenderá?
 Se não for assim, como será? E se não agora, quando? (LEVI, 1999, p.
 144).

No início da canção, são apresentados elementos para a recuperação da identidade esfacelada, desde o processo do antissemitismo até a potencialização das ofensas impostas pelo regime nazifascista, durante a Segunda Guerra Mundial. Diante da degradação sofrida, há um chamamento para a resistência: “Agora aprendemos as trilhas da floresta, / Aprendemos a atirar, e acertamos no alvo. / Se não me defendo, quem me defenderá? / Se não for assim, como será?

E se não agora, quando?” (LEVI, 1999, p. 144). A repetição desse refrão enfatiza a convocatória para a resistência diante da extrema violência. Além disso, a letra da música traz uma narrativa que parece tocar a alma dos sobreviventes em fuga ou em luta e sugere funcionar como um hino dos judeus, dos refugiados, dos desgarrados, dos ex-prisioneiros, dos integrantes da patrulha judaica, um hino de resistência.

Em relação à canção, Mendel quis saber mais sobre a música e perguntou para Gedale se era o hino dos gedalistas, que explicou que era somente uma canção, mas poderia nomear assim, se quisesse. Mendel perguntou se foi Gedale quem a compôs; de início, disse que a música não era dele, mas que de mês em mês fazia alguns arranjos nela; depois, informou que a canção ainda não estava registrada e apresentou-lhe uma versão da letra escrita. Retirou do bolso um embrulho, “[d]esfez o laço e tirou uma folha quadriculada, amarrotada, com a data de ‘13 Juni, Samstag’. Tinha sido arrancada de uma agenda sem nenhum cuidado e fora recoberta de caracteres iídiches a lápis” (LEVI, 1999, p. 145). E entregou-a ao companheiro.

Mendel fez uma breve leitura, porém alegou que tinha dificuldade para ler o idioma iídiche na versão cursiva. Gedale explicitou que aprendeu a ler o cursivo apenas no ano de 1942, por necessidade no gueto de Kosovo, uma vez que o adotaram como linguagem secreta e esclareceu sobre a composição da música por parte de Martin Fontasch. Judeu, com reconhecimento no trabalho de carpintaria também era compositor e músico. No campo artístico, ele produzia sozinho, fazia a letra e a música. De acordo com o narrador, era bastante conhecido e, na vida cotidiana, tocava violão e cantava nas festividades de casamentos, nas festas de aldeias, entre outros eventos, como cafés e concertos.

Martin Fontasch, assim como Mendel, perdeu a família, pois as tropas alemãs assassinaram os quatro filhos e a esposa. Na revolta de Kosovo, Martin decidiu lutar com os gedalistas, fugiu para o bosque e se integrou ao grupo da resistência. Gedale contou que, na região de Novogradok, os gedalistas sofreram um ataque das tropas inimigas e a metade do grupo morreu em combate, mas Martin foi ferido e se tornou prisioneiro dos alemães. O militar que o revistou encontrou no bolso dele uma flauta; conseqüentemente, era músico flautista. E

disse a Martin que um membro da resistência se enforca e um judeu se fuzila, ele era judeu e da resistência, podia escolher. Mas como era também músico, e sendo o alemão um amante da música, concedia-lhe um último desejo: mas que fosse um desejo razoável.

“Martin pediu para compor uma derradeira canção, e o alemão concedeu o prazo de meia hora, deu-lhe esta folha e o trancou numa cela. Vencido o prazo, voltou, mandou-o entregar a canção e o matou [...] (LEVI, 1999, p. 145-146).

A escrita criativa de Martin, na condição de prisioneiro, possibilita ver a escrita como resistência à política nazifascista, denúncia, testemunho. Na letra da música, há um teor testemunhal que se efetiva pela escritura daquele que está prestes a ir para o fundo do poço, mesmo assim sua arte foi capaz de sensibilizar o carrasco, que, tocado de alguma forma, concedeu trinta minutos a mais de vida para Martin Fontasch registrar, através da composição musical, seu testemunho e os dos milhões de judeus que não tiveram a oportunidade de narrar. A esse respeito, Levi (1988) concebe que os verdadeiros testemunhos são aqueles que não narraram, não regressaram dos Campos de Concentração, porque, de uma maneira ou de outra, eles foram silenciados.

Para Agamben (2015), Levi iniciou seus testemunhos num momento em que a desumanização já havia sido consumada, em um contexto que falar de dignidade já não teria sentido. O autor expressa que Levi “é o único que se propõe conscientemente a testemunhar em nome dos muçulmanos, dos submersos, dos que foram destruídos e chegaram ao fundo” (AGAMBEN, 2015, p. 66). Testemunhou em nome da memória coletiva, para manter a memória ativa daqueles que foram para o fundo do poço; como sobrevivente, evidenciou que no Campo todos perderam sua dignidade e que foi necessário aprenderem as regras impostas no cotidiano do *Lager*, para sobreviver constantemente em situação-limite.

Sobre o fim de Martin, Gedale relatou que um russo que ficou preso, ao lado da cela de Martin, conseguiu fugir e se integrou temporariamente ao grupo gedalista, narrando essa triste história dos últimos minutos da vida do compositor e que o militar estava orgulhoso da letra da música feita por ele. Cotidianamente, o militar mostrava-a para todos, demonstrava curiosidade em compreendê-la e almejava traduzi-la. Não foi possível, pois os gedalistas passaram, estrategicamente, a segui-lo:

Nós o vigiámos e o seguíamos, conseguimos isolá-lo e certa noite entramos descalços na isbá requisitada em que ele morava. Gosto de ser justo e queria ter perguntado para ele qual era o último desejo, mas Mottel me apressava, por isso tive que estrangulá-lo na sua própria cama. Encontramos com ele a flauta de Martin e a canção: não lhe trouxe sorte, mas para nós é como um talismã. Aqui está, observe: até aqui embaixo é o texto que nos ouviu cantar, e estas palavras no fundo dizem assim: ‘Escrito por mim, Martin Fontasch, que estou para morrer. Sábado, 13 de junho de 1943’. A última linha não é em ídiche, mas em hebraico; são palavras que você conhece: ‘Ouça, Israel, o Senhor nosso Deus é único’. (LEVI, 1999, p. 146).

Notamos que o relato de Gedale, por sua vez, constitui uma narrativa de cunho testemunhal dentro do romance, sobretudo no que se refere à reação judaica representada pelo grupo gedalista contra as tropas nazistas. Tal canção é potencializada ao som do violino e na

voz de Gedale: “Cavaram um túmulo nos ares. Só poucos de nós sobreviveram / Para honra de nosso povo submerso / Para a vingança e o testemunho.” (LEVI, 1999, p. 144). Observamos um ponto de interlocução com a experiência concentracionária do próprio autor: na condição de sobrevivente de Auschwitz, em *É isto um homem?*, Levi (1988) registrou que o desejo de sobreviver para narrar, para testemunhar, nasceu dentro de cada prisioneiro no cotidiano do *Lager*.

Ainda sobre a apropriação da arte como estratégia de resistência, temos outro ponto de interlocução acerca da experiência concentracionária de Levi: ele afirma que foi também por meio da arte que conseguiu ultrapassar a grande barreira imposta pelos carrascos do *Lager*, os quais enfatizavam, no cotidiano do Campo, o ritual de tortura física e tortura psicológica: “— Este é o refrão que todos nos repetem: vocês não estão mais em casa, isto não é um sanatório, daqui só se sai pela Chaminé [...]” (LEVI, 1988, p. 14). Tal prática de tortura, a nosso ver, é superada por estratégias de resistência e de sobrevivência por parte de alguns encarcerados, como Levi, portador de grande repertório cultural diverso. Como sobrevivente, tece o testemunho que, naquela vivência em situação-limite, recorreu ao exercício da memória e se apropriou de versos da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, para ensinar sua língua materna a um companheiro. Jean, também na condição de encarcerado, lutava pela sobrevivência e manifestou interesse em aprender o idioma italiano.

Assim, eles aproveitam a oportunidade durante um percurso em que ambos caminhavam para cumprir a tarefa de buscar o panelão de sopa:

Jeanouve atento. Eu começo, lento, cuidadoso:

*“Lo maggior corno della fiamma antica
Comincià a crollarsi mormorando,
Pur come quella cui vento attatica.
Indi, Ia cima in qua e in là menando,
Come fosse Ia lingua che parlasse,
Mise fuori Ia voce edisse: Quando...”*⁹

Aqui para e tento traduzir. Um desastre: cuidado de Dante e coitado do francês! O ensaio, porém, parece que está dando certo; Jean se admira com a estranha comparação da língua; sugere-me a palavra apropriada para traduzir “antica”. [...]

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas:

*“Considerate la vostra semenza:
Fatti non foste a viver come bruti,*

⁹ ““Eis que a porta maior da chama antiga / começou a mover-se, crepitando, / tal a que um vento ríspido castiga. / E de um ou outro lado se agitando / um som soprava, como que saído / de seu calor, e que dizia: Quando”” (Tradução de Luigi Del Re – *In*: LEVI, 1988, p. 165).

ma per seguir virtude e conoscenza.”¹⁰

É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou.

Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando. Ou talvez seja algo mais: talvez (apesar da tradução pobre e do comentário banal e apressado) tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas [...]” (LEVI, 1988, p. 165-68, grifos do autor).

Essa passagem possibilita-nos entender a literatura como uma das estratégias de resistência que os prisioneiros adotaram para sobreviver, tanto no período de confinamento nos diversos Campos nazistas quanto na fase em que eles retornaram para o convívio social do mundo extracampo. Aqueles intelectuais que sobreviveram à política nazifascista, como Levi, conseguiram, através da escrita e da narrativa, denunciar a tragédia que foi o Holocausto, sobretudo por meio dos relatos autobiográficos e testemunhais dessa experiência, os quais, conseqüentemente, contribuíram para a consolidação da literatura de testemunho da Shoah. Por essa ótica, confirma-se a potencialidade do texto literário, que, mesmo naquele ambiente-catástrofe, produziu sentidos e o narrador nos mostra que, ao vivenciar a leitura daqueles versos, teve a sensação de ouvi-los “pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou” (LEVI, 1988, p. 168).

A esse respeito, Claudia Fernanda de Campos Mauro (2012, p. 38) interpreta que:

Os versos de Dante assumem aqui, portanto, no universo do campo de concentração, o valor de um ato político e humano, uma afirmação coletiva dos valores que o sistema pretendia destruir. Neste contexto, Levi empresta à poesia de Dante ares evidentes de poesia-resistência, visando à preservação, se possível, de mínimas condições de humanidade, tais como a lembrança da própria língua e da própria cultura.

Ao buscar na memória tais versos da narrativa de Dante e ao lê-los em voz alta, o prisioneiro vivenciou um momento de superação da sua condição não humana. Ele sobreviveu à barbárie, não saiu pela chaminé, tampouco virou cinza, mas evadiu-se através do gozo do texto literário e da arte literária. Ele sobreviveu à tragédia que foi o Holocausto, regressou para dar testemunhos, narrar em nome da memória coletiva, manter ativa a memória daqueles que não regressaram, bem como daqueles que perderam a capacidade de verbalizar sua dor.

¹⁰ ““Relembrai vossa origem, vossa essência; / vós não fostes criados para bichos, / e sim para o valor e a experiência.”” (Tradução de Luigi Del Re – *In*: LEVI, 1988, p. 167).

Quanto ao personagem Gedale, na função de comandante da resistência judaica, considera que é também por meio da arte de compor poesia e tocar o violino que lhe surge as melhores ideias para conduzir o grupo no terreno estratégico, para colocar em práticas as ações de sabotagem ao inimigo, ou para as ações de confronto bélico.

O personagem é descrito como sobrevivente de um confronto bélico, no qual foi alvejado por um tiro, mas salvo pelo violino, porque a munição acertou no instrumento musical. Gedale, então, vivenciou a sensação do atravessar pela morte, conforme teoriza Seligmann-Silva (2003a, p. 47) sobre o conceito de testemunho, o qual, segundo o autor, desloca o “real” para uma espécie de campo obscuro, em que “testemunha-se algo excepcional e que exige um relato”. Tal relato não é jornalístico, tampouco reportagem, todavia, é perceptível pela unidade singular do “real”. Por esse viés, o teórico afirma que “[e]m um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do *mártir* – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte –, termo que vem do grego *mártur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *supertes* latino)” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 47, grifos do autor).

O pesquisador ainda explica que devemos manter esse conceito em aberto, pois não somente quem vivenciou um atravessar pela morte pode testemunhar; e a literatura, por seu tempo, possui um teor testemunhal (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 48). Desse modo, não apenas Gedale, no decorrer da narrativa, transmite relatos de cunho testemunhais, mas também outros membros da resistência judaica e personagens na condição de ex-prisioneiros e sobreviventes.

Após a exposição de Gedale a Mendel, o primeiro refez o embrulho e guardou o texto escrito por Martin e teceu uma reflexão sobre essa memória, porque o retorno a essa tragédia não é para se pensar todos os dias, visto que, se a guardamos dentro de nós, pode ser um veneno e, se isso ocorre, conseqüentemente “deixamos de ser membros da resistência” (LEVI, 1999, p. 146). Nesse sentido, a narrativa sugere que a dor, somada ao desejo de vingança, requer um equilíbrio do sujeito, senão, se deixar-se levar pelo veneno, poderá reproduzir as monstruosidades praticadas pelo inimigo, assim como agir sem a prudência necessária para combater e sobreviver em ambiente-limite.

Gedale, como líder do grupo judaico, ainda provoca Mendel: “[...] E grave bem isto, só acredito em três coisas: na vodca, nas mulheres e na parábélum. Antigamente, acreditava também na razão, agora não acredito mais.” (LEVI, 1999, p. 146), estratégias essas para sobrevivência em situação-limite. O sujeito disse acreditar só em três coisas, entre elas, a bebida alcoólica que pode ser interpretada como uma fuga da realidade, um meio de ultrapassar os obstáculos, os quais, mesmo fora de combate, o perturbam.

Justificamos, no entanto, que o personagem Gedale, no decorrer da trama, não demonstra uma dependência pelo álcool para o sucesso de suas ações individuais, bem como das ações do grupo gedalista. A vodca é utilizada nos acampamentos para os pequenos momentos de recreações e comemorações das ações judaicas. Assim, Gedale, além de utilizar como estratégia de resistência a arte de compor poesia, tocar violino e cantar, se apropria da vodca para os momentos festivos, os quais possibilitam ultrapassar o ambiente marcado pelo conflito bélico.

Apesar do contexto, ainda coloca as mulheres como algo que acredita. A companhia feminina se efetiva como força de amparo e motivação, e Gedale mantém um relacionamento estável com a personagem Bella, conforme apontamos. O outro fator é a metralhadora, em que ele se ampara como instrumento de trabalho, como força de combate, assim como o instrumento musical violino. E percebemos certa ambiguidade no discurso do sujeito, que ao mesmo tempo afirma ter deixado de acreditar na razão e posiciona-se a favor da força bélica.

Tais contradições ecoam o processo de desumanização do homem e sua animalização. Na condição de combatente da força de resistência judaica, Gedale acabou adquirindo traços das ideologias militares, já que durante o conflito bélico conviveu com militares e participou de treinamentos e operações de combate com grupos como o Exército Russo e a força de resistência do Exército Polonês.

As doutrinas militares também colaboram para o processo de despersonalização do sujeito, contribuindo para transformá-lo em homem ideologicamente treinado e adestrado para o aparelhamento do Estado, para o cumprimento de ordens dos governantes, uma espécie de homem-máquina.

Podemos ler, então, que Gedale vive entre o fuzil metralhadora e o violino, sendo essas suas principais armas de combate contra a política nazifascista. E, ao longo da história, revela que as melhores ideias para agir ou coordenar as ações de combate advêm na mente dele quando exerce suas habilidades artísticas de tocar violino.

3.2 Os gedalistas e as operações de resistência

Após o período de descanso, Gedale decidiu partir com o objetivo de entrar em terras polonesas. Ele ressaltou para todos que seria uma forma de os judeus serem lembrados. Enfatizou que o grupo gedalista era aberto, quem quisesse ficar na Rússia ou esperar o *front* era totalmente livre, porém todos confirmaram o desejo de seguir em frente, unidos com os mesmos objetivos. Notamos que, diferentemente das corporações militares, a força judaica de resistência

oferecia aos seus integrantes a liberdade para escolher lutar, desistir ou seguir um outro caminho, como buscar ou escolher um lugar para viver até o final da guerra.

Gedale dialogou com Piotr, Mendel e Dov e decidiu fazer a viagem de trem. De início, a ideia soou um pouco perigosa, devido às locomotivas serem escoltadas por soldados alemães, ou aliados. Todavia, Gedale, por meio do diálogo com Piotr, tomou conhecimento do terreno, da ferrovia e da estação mais próxima, Larni, que ficava em Kolki, cerca de quarenta quilômetros ao sul, e encorajou os gedalistas a abordarem o trem em campo aberto. Em relação a Pavel, que possuía o cavalo Tordo, orientou-o a ir nesse animal, como um camponês, e esperar o bando na estação de Kolki.

O restante do grupo deslocou cerca de duas horas a pé até as mediações da ferrovia, para colocar o plano em ação, abordar o trem e eliminar a escolta alemã. Tal operação foi realizada com sucesso. Estrategicamente, Gedale ordenou que os combatentes se posicionassem dos dois lados entre as moitas e, depois, se posicionou entre os trilhos, acenando um pano vermelho. O trem reduziu a velocidade e, por fim, parou, mas de imediato a escolta alemã abriu fogo. Gedale se esquivou, abrigando-se atrás de uma árvore, e o restante do grupo abriu fogo, de forma organizada e estratégica, sempre mudando de posição no meio das moitas, para os combatentes não serem localizados.

O narrador mostra que Mendel ficou impressionado com a habilidade e a técnica dos gedalistas, enfatizando que eram realmente audaciosos e pensando na letra da música que tinha ouvido pela primeira vez: “Alfaiates, copistas e cantores, dizia a canção deles: mas tinha aprendido rápido e bem o novo ofício” (LEVI, 1999, p. 148). Mendel ainda se impressionou com a habilidade de Mottel, que saltou sobre o trem e em um instante estava correndo no teto dos vagões até chegar à cabine da locomotiva. Lançou uma granada alemã dentro da cabine, houve uma explosão e, conseqüentemente, cessou o tiroteio, porém, além de matar três alemães da escolta, morreram o maquinista e o folguista. Gedale não gostou da morte desses profissionais, porque os dois não tinham nada a ver com a operação e eram necessários para conduzir a locomotiva. Todavia, ressaltou que “quem serve os alemães assume riscos e sabe disso” (LEVI, 1999, p. 149).

Sem os funcionários responsáveis pela locomotiva, Gedale e Mendel encarregaram-se de consertá-la e o restante fez uma inspeção geral nos vagões e identificou que a carga transportada era somente de sacos de cimento, cal e carvão. Mendel, que antes da guerra era relojoeiro, mecânico de armamento e, em sua aldeia, consertava tratores, conseguiu manejar os comandos e recolocar a máquina em funcionamento. “‘Atenção, estou ligando o vapor’. A chaminé bufou, os amortecedores gemeram e o comboio retrocedeu alguns metros; todos

gritaram ‘hurra’” (LEVI, 1999, p. 150). Além disso, eles inverteram o percurso e o último vagão passou a ser o primeiro.

Mendel, o homem do laboratório, além de portador de memórias traumáticas e da linguagem de resistência, contribuiu com as ações gedalistas por meio de seu conhecimento técnico; com muita cautela e paciência, colocou a locomotiva em funcionamento e assumiu, nessa operação de sabotagem ao inimigo, a função de maquinista. Mendel informou que precisava de um folguista, eles discutiram entre si e elegeram Kòkhele Negra para a função de folguista. Ela desenvolveu a função com motivação e alegria, despojava pá de carvão com muita facilidade e com entusiasmo infantil, conforme o narrador. Já Józek, armado com um fuzil metralhadora, ocupou um lugar próximo a Mendel, ajudando-o com informações da linha e ainda realizou o papel de batedor.

Durante a viagem, Gedale solicitou ao novo maquinista parar o trem. Os dois desceram e o comandante disse: “‘Ouça, relojheiro, me veio à cabeça que seria bom danificar este trem o mais que pudéssemos [...]’” (LEVI, 1999, p. 151). Nesse diálogo, Mendel sugeriu que emborcassem as bordas dos vagões; uma vez descobertos, com o movimento da locomotiva, a cal, o cimento e o carvão poderiam cair no terreno. Assim foi feito e, no início da tarde, chegaram em Kolki, com apenas um pouco da mercadoria. Como combinado, Pavel aguardava na plataforma de carga. “Na pequena estação não havia ninguém, exceto o chefe do posto, que, ao ver a metralhadora na mão de Józek, fez uma espécie de saudação militar e se retirou. Mendel freou, carregou num instante Pavel junto com o Tordo, e partiu novamente” (LEVI, 1999, p. 151-152).

Pavel trouxe notícias importantes sobre a guerra, pois, na estação, ele as ouviu no rádio e reconheceu pela voz que se tratava da rádio de Moscou, que “dizia que os russos tinham retomado a Criméia, que todas as cidades alemãs estavam sendo bombardeadas dia e noite, e que na Itália os aliados se encontram às portas de Roma” (LEVI, 1999, p. 152). Quanto à cidade, observou que, em cada esquina, havia um cartaz com orientações para não trabalhar para os alemães de forma alguma, escrito tanto em russo quanto em polonês. Havia, também, ordens para não rasgar o cartaz ou retirá-lo; todavia, Pavel conseguiu retirar um que já estava um pouco descolado para apresentar aos companheiros. Eis o conteúdo: “‘Não trabalhem para os alemães! Não passem informações para eles! Quem fornecer trigo aos alemães será fuzilado. Leitor, estamos vigiando-o; se rasgar este cartaz, atiraremos em você.’” (LEVI, 1999, p. 152). E tais cartazes eram assinados pelo regimento da Estrela Vermelha.

Nessa perspectiva, é possível perceber a escrita como forma de resistência, como arma de papel. Os aliados contra as potências bélicas nazifascistas, estrategicamente, também se

apropriaram da escrita para conscientizar a população das aldeias a não fornecer informação alguma aos alemães. Mas, apesar de a mensagem nos cartazes ter instruções relacionadas ao contexto bélico, de caráter de advertência e ameaçador, diferentemente da propaganda alemã, o objetivo era neutralizar o inimigo já enfraquecido.

No decorrer da viagem, Gedale almejava, de alguma forma, marcar a entrada da patrulha judaica no território polonês, sobretudo em Sarni, uma cidadezinha moderna e a última antes da fronteira. Ele planejava sabotar a estação e, para o sucesso do plano, foi preciso buscar informações entre os homens, por exemplo, quem conhecia a cidade e a região. Józek havia prestado serviço militar nessa cidade, portanto conhecia muito bem a estação e repassou informações preciosas e necessárias para o sucesso da operação. A estação possuía uma oficina para manutenção das locomotivas e era rota para Lublin e Varsóvia. De acordo com o narrador, “Gedale se iluminou, e disse a Mendel: ‘A sua máquina terá um fim glorioso’. Mendel disse que esperava não acabar junto com ela” (LEVI, 1999, p. 153).

Quando se aproximaram da cidade, já no período noturno, o comandante ordenou ao maquinista parar a locomotiva e colocou o plano em ação. Orientou para todos descerem. Tentaram descer também o cavalo Tordo, mas o animal, com medo, não obedeceu aos comandos; os homens o empurraram, entretanto o animal recusava a se mover. Por fim, resolveu saltar e quebrou uma das patas dianteiras, mediante o que Gedale achou necessário sacrificar o animal com um tiro na cabeça.

Em relação à sabotagem, o líder falou para o maquinista conduzir os vagões até o trilho central, e Józek e Pavel ficaram responsáveis para, com cautela, desviar os vagões para a plataforma principal. Após executar a missão, eles retornaram e comunicaram “que a ponte da plataforma estava em posição transversal ao trilho de desembarque: ótimo, disse Gedale. Mandaria a locomotiva se espatifar contra o vão da plataforma, a oficina ficaria bloqueada pelo menos durante um mês” (LEVI, 1999, p. 153).

O comandante ainda questionou Mendel sobre a destruição da locomotiva. Poderia até ter gostado dela, mas, por segurança, não poderiam seguir com a locomotiva nem a deixar em funcionamento para os alemães. Além disso, objetivava realizar uma sabotagem geral, destruir parte da estação, deixá-la inoperante, já que era rota principal dos alemães. Nesse sentido, ele apresentou para Mendel um pouco das experiências aprendidas na vivência pelos bosques: “[...] as ações mais bem sucedidas são aquelas que o inimigo não acredita que você possa executar. Vamos, empurre os vagões para lá, ponha a máquina em movimento e salte.” (LEVI, 1999, p. 154).

O maquinista seguiu as orientações de Gedale e a operação foi concluída com êxito. Eles ouviram o estrondo das chamas metálicas, uma espécie de trovão, viram faíscas de fogo e escutaram o barulho das sirenes. E a patrulha judaica gedalista fugiu, na escuridão, em silêncio rumo ao campo. Essa foi uma das façanhas dos gedalistas, segundo o narrador, e essa operação marcou a passagem e a entrada do grupo ao mundo habitável.

Depois da interdição da estação, Gedale conduziu a patrulha gedalista para o centro do bosque, e orientou o grupo que todos deveriam manter, por algumas semanas, distanciamento tanto da cidade como da ferrovia. Eles montaram o acampamento e, após três dias, conforme o narrador, “Gedale vestiu roupas quase burguesas, depôs as armas, ordenou que não tomassem iniciativas enquanto ele não voltasse, e saiu sozinho” (LEVI, 1999, p. 155). Manteve o sigilo, não deu informação alguma sobre seu destino, e isso gerou algumas insatisfações, ao ponto de os companheiros, na condição de subordinados, discutirem possíveis hipóteses das mais fúteis às mais bem elaboradas. Todavia, Dov, o mais experiente, tratou de passar algumas orientações sobre o trabalho de Gedale, em especial o comportamento diante do grupo e dos pontos de interlocução com outros grupos.

Como já citado, Levi (1999) traz para sua escrita ficcional estratégias narrativas referentes aos elementos culturais abordados e teorizados por Benjamin (1994) acerca do narrador e da experiência adquirida, tanto daquele que sempre viaja para manter seus negócios comerciais, quanto daquele que vive apenas em sua terra natal, em sua aldeia e é portador de muita sabedoria. O autor explica que essa troca de conhecimentos é uma experiência culturalmente enriquecedora e, no contexto, temos o personagem Dov representado como o sobrevivente experiente do *Lager*: além das experiências da corporação militar na guerra, ele é portador do saber popular e cultural de sua aldeia e de seu país, é um judeu siberiano, de idade já avançada, que exerce liderança sobre os demais. Consoante o narrador, quando Dov falava, todos o escutavam em silêncio, respeitavam-no, tinham carinho e admiração sobretudo por sua experiência de vida.

Após cerca de dez dias, Gedale retornou discreta e silenciosamente. Almoçou e se isolou para tocar violino. Foi cobrado por Bella, sua companheira, pelo silêncio e ela lhe informou que as reservas de alimentos estavam acabando. De imediato, apresentou um pacote de dinheiro que havia conseguido para o sustento do grupo e convocou uma reunião com todos.

Na reunião, primeiramente, Gedale justificou que não era bom em discurso, portanto iria falar só o importante e o necessário: “Não somos mais órfãos nem cães abandonados. Falei com alguém que sabia quem éramos e de onde vínhamos. A operação da locomotiva foi útil, mais do que eu esperava. Recebi dinheiro, vamos receber mais, e talvez também armas e fardas

regulares” (LEVI, 1999, p. 156). Então, observamos que, no decorrer da narrativa, o trabalho dos judeus como força de resistência vai, aos poucos, sendo reconhecido.

Gedale trouxe notícias sobre a existência de outros grupos de luta armada como resistências:

além dos bandos enquadrados no Exército Vermelho, como os de Ulybin, há grupos espontâneos de camponeses, bandos de dissidentes ucranianos e tártaros, quadrilhas de bandidos, mas também outros grupos judeus como o nosso: outros Gedales e gedalistas. Fala-se pouco disso, porque os russos não apreciam os separatismos, contudo eles existem, mais ou menos armados, grandes ou pequenos, móveis ou fixos. Há até bandos russos comandados por judeus. (LEVI, 1999, p. 156).

Dentre os homens que agiam clandestinamente, as quadrilhas formadas por bandidos eram uma ameaça tanto para os grupos de resistências quanto para a população das aldeias. Esses bandidos, assim como os alemães, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, apareciam nas corrutelas e pequenas fazendas para roubar alimentos, armas, dinheiro, animais (como vacas, porcos e cavalos), entre outros itens. O comandante disse que apresentou os objetivos do grupo gedalista à pessoa com quem conversou e foram aprovados; obteve apoio para seguirem em frente com o trabalho da resistência e ressaltou que o grupo não iria esperar o *front*, pois

somos uma vanguarda, temos que precedê-lo. O que esperam de nós é que continuemos a fazer o que sempre fizemos, guerrilha, sabotagem, ações diversionistas, e também algo mais: temos que avançar para o interior da Polônia e atacar os Lagers dos prisioneiros de guerra e de judeus, se ainda os encontramos. Pretendemos reunir os desgarrados e expurgar a região dos espões e colaboracionistas. Temos que nos deslocar para o ocidente. Aos russos, interessa que estejamos presentes do lado oeste como russos; a nós, interessa estar presentes como judeus e, pela primeira vez em nossa história, as duas coisas não se contradizem. (LEVI, 1999, p. 156).

Gedale assegurou que o grupo gedalista ganhou carta branca para agir, atravessar as fronteiras e fazer justiça – justiça à maneira dos gedalistas. A partir de tais explicações, eles seguiram juntos através dos campos e dos bosques, na região de Volínia. Objetivavam se manter, o mais possível, afastados das estradas e cidades, mas não puderam evitar totalmente algumas aldeias.

Na praça de uma delas, encontram um cartaz com uma mensagem referente à imagem de Gedale: ““Quem matar o judeu Gedale Skidler, bandido perigoso, receberá 2 kg de sal. Quem der a este Comando informações úteis para capturá-lo, receberá 1kg de sal. Quem o capturar e o entregar vivo, receberá 5 kg de sal”” (LEVI, 1999, p. 157). Assim, verificamos que a perseguição aos povos judaico-cristãos se estende aos membros da resistência, porque Gedale,

um dos líderes da revolta judaica no gueto de Varsóvia, é procurado pelos soldados alemães, além de ser um judeu rotulado de bandido perigoso. Ele verificou o cartaz, mas a fotografia não era sua, e sim de um “colaboracionista ucraniano bem conhecido na região” (LEVI, 1999, p. 157). Tal fotografia levou-o a cogitar a possibilidade de o grupo gidalista capturar este homem, todavia os integrantes do grupo convenceram o comandante a desistir da ideia e seguir destino a fim de cumprir todas as metas do grupo.

Era mês de junho e um período chuvoso, o que dificultava o acesso da tropa aos rios, córregos e pântanos. O grupo avistou um moinho de vento, local para fabricação de farinha, porém se tratava de um lugar abandonado. Os gidalistas aproveitaram para passar a noite nesse local e todos encontraram um lugar para o descanso. O narrador, então, nos apresenta o personagem Isidor, um judeu que conseguiu fugir de Blizna e era obcecado por comida: “Tinha a obsessão da fome, punha na boca tudo o que encontrava” (LEVI, 1999, p. 158). No correr da noite, raspava o chão palmo a palmo e também as prateleiras de madeira, para retirar restos de farinha, que ele comia misturada com o pó da madeira.

Mesmo aconselhado e advertido por alguns companheiros, não importava se aquele farelo viria a fazer mal para sua saúde, agia indiferentemente, sempre em busca de algo para mastigar, denotando traços do processo de degradação do sujeito e de animalização do homem. Esse personagem é um forte exemplo dos objetivos e dos efeitos da política nazista: ele é ao mesmo tempo objeto e resultado dela, a qual tinha como meta transformar o humano em um não humano. A fome era uma das estratégias empregadas pelos SS para obter o controle dos corpos, que se tornavam não só corpos dóceis e obedientes, mas corpos bestializados.

Segundo Bibiana Gutierrez Fernandes de Sá (2007), os presidiários famintos eram igualados a bestas, pois com o tempo adquiria-se o hábito de andar olhando para o chão em busca de algo para comer. Para a autora, o projeto nazista tinha como meta tornar os corpos subjugados e, no pós-guerra, esse assunto é abordado, teorizado e denunciado por outros autores, entre eles, Primo Levi, na condição de sobrevivente, escritor e intelectual militante contra o retorno da barbárie.

Como abordado no primeiro capítulo desta Dissertação, Cangi (2003, p. 146-147), ancorado nos postulados de Agamben acerca dos sobreviventes de Auschwitz e sobretudo no que tange ao estado de exceção referente às leis do Estado, assinala que se tratava de um projeto biopolítico, cujo “poder tem diante de si o corpo biológico”.

Quanto à teorização sobre a noção de corpos dóceis, pautamo-nos pelos aportes teóricos de Foucault (2008a) acerca de suas pesquisas genealógicas referentes ao contexto histórico situado no final do século XVII e ao longo dos séculos XVIII e XIX. O filósofo defende que o

período das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, a qual passa a ser administrada por políticas de coerções que objetivam adestrar, dominar, controlar os corpos e, assim, torná-los dóceis e manipuláveis a partir de estratégias que resultam de uma mecânica do poder. Nesse contexto, primeiramente, Foucault (2008a) discute a noção do poder disciplinar e, posteriormente, identifica e discorre de forma teórica acerca do biopoder, retomando também reflexões sobre o poder soberano.

De acordo com o autor, esse mecanismo de poder sobre a vida humana se desenvolveu a partir do século XVII, especificamente, em duas formas principais:

Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam *as disciplinas anátomo-políticas do corpo humano*. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população* (FOUCAULT, 1988, p. 131, grifos do autor).

Foucault (1988) caracterizou como biopoder as estratégias de controle do corpo humano e os diversos processos de poder, os quais, a partir do século XVIII, foram responsáveis por uma progressiva organização da vida social. Observamos que o filósofo utilizou recursos e técnicas do poder disciplinar para contextualizar a noção de biopoder, visto que o foco do estudo é o mesmo: manter o controle dos corpos. Entretanto, o biopoder tem, também, outra função: gerar e controlar a vida dentro de uma multiplicidade, ou seja, da população, mas com objetivo no corpo individual.

Consoante os postulados de Foucault (2008b), a biopolítica pode ser definida como mecanismos políticos de controle social que têm como objetivo domesticar os seres humanos, torná-los mais dóceis e manipuláveis. Por essa ótica, a biopolítica abarca, então, o contexto geral da sociedade, isto é, controla a vida dos seres humanos de forma coletiva. Já o biopoder atua no controle da vida no sentido uno.

Segundo o autor, os traços do poder soberano permanecem inseridos nas políticas da modernidade, porque as instituições – como escolas, igrejas, hospitais, casernas, orfanatos, psiquiatria, presídios, fábricas – formam parte da estrutura do chamado corpo político, além de constituírem e fortalecerem o poder do Estado. Assim, as políticas governamentais herdaram os

traços do poder soberano e há traços do poder soberano mesmo dentro dos regimes políticos ditos democráticos. E, ao longo do contexto bélico, o poder soberano foi aplicado ao extremo, conforme demonstra a voz narrativa, que conta que Isidor

[e]ra o mais jovem do bando, ainda não completara dezessete anos; antes de juntar a Gedale, permanecera escondido por quase quatro anos, com o pai, a mãe e uma irmãzinha, num buraco cavado no chão de uma estrebaria. O camponês proprietário da estrebaria havia extorquido do pai todo o dinheiro e os valores da família, e depois o denunciara à polícia polonesa. Isidor tivera sorte, quando os alemães vieram, ele se achava fora, de vez em quando um dos quatro saía para espirar pouco de ar fresco no bosque: estava voltando, escondera-se, e do esconderijo tinha visto as ss, compostas de jovens também, pouco mais velhos que ele, matando a pauladas o pai, a mãe e a irmã. (LEVI, 1999, p. 157-158).

Essa descrição, apesar de inserida em uma narrativa de cunho ficcional, remete-nos aos relatos autobiográficos do autor e nas formas de representação que Primo Levi, por meio da ficção, faz de suas experiências tanto como sobrevivente dos Campos de Concentração quanto escritor da verdadeira história que foi o Holocausto. Por esse viés, o personagem Isidor representa uma parte das milhares de famílias judaicas que foram dizimadas pela política nazifascista. Além disso, é descrito como um sujeito que “não andava muito bem da cabeça” (LEVI, 1999, p. 158), pois convivia com esse trauma de assistir à morte da sua irmãzinha e de seus pais, sem poder fazer nada. Os traços do trauma são potencializados na fala do narrador: “trazia sempre uma faca na cintura, e freqüentemente delirava imaginado retornar à sua aldeia para matar aquele camponês” (LEVI, 1999, p. 158). Esse relato testemunhal vai ao encontro da teorização desenvolvida por Sigmund Freud acerca da experiência traumática, estudada e teorizada por Seligmann-Silva (2003a), que defende que o sobrevivente de Auschwitz convive com a dor, com uma espécie de ferida traumática.

Gagnebin (2014a, p. 110), por sua vez, explica que “[o] trauma é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito”. Segundo a autora, após os dois conflitos bélicos mundiais, sobretudo no que tange à tragédia que foi o Holocausto, as questões relacionadas às cicatrizes do trauma tornaram-se temática prioritária nas reflexões sobre a memória. Em relação às feridas dos sobreviventes, elas continuam abertas: “não podem ser curadas nem por encantamentos nem por narrativa. A ferida não cicatriza e o viajante, quando, por sorte, consegue voltar para algo como uma ‘pátria’, não encontra palavras para narrar nem ouvintes dispostos a escutá-lo” (GAGNEBIN, 2014a, p. 110, grifo da autora).

No primeiro capítulo, ressaltamos a importância dos escritos de Primo Levi para a consolidação da literatura de testemunho sobre a Shoah, pois, segundo Seligmann-Silva (2003a), o testemunho de Levi acerca da experiência concentracionária trouxe à tona os horrores da máquina genocida e os teóricos tiveram de rever as formas de representação do real, porque essa experiência ultrapassou todos os pactos de convenções das formas representativas existentes do real.

Nesse sentido, Gagnebin (2014a) aponta para o processo de interlocução de vozes sobre as cicatrizes representadas pela alta literatura, especificamente a passagem da obra clássica intitulada *Odisseia*, de Homero, em que o protagonista Ulisses, portador de uma cicatriz de infância, após vinte anos do início de uma guerra, retorna à sua pátria, com objetivos pessoais em não revelar de imediato sua identidade, porém é reconhecido por sua ferida de infância.

Gagnebin (2014a) mostra que, diferentemente da representação clássica da literatura ocidental, nos relatos de cunho memorialístico testemunhal acerca da experiência concentracionária, não é possível o reconhecimento do herói, do viajante, do sobrevivente, por meio da representação simbólica da metáfora da cicatriz. Após o maior evento catastrófico do século XX, Gagnebin (2014a, p. 110) assegura que: “não se reconhece mais o forasteiro pela cicatriz da infância – ele continua estrangeiro a si mesmo e a seus familiares, em seu próprio país”.

A autora refere-se ao relato do sonho recorrente de Primo Levi, ainda no cotidiano do *Lager*, no qual ele, ao regressar a sua casa, narra as monstruosidades praticadas contra os humanos nos Campos de Concentração nazistas, mas seus familiares não suportavam ouvi-lo. Levi testemunhou que essa experiência não foi apenas um sonho, em sua vida pós-Holocausto, ele realmente vivenciava tais experiências da não escuta.

A nosso ver, conforme teorizado por Seligman-Silva (2003a), a cicatriz do sobrevivente do Holocausto ultrapassa todas as formas de convenções, todos os pactos sociais e normas de representação do real. Portanto, aquele que retorna para sua pátria e para seus laços familiares não pode ser identificado pela metáfora da cicatriz, visto que ele é portador da experiência traumática, convive com a impossibilidade de falar, com a necessidade de narrar e com a insistência em recontar.

Dentro do grupo gidalista, havia alguns relacionamentos amorosos, como evidenciamos no capítulo dois desta Dissertação. Entre eles, a princípio, Line e Leonid, e, quase que em simultâneo, Mendel e Line. A trama narrativa sugere um possível triângulo amoroso, que desencadeia a fúria traumática do personagem Leonid, que, ao perceber que Line dormiu com Mendel e tomado por desespero, abandonou o grupo, sem pensar e sem destino.

Automaticamente, foi conduzido pela própria dor para uma base inimiga, ou seja, de encontro à morte. “Meia hora depois, todos estavam acordados e Leonid não aparecia; tinham desaparecido também sua mochila e sua arma” (LEVI, 1999, p. 168).

Reiteramos, então, a noção da metáfora do relógio enferrujado, o qual, na visão do homem do laboratório, precisava ser consertado e colocado em funcionamento. Porém, diante das barreiras que o impediam de se comunicar e da impossibilidade de verbalizar suas feridas por meio da linguagem, Leonid age no impulso das suas emoções, individualmente, sem as precauções necessárias para prosseguir no terreno em contexto bélico, ou seja, ele se lança ao perigo sem importar com a sua vida. Assim, Leonid também é a representação daqueles que se entregaram ao projeto político nazifascista em tornar os homens corpos dóceis e corpos vencidos, isto é, aqueles que se entregaram a todas as imposições dos alemães, as quais contribuem diretamente para o esvaziamento da condição humana.

Diante desse fato, Gedale imediatamente ressaltou: “*Nu*, não somos o Exército Vermelho e eu não sou Ulybin” (LEVI, 1999, p. 168, grifo do autor). Tal posicionamento se referia à prática da extrema violência adotada dentro da Corporação, sobretudo por quem comandava. No geral, punia-se com a retirada da vida daqueles que de alguma forma desistiam da luta, ou até mesmo por se recusar a cumprir ordens. Gedale, então, assegurou que, sozinho, Leonid não iria muito longe; estabeleceu um prazo de três dias para encontrá-lo, mas demonstrou preocupação, principalmente, em eventual caso de Leonid se deparar com tropas inimigas.

Os companheiros também se preocuparam com Leonid, porque sabiam que não se tratava de uma desistência e ele levou o fuzil automático; na opinião dos gedalistas, deveria ter deixado tal arma. Mendel se posicionou para ir procurá-lo e, igualmente Dov, que, com sua experiência, utilizou um cão para farejar a cobertura que Leonid dormiu e tentar seguir no rasto dele, mas foi uma empreitada sem sucesso.

Gedale orientou-os para não perderem mais tempo e determinou que todo o grupo gedalista deveria seguir seu destino. Leonid, se quisesse, saberia muito bem reencontrar o grupo. “Mendel pensou: ‘Foi atirar nos alemães, mas talvez quisesse atirar em mim’” (LEVI, 1999, p. 168), o que demonstra que carrega mais esse peso, de ter se envolvido com a mulher do companheiro Leonid. Lembremo-nos de que ele tinha conhecimento das feridas do amigo, das suas perdas familiares. Mendel compreendia que Leonid precisava da ajuda de algum profissional da saúde mental para ajudá-lo a superar suas cicatrizes.

Depois de três dias de caminhada pelas trilhas, por acaso, encontraram Leonid. “No terreno plano, viam-se as ruínas de uma cabana de pedra; no umbral havia seis homens e um

deles era Leonid” (LEVI, 1999, p. 170). Todavia, ele estava na condição de prisioneiro, entre militares das Forças Armadas Nacionais polonesa. O comandante da patrulha polonesa fez uma abordagem autoritária e de cunho ameaçador aos gedalistas; armado, veio ao encontro do grupo da resistência judaica. “Elevou acima da cabeça a metralhadora que trazia a tiracolo; não a apontou contra os recém-chegados, mas a deixou pender com negligência, segurando-a pelo cano, e disse em polonês: ‘Parem’” (LEVI, 1999, p. 170), ocasionado uma reação imediata em Gedale.

O comandante gedalista ordenou para o grupo parar, pois nasceu na Polônia e compreendia muito bem o idioma. Mas, estrategicamente, preferiu falar em russo e demandou a Józek fazer a função de tradutor. Assim, determinou que Józek verificasse o que queria aquele senhor e o militar respondeu com fúria: “‘Desejo que vão embora. Aqui é nossa terra, e vocês já causaram muitos problemas.’” (LEVI, 1999, p. 170). Para evitar conflito, Gedale adotou uma postura politizada, mas não deixou de demonstrar bravura: “Diga-lhe que temos uma grande vontade de ir embora, e que não precisamos de seu encorajamento” (LEVI, 1999, p. 171).

Como Gedale supunha, a cólera do militar era por causa da operação praticada por seu grupo, a qual resultou na interdição da estação de Larni, em Kolki, operação recontada por nós no início deste tópico. Aquela era uma região de responsabilidade das Forças Armadas Nacionais e o comandante polonês ressaltou que, em função de tal ação, ele e seus subordinados tiveram que enfrentar represália dos alemães. E ainda fez referência ao membro gedalista que se encontrava na situação de prisioneiro: “‘deste temário estúpido, deste insensato com a Estrela Vermelha, que sai por aí sozinho bancando o herói, sem pensar que...’” (LEVI, 1999, p. 171). Gedale tomou a palavra, e quis saber sobre as ações de Leonid, que tinha sido capturado, mas o comandante polonês ressaltou, severamente:

“nós o salvamos. E não saiam contando por aí: porque é a primeira vez que as NSZ salvam um judeu, e além do mais russo e comunista, das balas dos alemães. Mas deve ser meio pancada: armado, em pleno dia, sem ao menos olhar em volta, avançada direto rumo ao posto de controle dos alemães...” (LEVI, 1999, p. 171).

Essa passagem reforça as ações de Leonid, personagem descrito como ex-prisioneiro do *Lager*, que, no decorrer do romance, carrega consigo marcas do trauma, que vão além da experiência concentracionária. Como imaginava o companheiro Mendel, ao se sentir traído por Line e ele próprio, Leonid decidiu ir de encontro à morte e com um fuzil automático atirar nas tropas alemães. E, ao se deparar com as fortes emoções pessoais, como sugere a narrativa, automaticamente é acionada uma espécie de gatilho e ele se choca com suas feridas traumáticas,

das quais não consegue se livrar. Diante da impossibilidade de narrar o inenarrável, Leonid fracassa novamente e opta pelo caminho da morte.

Ainda em relação à interlocução entre Gedale e o militar polonês, o primeiro explica que irá interrogar e punir Leonid, porque não estava a serviço do grupo, fora uma ação individual. O segundo afirmou que o interrogou e ele falou que agiu por conta própria. Todavia, o comandante polonês não deixou de acusar os gedalistas de terem agido como os alemães: “[...] e já aprendemos alguns truques. E vocês os copiaram dos nazistas: tudo preciso como no tempo do incêndio do Reichstag, escolhe-se alguém meio fraco da cabeça, que é mandado ao matadouro, e depois a represália cai como raio do lado que lhes convém.” (LEVI, 1999, p. 171). Porém, tratavam-se de acusações infundadas; Leonid havia abandonado seu grupo e confessou ter agido individualmente, os gedalistas, bem como os demais judeus mostravam que a luta judaica era contra um único inimigo: os alemães e seus aliados.

Tais acusações proferidas pelo militar expressam caráter ideológico e racista. Ele supôs que o tradutor auxiliar de Gedale, Józek, tinha jeito de ser judeu e fez comentários depreciativos sobre os judeus, os quais “[...] andam pela Polônia com armas roubadas aos poloneses, e se fazem passar por membros da resistência, bando de filhos da puta!” (LEVI, 1999, p. 172). Essas provocações levaram o líder Gedale a reagir ao ponto de usar a força: “ficou furioso. Com a mão esquerda arrancou a metralhadora das mãos do polonês, e com a direita lhe deu um violento soco na orelha. O polonês vacilou, deu alguns passos incertos, mas não caiu” (LEVI, 1999, p. 172). Entretanto, não houve confronto bélico, pois os homens de Gedale eram cerca de trinta e todos armados, e o comandante polonês estava apenas com três militares, os quais, durante a discussão, mantiveram as armas apontadas para os gedalistas.

Gedale defendeu os judeus e mostrou qual o objetivo da luta:

“Eu também sou judeu, Panie Kondotierze”, disse Gedale com voz tranquila. “Não roubamos essas armas, e sabemos usá-las muito bem. Vocês combatem há cinco anos, e nós há três mil. Combatem em dois fronts, e os nossos fronts, não dá nem para contar. Seja razoável, senhor capitão. Temos um inimigo comum para combater: não desperdicemos nossas forças.” (LEVI, 1999, p. 172).

Notamos que Gedale, como líder, defendeu a identidade judaica e os membros da resistência judaica, mediando o conflito, porém o capitão insistiu com um discurso de arrogância: “Não queremos saber nada de vocês e não queremos ter nada a ver com vocês. Levem seu homem de volta. E carreguem também aquele outro, que diz ser um dos seus: não sabemos o que fazer com ele” (LEVI, 1999, p. 172). O polonês referiu-se tanto a Leonid, que

estava na condição de preso e foi liberado, quanto ao personagem Arié, um judeu desgarrado, que foi bem acolhido pelos gedalistas.

Seguiram viagem e Arié recebeu admiração do comandante. No processo de interação com os membros da resistência judaica, contou um pouco de sua história: era de nacionalidade georgiana e se orgulhava disso; foi dispensado do serviço militar, devido ao pé torto, mas no decorrer da guerra todos de sua aldeia foram obrigatoriamente convocados. No *front*, foi designado para trabalhar na retaguarda, mais especificamente em uma padaria militar para assar os pães, porém foi capturado: “[...] Os alemães me fizeram prisioneiro, mas como trabalhador civil, e essa foi a minha sorte. Nem se deram conta que eu era judeu...” (LEVI, 1999, p. 174). Nessa representação simbólica, o personagem Arié ganha destaque como representante dos vários sobreviventes de origem judaica que transitaram entre a vida e a morte. Eles se salvaram por uma espécie de milagre, por estrategicamente não se identificarem como judeus, por uma falta de atenção dos carrascos da SS, por um vacilo dos guardas e fugiram, enfim, por sorte.

Quanto ao caso de Leonid, Gedale alegou que era contra punições. Por isso, tratou de se aconselhar com Józek, Dov e Mendel. Józek se posicionou afirmando que Leonid precisaria, na verdade, de tratamento com um profissional da mente e, como não era possível naquele momento, uma punição seria algo desnecessário, pois prejudicaria mais ainda seu estado de saúde. Dov também se posicionou contra uma punição e Mendel, se sentindo culpado, preferiu a princípio se manter em silêncio, porque poderia prejudicar o companheiro. Na sequência, optou por enfatizar que Leonid tivera uma vida difícil, mesmo antes da guerra, e realçou que uma punição era extremamente desnecessária e que concordava com Józek, o melhor era Leonid ser encaminhado para um médico.

Gedale, ainda sem chegar a uma conclusão, ressaltou: “Vocês são realmente conselheiros extraordinários. Tratá-lo, sim, mas não se pode. Puni-lo, sim, mas não se deve. [...]” (LEVI, 1999, p. 177). O comandante sublinhou que era melhor eles serem mais objetivos e considerarem que era prudente não tentar resolvê-lo, e que “o caso se resolva sozinho. Vocês me parecem os consoladores de Jó” (LEVI, 1999, p. 177). Optou, então, por aguardar, mas afirmou que iria buscar uma sugestão junto a Line, já que ela conhecia um pouco mais Leonid.

E percebemos, através do discurso de Gedale, que Primo Levi estabelece uma interlocução textual com os escritos bíblicos, em específico o capítulo intitulado “Livro de Jó”. O autor refere-se à passagem em que os amigos de Jó lhe fazem uma visita num momento em que ele perdeu todos os seus bens e padece de uma doença incurável. Os amigos de Jó não apresentam uma solução, mas apontam para uma possível desobediência do fiel ao senhor Deus.

À luz do discurso bíblico, Jó é quem terá que repensar suas atitudes e encontrar um caminho para sua cura, pois, para os amigos, certamente, Jó blasfemou contra o Criador.

O grupo acampou nos arredores de Annopol e de novo Gedale, estrategicamente, ausentou-se, mas retornou no outro dia. Ele adotou algumas medidas de segurança em relação aos deslocamentos, que passaram a ser somente à noite, porque se tratava de uma área bastante movimentada por camponeses, sobretudo nas aldeias. O líder determinou que a marcha noturna deveria ser de vinte quilômetros por noite, visando chegarem às mediações de Opatów e Kielce, e para os que falavam polonês a ordem era que se comunicassem com a população local apenas em caso de precisão.

Mottel deslocou-se até uma casinha isolada, em busca de água, próxima da aldeia de Zborz “e encontrou uma velha sozinha, deitada sobre a palha da estrebaria, onde, contudo, já não havia animais. A velha se esforçava para se mexer, tinha uma perna quebrada que não recebera tratamento” (LEVI, 1999, p. 179). Explicou para Mottel como ir ao poço retirar água e trazer um pouco para ela; estava há cerca de três dias sem se alimentar e pediu a ele algo para comer. Vivia sozinha e, no cotidiano, alguém da aldeia se lembrava dela e levava-lhe um pedaço de pão. A senhora informou ainda que havia, ali próximo, uma plantação de centeio para alimentar uma família grande, mas ninguém para colher. Ela estava preocupada, porque, com a chegada da chuva, iria perder o centeio.

Mottel tratou logo de informar Gedale a respeito do que descobriu e esse decidiu ajudar a população local, que já era bastante idosa: “Temos que ajudar essa gente. A nossa guerra é também isso. É a ocasião certa para fazê-los entender que chegamos como amigos e não como inimigos” (LEVI, 1999, p. 180). Apenas um gidalista, Józek, questionou Gedale, pois nessa região os judeus e russos não eram bem aceitos. O restante concordou, e, de acordo com o narrador, eles “estavam cansados de destruir, cansados das obras negativas e estúpidas a que a guerra constrange os homens” (LEVI, 1999, p. 180). Por esse viés, observamos que, mesmo em ambiente hostil, como o da guerra, manifestam-se, como resistência, as ações humanitárias.

Por meio da voz narrativa, ainda compreendemos que, no decorrer do conflito bélico, ao mesmo tempo em que ocorre a desumanização também ocorre a humanização dos judeus que decidiram pegar em armas para lutar nessa guerra da resistência para sobreviverem. Os refugiados, os sobreviventes e os desgarrados do Exército Russo uniram-se para além de derrotar o único inimigo: os alemães e seus aliados; uniram-se pela luta do fim da guerra em defesa da vida humana. Por essa chave de leitura, as ações humanas como estratégias de resistência e sobrevivências são empregadas na sociedade das pequenas aldeias cuja população não se livrou dos horrores da guerra.

Como prova dessa determinação, consertaram o telhado da casa da senhora e, durante o trabalho, aproximou-se um senhor: “‘Sou Burmistrz, o prefeito da aldeia’, disse o velho com dignidade, embora tivesse mais exatamente o aspecto de um mendigo. ‘Quem são vocês? Para onde vão? O que desejam?’” (LEVI, 1999, p. 180). Gedale se apresentou em polonês, a fim de responder tais questionamentos e estabelecer uma comunicação agradável: “‘Somos um grupo de desgarrados, homens e mulheres. [...]’” (LEVI, 1999, p. 181); depois, esclareceu que estavam de passagem, que não tinham objetivo de causar mal a ninguém tampouco perturbar, como não queriam ser perturbados. Em seguida, disse: “‘[...] Estamos cansados, mas temos braços fortes: podemos lhes ser úteis em alguma coisa.’” (LEVI, 1999, p. 181). O prefeito perguntou em que poderiam ser úteis, e Gedale propôs na colheita do centeio. O homem aceitou de imediato, quis saber o que queriam em troca, mas Gedale exigiu muito pouco: lugar para dormir por algumas noites, água, uma parte da colheita que julgasse justa e o silêncio, porque era necessário falar pouco sobre a patrulha judaica.

A colheita foi realizada com sucesso. Alguns gedalistas tinham experiências com o trabalho agrícola, como Arié, Piotr, Line e Dov, e o ensinaram ao restante. Outros foram designados para executar algumas atividades na aldeia, como limpeza de horta, conserto de telhado e reformas de galinheiros, entre outras. Além disso, colheram uma safra de batatas e, segundo o narrador, “foram elas que à noite consagraram a aliança entre os judeus errantes e os desesperados camponeses poloneses, todos sentados no chão batido do terreiro, ainda quente do sol e iluminado pelas estrelas do verão” (LEVI, 1999, p. 182).

É nesse processo de interação que o prefeito da aldeia externou suas primeiras impressões acerca dos gedalistas, bem como o discurso depreciativo que existia no passado sobre a cultura judaica:

“Vocês são judeus”, disse o velho de repente, com voz tranquila. A mulher cochichou depressa no ouvido dele, e ele respondeu:
 “Calma, Seweryna; você nunca me deixa falar.”
 “Este é russo”, disse Gedale indicando Piotr; “todos os demais somos judeus, russos poloneses. Mas como nos conheceu?”
 “Pelos olhos”, disse o prefeito. “Havia judeus também aqui entre nós, e tinham os olhos parecidos com os de vocês.”
 “E como são os nossos olhos?”, perguntou Mendel.
 “Inquietos. Como os dos animais perseguidos.”
 “Já não somos animais perseguidos”, disse Line. “Muitos dos nossos morreram combatendo. Nossos inimigos são os mesmos de vocês, aqueles que destruíram suas casas.” (LEVI, 1999, p. 183).

Essa passagem remete-nos ao processo de despersonalização do sujeito. Primo Levi dá voz ao personagem prefeito de uma aldeia, o qual entende que os gedalistas são, facilmente,

identificados como judeus, visto que trazem nos olhos as marcas dos animais perseguidos, ou seja, eles são vistos como animais selvagens. Ademais, mostra manifestação de resistência, sobretudo pela defesa da identidade judaica e Line se posiciona: “já não somos animais perseguidos” (LEVI, 1999, p. 183), e sim membros da resistência judaica, uma vez que muitos morreram, mas em consequência do confronto bélico, especialmente como integrantes da resistência.

Em contraponto à voz de autoridade do prefeito, Levi (1999) dá voz aos subalternos e há uma reação dos judeus, aqui representados pela voz feminina da personagem Line. Além de mulher, ela é judia e está na condição de soldado da resistência. Há também uma luta pela reconstrução da identidade judaica, almejando serem respeitados como judeus e batalhando para serem reconhecidos como membros da resistência judaica.

Como escritor e crítico literário, Levi (1999) está em conformidade com os pressupostos teóricos de Gayatri Spivak (2010) acerca do discurso do subalterno e do papel do intelectual pós-colonial. Para a autora, é dever do intelectual criar e oportunizar espaço para que as pessoas vistas como subalternas também possam falar e serem ouvidas. Por essa ótica, entendemos que Levi cumpre com seu dever de sobrevivente e de intelectual vindo dos Campos de Concentração nazistas, pois assume seu lugar de fala e de militante contra o retorno da barbárie. Como escritor da obra ficcional, produz esse espaço e um cenário narrativo necessário para que os grupos marginalizados possam falar e serem, de alguma forma, ouvidos.

Confirmamos esses fatos diante do posicionamento da personagem Line. O prefeito explanou que, naquela região no passado, sempre existiram judeus e poloneses, e conviveram por muitos anos, porém, nunca existiu afinidade entre eles:

“[...] Os poloneses se exauriam nos campos, os judeus eram artesãos e comerciantes, coletavam os impostos a mando dos proprietários de terras, e o padre na igreja dizia que tinha sido eles que venderam Cristo e o crucificaram. Jamais derramamos o sangue deles, mas quando os alemães vieram, em 1939, e começaram a expoliar os judeus, a debochar deles, a bater neles e a trancá-los nos guetos, devo dizer a verdade... [...], todos ficaram contentes, e eu também. Não tínhamos simpatia com os alemães, mas pensávamos que tivessem vindo para fazer justiça, ou para tirar o dinheiro dos judeus e dá-lo para nós.” (LEVI, 1999, p. 184).

Esse relato assume caráter testemunhal, na medida em que o prefeito narra um fato histórico sobre a perseguição judaica, incluindo a autoridade religiosa da Igreja Católica, que reproduzia o discurso milenar de acusação aos judeus pela crucificação de Cristo. Ele testemunha que, quando os alemães chegaram à aldeia de Zborz aplicando a extrema violência contra os judeus, tiveram o apoio e a admiração da população local, incluídos o dele próprio.

Em relação à rotulação de riqueza, Gedale fez uma breve intervenção no discurso do prefeito, questionando se eram tão ricos assim. Ao que ele respondeu:

“Todos diziam que sim, andavam mal-vestidos, mas as pessoas diziam que era por causa de sua avareza. E as pessoas diziam mais: que os judeus eram bolcheviques, que pretendiam coletivizar as terras como na Rússia, e matar todos os padres.”

“Mas não faz sentido!”, interveio Line. “Como podiam ser ao mesmo tempo ricos, avarentos e bolcheviques?”

“Ao contrário, faz sentido sim. Um polonês dizia que todos os judeus são ricos, e outro polonês dizia que são todos comunistas. E outro polonês ainda dizia que um judeu é rico, e o outro é comunista. [...]” (LEVI, 1999, p. 184).

Esse excerto reitera traços do processo de despersonalização do sujeito, pois o personagem, em diálogo com o grupo da resistência, conta que, historicamente, há um discurso depreciativo sobre os povos judaicos. Nesse sentido, eles eram rotulados de bolcheviques, ricos, assassinos de Cristo, comunistas, entre outras rotulações. Tal discurso é potencializado por Adolf Hitler e seus comandados, durante a Segunda Guerra Mundial, e se estendeu também aos negros, aos homossexuais, aos ciganos, aos prisioneiros de guerra e àqueles rotulados politicamente de comunistas, em prol da tentativa de depuração da “raça ariana”.

O prefeito confessou ter mudado seu posicionamento relativo aos judeus um pouco mais tarde: “[...] quando vi com meus próprios olhos o que os alemães fizeram com os judeus de Opatów.” (LEVI, 1999, p. 184). Mendel quis saber a respeito e, então, ele descreveu que:

“Tiraram-nos do gueto e os trancaram dentro do cinema: inclusive crianças, velhos e moribundos, mais de dois mil num cinema de quinhentos lugares. Deixaram todos lá dentro durante sete dias sem lhes dar de comer nem beber, e atiravam naqueles entre nós que tinham compaixão e tentavam lhes passar alguma coisa pela janela; e atiravam também naqueles entre nós que lhes levavam água, sim, mas queriam em troca as últimas moedas deles. [...]” (LEVI, 1999, p. 184-185).

Desse modo, por meio da escrita ficcional, o autor constrói uma representação das ações bélicas contra os judeus, nas diversas aldeias em diferentes países, durante o período da Segunda Guerra Mundial. Tal representação é perpassada pelo viés da memória e do testemunho, a fim de denunciar as monstruosidades praticadas pelas tropas nazistas.

O senhor narrou ainda que, após sete dias, foram abertas as portas do cinema e ordenado para todos saírem, porém só restavam vivos apenas cerca de cem judeus, mas os alemães mataram os sobreviventes na praça. Além disso, determinaram para os camponeses enterrarem todos, os da praça e os que morreram amontoados no local em que funcionava o cinema. O prefeito assegurou que “[f]oi nesse momento, ao ver as crianças mortas daquele jeito, que

comecei a entender que os judeus são gente como nós, e que os alemães acabariam fazendo conosco o que tinham feito com eles; mas, falando com franqueza, nem todos entenderam isso ainda” (LEVI, 1999, p. 185). Tal testemunho demonstra que, mesmo diante das monstruosidades praticadas pelos nazistas, muitos preferiam acreditar na política do terrorismo contra os judeus, existindo traços e rastros das acusações seculares que culpam os judeus pela morte de Cristo. Maria Luiza Tucci Carneiro explica que o mito referente à suposição de que os judeus teriam matado Cristo “tem suas raízes nas interpretações dos Evangelhos pelos eruditos cristãos, que instigam o ódio e a violência através das suas pregações” (2014, p. 42). Essa ideologia do ódio foi potencializada pela política nazista, sobretudo por Adolf Hitler, que investiu na propagação do ódio contra os judeus, por meio da propaganda política, da mídia, do seu projeto político de extermínio dos judeus.

Gedale apresentou um contra-argumento e disse ao prefeito que os fatos narrados por ele não eram novidade. Todavia, os gedalistas teriam algumas novidades para contar para ele. E pontuou algumas: o prefeito deveria saber que aquilo que assistiu em Opatów aconteceu em todos os lugares em que as tropas alemãs passaram, como “[...] na Polônia, na Rússia, na França, na Grécia. E deve saber também que se de cada cinco poloneses os alemães matam um pouco com armas ou pela fome, entre os judeus não deixam um único vivo.” (LEVI, 1999, p. 185). Gedale ainda fez referências à extrema violência praticada dentro dos Campos de Concentração e que, na época, a população local não tomou conhecimento. Afirmou também que: “[...] Dos nossos só se salvam os que escolheram o nosso caminho.” (LEVI, 1999, p. 185), ou seja, a luta armada, a luta pela sobrevivência, a guerra da resistência judaica.

Os gedalistas seguiram seu destino, sempre à noite, pelas matas. No período de agosto de 1944, o grupo encontrava-se em uma região densa, povoada por tropas inimigas, que patrulhavam com frequência as estradas, as ferrovias e os arredores das aldeias. Com a chegada vitoriosa das tropas russas em Lublin, os alemães foram obrigados a buscar outras alternativas para um possível contra-ataque.

Gedale obteve informações que havia, além dos alemães, outros grupos de homens armados circulando na região, principalmente no período noturno. Tratavam-se de membros da resistência de várias formações polonesas; desertores ucranianos, italianos e tártaros das unidades alemãs. Esses, uma vez destituídos da luta alemã, optaram por viver na clandestinidade e banditismo. Havia, também, os espões alemães infiltrados nos diversos grupos.

Ademais, Gedale obteve notícias de ações conjuntas dos alemães para desativações dos diversos Campos de Extermínio:

Treblinka, Sobibor, Belzec, Majdanek, Chelmno, mas somente para substituí-los por um que valia por todos, onde tinham aplicado a experiência de todos os outros: Auschwitz, na Alta Silésia. Ali haviam assassinado e queimado poloneses e russos e prisioneiros da Europa inteira, mas sobretudo judeus; e agora estavam exterminando, trem após trem, os judeus da Hungria. (LEVI, 1999, p. 188).

Esse excerto evidencia pontos de interlocução com a narrativa de cunho memorialístico e testemunhal de Primo Levi (1988), visto que é narrada a existência de vários Campos de Concentração nazistas, nos momentos em que a Alemanha já se sentia enfraquecida e iniciou uma sequência de transferências. O autor alega que “[o]s Lager se haviam tornado perigosos para a Alemanha moribunda, porque continham o segredo dos próprios Lagers, o crime máximo na história da humanidade” (LEVI, 2004, p.11).

Alguns gedalistas, entre eles Mendel, Line e Dov, observaram que Gedale, após deixar o território russo, se tornou mais autônomo e responsável para agir e tomar as decisões. Por volta de vinte de agosto, se ausentou temporariamente do grupo e, quando retornou, chamou Line, Mendel e Dov, em uma conversa particular, para planejarem uma operação de libertação de um *Lager* que seria desativado e, provavelmente, os SS matariam todos os prisioneiros.

“A vinte quilômetros daqui há um Lager, próximo a Chmielnik. Não é dos maiores: são apenas cento e vinte prisioneiros, todos judeus exceto os Kapos. Trabalham todos numa fábrica ali perto, onde se produzem aparelhos de precisão para a aeronáutica...” (LEVI, 1999, p. 189).

Portanto, Gedale tinha pressa nessa ação, porque esse tipo de operação era uma das prioridades dos gedalistas, que consistiam em sabotar as estradas e ferrovias, surpreender o inimigo na retaguarda dos *fronts* e, em especial, libertar prisioneiros dos cativeiros, isto é, salvar vidas. E, além das informações de que todos os prisioneiros do *Lager* trabalhavam em uma fábrica, o comandante teve notícias sobre a segurança do lugar e do número de soldados alemães.

Diante disso, montou uma patrulha de seis gedalistas: ele próprio, Mendel, Line, Piotr, Mottel e Leonid. Em relação ao Leonid, que tentou desistir da luta dias atrás, Mendel e Line sugeriram levar outro combatente, porque ele não estava bem psicologicamente para esse tipo de operação. Contudo, Gedale fez questão de levá-lo, pois Leonid tinha, como formação, experiência tanto do trabalho militar quanto de ex-prisioneiro do *Lager*. Então, poderia ser útil por conhecer o funcionamento do *Lager* e precisava superar os traumas.

A patrulha partiu durante a noite para o *Lager*, a fim de libertar os prisioneiros e chegou primeiro na fábrica. Os gedalistas perceberam uma fumaça negra horrível: “a fumaça vinha

direto neles, e todos sentiam o cheiro, que era de carne queimada, no mesmo instante. ‘Acabou. Chegamos tarde demais’, disse Gedale” (LEVI, 1999, p. 192) e verificaram que havia alguns homens trabalhando.

Essa dramática cena nos permite pensar nessa escrita ficcional como uma representação das experiências concentracionárias do autor, pois notamos um jogo intertextual com a obra *Os afogados e sobreviventes* (2004), de Primo Levi. Nela, o autor testemunha que, na medida em que as tropas alemãs sofriam derrotas nos *fronts* e em consequência o Exército dos aliados avançava, quase já no final da guerra, os SS receberam ordens para eliminar tanto os prisioneiros quanto as provas. Levi denuncia que muitos corpos foram desenterrados e queimados pelos próprios encarcerados, “em fogueiras a céu aberto, como se uma operação dessas proporções pudesse passar totalmente inobservada” (LEVI, 2004, p. 11), e assegura que o alto comando alemão tomou todas as precauções necessárias para que nenhuma testemunha sobrevivesse.

Os gedalistas identificaram a existência de apenas duas torres e Leonid deu uma breve orientação sobre a segurança do Campo. Geralmente, os alemães colocariam três sentinelas por guarita para o revezamento, mas Line e Mottel não avistaram sentinela com metralhadora. Gedale entendeu que deveria ter poucos alemães para guarnição, porque já se tratava de um Campo desativado e a estratégia seria acompanhar e observar os trabalhos durante o dia, atacando à noite.

As luzes do pátio estavam acesas. Leonid, sobrevivente do *Lager Smolensk*, declarou que era uma prática dos alemães, durante a noite, deixar tudo iluminado, para evitar fuga, pois apenas um soldado fazia a segurança do casarão e do acampamento. Assim, os gedalistas se aproximaram estrategicamente do casarão, mas primeiro Mottel observou o sentinela aparentemente sonolento e os demais ocuparam lugares ao redor do casarão.

Piotr teve a iniciativa de se posicionar próximo à janela, com uma bomba manual italiana, e orientou Line e Gedale para também se aproximarem das janelas. De forma simultânea, eles quebraram os vidros, lançaram as bombas e agacharam para se proteger. O soldado alemão abriu fogo em direção ao corredor e executou uma sequência de rajadas:

Mendel se deitou no chão, sentiu as balas assoviando pouco acima de sua cabeça, e com o canto do olho viu Leonid ficar de pé com um salto. “Deitado!”, sussurrou para ele, tentando contê-lo: mas Leonid escapou, saltou a sebe, disparou uma rajada em resposta e se precipitou de cabeça baixa rumo à porta. Do casarão veio um tiro seco, isolado, e Leonid caiu atravessado no umbral (LEVI, 1999, p. 194).

O grupo sofreu essa triste “baixa” (perda), porque Leonid, que vivenciava conflitos consigo mesmo relacionados às experiências concentracionárias e traumáticas, foi fatalmente alvejado no peito. Mendel lançou uma bomba rumo à porta e, após a explosão, o soldado se rendeu e saiu com as mãos para cima.

[...] era um Scharführer das ss. Não parecia ferido, e olhava ao redor com os lábios contraídos a ponto de mostrar os dentes. “Não se mova”, gritou-lhe Mendel em alemão; “Fique com as mãos para cima. Está sob a nossa mira.” Enquanto falava, viu Line saltar a sebe, figurinha ridícula nos trajes militares muito largos; com passo tranquilo, sem dar sinal de pressa nem de nervosismo, postou-se atrás do alemão, abriu o coldre, retirou a pistola de ordenança, passou-a para o bolso e alcançou Mendel. (LEVI, 1999, p. 194-195).

Após Line revistar e desamar o militar, Gedale interrogou-o e obteve informações de que eram cinco: quatro dentro do casarão e um de sentinela. Line e Mottel cuidaram de vigiar o alemão e o restante fez o trabalho de varredura em todos os cômodos do casarão. Tinha apenas um alemão com vida, mas Mottel trataria de eliminá-lo. Verificaram também que havia dez prisioneiros com roupas listradas e os rostos pretos de fumaça, numa condição degradante, atrás dos arames farpados.

Piotr ressaltou: “É preciso libertá-los, matar o alemão e ir embora” (LEVI, 1999, p. 195). Ele e Mottel, primeiramente, verificaram se a cerca estava eletrificada, depois cortaram o arame e os presos manifestaram o desejo de sair. Gedale, por sua vez, ordenou que saíssem e informou que mataram todos os alemães, com exceção de um. Nesse contexto, um dos prisioneiros perguntou:

“Quem são vocês?”, perguntou um deles, alto e curvo.
 “Membros da resistência [de] judeus”, respondeu Gedale. Indicou com a cabeça a pilha de mortos, e acrescentou: “Chegamos tarde demais. E vocês, quem são?”
 “Você está vendo”, respondeu o prisioneiro alto. “Éramos cento e vinte, trabalhávamos para a Luftwaffe. Puseram-nos de lado, nós dez, e mataram todos os outros. Fomos postos de lado para fazer este trabalho. Meu nome é Goldner, era engenheiro. Venho de Berlim.” Os demais prisioneiros se aproximaram, mas estavam atrás de Goldner e não falavam. (LEVI, 1999, p. 196).

Gedale estabeleceu um diálogo com o prisioneiro e indagou sobre o militar. O homem enfatizou que era preciso acabar logo com o alemão, porque era ele o responsável pelas ordens; e, no cotidiano do *Lager*, quando estava na torre pequena, atirava nos prisioneiros. Gedale questionou se ele mesmo desejava matar o alemão, mas Goldner assegurou que não.

O líder gedalista procedeu uma revista minuciosa no militar, ordenando-o a entregar a plaqueta de identificação. Antes de decidir sobre o destino dele, no momento na condição de

prisioneiro de guerra, Gedale reviveu na memória a morte do companheiro Martin e fez questão de narrá-la para o militar:

“Somos judeus. Não sei por que estou dizendo isso, não muda muito, mas queremos que saiba. Eu tinha um amigo que compunha canções. Vocês o pegaram, e lhe deram meia hora para que escrevesse a última. Você não, não é mesmo? Vocês não compõem canções.”

O alemão fez que não com a cabeça.

“É a primeira vez que falo com um de vocês”, disse ainda Gedale. “Se o deixássemos livre, o que faria?”

O alemão se endireitou: “Chega de histórias. Trabalhem rápido e limpo”. (LEVI, 1999, p. 196-197).

Nessa passagem Gedale recordou a perda de Martin, judeu e músico como ele, membro da resistência judaica, que, na condição de prisioneiro do *Lager* alemão, foi cruelmente morto pelos soldados das SS. Ele relatou de maneira testemunhal um pouco de sua dor para um militar alemão, também na condição de prisioneiro, como o amigo assassinado, mas refém da resistência judaica. O líder gedalista demonstrou equilíbrio, não cedendo à provocação do alemão e, diferentemente dos carrascos das SS, não empregou os métodos e formas de tortura ao inimigo. Porém, como tinha que eliminá-lo, solicitou para Mottel fazê-lo, mas o advertiu que o uniforme poderia ser útil. Segundo o narrador, Mottel realizou um trabalho rápido e limpo, como pediu o próprio militar, agora assassinado.

Antes de deixarem o *Lager*, Line sugeriu que todos assinassem na parede. No momento, houve discordância dentro do grupo; contudo, Mottel escreveu na parede branca, em hebraico, VNTNV, com um pedaço de carvão.

“O que você escreveu?”, perguntou Piotr.

“‘*V’natnu*’, ‘E eles retribuirão’. Veja, dá para ler da direita para a esquerda e da esquerda para direita: quer dizer todos podem dar e todos podem retribuir.”

“Será que vão entender?”, perguntou ainda Piotr.

“Vão entender o suficiente”, respondeu Mottel. (LEVI, 1999, p. 197).

A escrita, nesse caso, pode ser compreendida como uma forma de registrar os feitos desse grupo, como símbolo de resistência, como relato de testemunho. Os gedalistas, neste *Lager*, libertaram apenas dez prisioneiros, mas foram prova testemunhal de que havia cento e dez corpos amontoados sendo queimados a céu aberto. A patrulha judaica registrou, por meio da escrita na parede, que os judeus estiveram ali, mataram os alemães das SS e libertaram os poucos judeus que ainda restavam vivos, na situação de prisioneiros e de trabalho escravo, em condições totalmente desumanas, incluindo a última tarefa de queimar os corpos sem vida de seus companheiros, conforme relatou Goldner: “Fomos postos de lado para fazer este trabalho” (LEVI, 1999, p. 196).

Além do testemunho, notamos o resultado de um projeto biopolítico, no qual os mecanismos de poder, como o poder disciplinar, o biopoder e a biopolítica, teorizados por Foucault (1988, 2008a, 2008b), foram aplicados ao extremo sobre os corpos humanos e somente interrompidos com o avanço das tropas dos Exércitos aliados contra as tropas nazistas e seus aliados. Posteriormente, foram denunciados pelos sobreviventes por meio da memória e do testemunho, através da escrita da dor – seja ela de cunho memorialístico testemunhal, seja ela de cunho ficcional –, que se trata da luta da resistência contra o retorno da barbárie.

Tal denúncia também é retratada na obra *Os afogados e os sobreviventes*, em que o autor expõe que “[t]odos os arquivos dos Lagers foram queimados nos últimos dias da guerra, e esta foi verdadeiramente uma perda irremediável, tanto que ainda hoje se discute se as vítimas foram quatro, seis ou oito milhões: mas sempre de milhões se fala” (LEVI, 2004, p. 10). Portanto, permite-nos enfatizar a importância da escrita de Primo Levi contra o apagamento da memória e a falsificação da história.

Lerner (2015), fazendo referência a Gutman (1995), assegura que a reação judaica no gueto de Varsóvia, por exemplo, não foi divulgada, porque surpreendeu as forças bélicas e provocou uma grande preocupação no comando nazista:

A luta no Gueto de Varsóvia causou sérios constrangimentos para os alemães – que temiam que o exemplo de rebeldia fosse copiado em outros guetos. Talvez por essa razão “a eliminação do gueto e o levante não foram mencionados na imprensa alemã e na mídia oficial. Somente notícias limitadas do levante foram transmitidas no mundo livre” (GUTMAN, 1995, p. 2016). As notícias chegavam a funcionários do III Reich por canais secretos. A imprensa clandestina polonesa, no entanto, deu ampla cobertura a esse movimento de Resistência, sua atuação e importância (LERNER, 2015, p. 102).

Esses esclarecimentos reforçam a relevância dos escritos literários acerca do Holocausto, tanto os de cunho memorialístico testemunhal quanto os ficcionais mais abrangentes, pela tentativa constante de silenciamento da barbárie. Aqueles que detêm o poder tentam construir um discurso histórico alinhado aos preceitos dos governantes autoritários, visando silenciar e apagar muitas das atrocidades cometidas.

Sobre os prisioneiros citados anteriormente e libertados pelo grupo gidalista, o comandante fez o convite para os dez sobreviventes do *Lager* seguirem com o grupo da resistência. Goldner se posicionou falando que cada um faria a própria escolha, “mas eu não vou. Não somos como vocês, não ficamos bem junto com os outros homens.” (LEVI, 1999, p. 197), o que acentua o processo de degradação humana ocorrido com eles. Esse testemunho sugere que houve um esvaziamento da condição humana, porque ele afirma, em seu nome e dos

companheiros, que não conseguem ficar juntos com outros homens; além de demonstrar a dificuldade dos demais em se comunicar, visto que apenas um, o personagem Goldner, se comunica. O restante se posiciona em fila indiana, sempre atrás de Goldner e concorda com ele: “Os dez confabularam por um momento, depois disseram a Gedale que todos pensavam como Goldner, menos um. Esperariam os russos escondidos no bosque ou nos escombros das aldeias destruídas” (LEVI, 1999, p. 197). Entretanto, até mesmo o jovem que espontaneamente desejou seguir com os gedalistas, depois de trinta minutos de caminhada, desistiu e juntou-se de novo a Goldner.

Percebemos, então, não só o resultado do processo de degradação humana, mas também uma reafirmação das noções de corpos vencidos e corpos dóceis. Para a estudiosa Fernandes de Sá (2007), o projeto nazista tinha como objetivo tornar o corpo humano em um corpo subjugado, vencido. Para Foucault (2008a), é dócil o corpo que pode ser subjugado, empregado, manipulado, transformado e aperfeiçoado. O teórico afirma que “[a] disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2008a, p. 143, grifo do autor). Assim, os prisioneiros dos Campos de Concentração nazistas foram submetidos a um poder produtivo de condutas, à extrema violência e cruelmente transformados em não humanos, subjetivando o silêncio em seus próprios corpos e em suas ações.

Quanto aos gedalistas, retornaram ao acampamento com menos um integrante, pois perderam Leonid na operação de libertação de prisioneiros no *Lager*. Como mencionado anteriormente, Mendel demonstrou muita preocupação com Leonid, um sobrevivente bastante traumatizado. Porém, não conseguiu ajudá-lo o suficiente, para evitar que o companheiro fosse para o fundo do poço. Mendel, diferentemente de Leonid, verbaliza sua dor por meio da linguagem, consegue pensar sobre as ações dos companheiros, consegue fazer uma leitura de todo ambiente catastrófico, das ações dos grupos das resistências, dos comandantes de grupos e até mesmo daqueles que estão somente na condição de sobreviventes e refugiados. Narra suas memórias e dá testemunhos, todavia não consegue superar a perda da esposa. Tal falta, tal impossibilidade de superar o próprio trauma, poderia ser o elemento percussor para que Mendel se envolvesse sentimentalmente com Line, a namorada de Leonid, e, ao invés de ajudar na sua recuperação mental, cooperou para que ele tivesse um fim trágico.

Gedale narrou a operação de libertação para Dov, destacando que Piotr e Mottel foram os melhores. Mostrou a farda do alemão que foi eliminado por Mottel, e Dov pontuou que poderia ser arriscado guardar o uniforme junto ao grupo, mas Gedale afirmou que Józek ficaria responsável por vendê-lo. Mendel sentiu muito e culpou o líder pela morte do companheiro

Leonid; Line, em diálogo com Mendel, defendeu o comandante, reconhecendo que, se tivesse que apontar culpados, seriam eles mesmos, porque se envolveram em um relacionamento duplo, numa espécie de triângulo amoroso.

CAPÍTULO 4

Algumas vozes femininas e o (im)possível fim da guerra em *Se não agora, quando?*

Vozes
Vozes mudas desde sempre, ou de ontem, ou recém-extintas;
Se apurar o ouvido ainda vai notar seu eco.
Vozes roucas de quem já não sabe falar,
Vozes que falam e já não sabem dizer,
Vozes que creem dizer [...]

Primo Levi

Neste capítulo, discorreremos sobre a figura feminina na escrita de Primo Levi, uma vez que identificamos, na representação simbólica da mobilização judaica contra a política nazifascista, que o autor, estrategicamente, projeta personagens femininas como representantes da cultura judaica e também constrói na trama narrativa espaços para que essas personagens possam falar e de alguma forma serem ouvidas. Dissertamos sobre essa ênfase que Levi dá em sua escrita ficcional para oportunizar o discurso daqueles vistos como subalternos e rotulados como cidadãos ou pessoas das margens, retratados em sua produção literária.

Discorreremos, também, sobre a vitória das tropas russas na região da Polônia, os sobreviventes atingidos de forma potencializa pela degradação humana, as ações finais do grupo gidalista ainda em contexto bélico, o fim definitivo da luta armada, a missão de Gedale no contexto pós-guerra em conduzir o grupo gidalista até à Itália, o poder da arte, o fim do famoso violino de Gedale, as memórias e as lembranças de Mendel, a alegoria do recomeço, a desumanização e a humanização, o lembrar e o narrar.

4.1 A voz feminina na guerra da resistência judaica

Na guerra da resistência judaica, as mulheres ganham lugar de fala como protagonistas na luta pela sobrevivência, contra a política nazifascista, contra os estereótipos construídos ao longo do contexto histórico em desfavor da mulher e da cultura judaica, e sobretudo na luta pela reconstrução da identidade dos povos judaico-cristãos. Levi (1999), por meio da ficção, dá voz a algumas mulheres. De início, destacamos Line, judia representante da cultura sionista e voz ativa na resistência judaica, por sua postura de soldado exemplar, por sua coragem e seu desejo de lutar pela vida, pela dignidade humana e por suas atitudes, que, conforme o narrador, causam inveja e admiração em grande parte do público masculino. Em dado momento, ela defende seus

direitos e reclama sua participação ativa no conflito bélico, principalmente ao chegar no acampamento de Turov e apresentar-se ao comandante Ulybin, exigindo que gostaria de participar dos treinamentos, pois estava na função de soldado da resistência e não na condição de refugiada. Em outra passagem, Line se posiciona e mostra que os judeus da resistência não podem mais ser tratados como bichos ou animais em fuga.

Evidenciamos, também, o papel da personagem Polina. Como mulher, ocupa um lugar de destaque nas Forças Armadas russas, está representada como oficial e exerce a função de piloto de aeronave. Polina é apresentada a partir de uma suposta perda de contato do Exército Russo com o regimento da resistência comandado por Ulybin. Tal evento ainda nos revela que existem outras mulheres como Polina a serviço da guerra de resistência, porque ela pertence ao Regimento das Mulheres, as quais são responsáveis por pilotar as aeronaves especiais de guerra, de acordo com o narrador, utilizadas estrategicamente para as operações noturnas.

Algo que se confirma quando ocorre uma falha técnica no instrumento de comunicação (o rádio transmissor) do grupo de Ulybin. O comando russo enviou no período noturno uma aeronave móvel para verificar e restabelecer o contato com a tropa de resistência em Turov. Os combatentes ouviram o pipocar de uma motocicleta, algo suave e ligeiro, que, ao mesmo tempo em que parecia estar distante, aproximava-se do acampamento. “Aumentou de volume, desceu de tom como um disco de gramofone que é interrompido, deu alguns espirros e silenciou. Os homens de Ulybin logo se puseram de pé: “Um P-2! Aterrissou aqui, na planície! Vamos ver!” (LEVI, 1999, p. 121). Nesse contexto, o narrador em terceira pessoa dá voz ao personagem Piotr, que tece uma explicação para Mendel sobre o significado de P-2 e, conseqüentemente, como são utilizados: “Os P-2 são os aviões da resistência. São de madeira, voam devagar, mas decolam e aterrissam em qualquer lugar. Voam à noite, sem luzes; lançam granadas sobre os alemães e transportam mantimentos.” (LEVI, 1999, p. 121).

Logo eles identificaram que se tratava de um piloto feminino, uma moça com aparentemente vinte anos de idade, pequena, gordinha e conhecida dos veteranos, em especial de Piotr:

“Polina! Grande Polina! Bem-vinda, minha alegria finalmente dá sinal de vida! O que trouxe para nós?”
 [...] Mandaram-me para ver o que está acontecendo aqui e por que o rádio de vocês anda mudo, tenho que voltar logo. Não teriam um gole de vodca? Onde está o comandante?”. Afastou-se com Ulybin para a saleta do comando.
 “É ela, é Polina Michàjlovna”, disse Piotr, orgulhoso e feliz. “É Polina Gelman, do Regimento das Mulheres. Não Sabiam? São todas mulheres, são elas que pilotam os P-2. Todas moças corajosas, porém Polina é a melhor de todas. Vem de Gomel, seu pai era rabino e seu avô sapateiro. Já cumpriu mais que setecentas missões, mas aqui só tinha vindo uma vez, há seis meses. Ficou

alguns dias e fizemos amizade, porém desta vez parece estar com pressa. É uma pena.” (LEVI, 1999, p. 122).

Consoante o narrador em terceira pessoa, a visita de Polina foi algo muito breve. Ela trouxe alimentos, medicamentos e más notícias. Transmitiu algumas mensagens ao comandante e se retirou em sua frágil aeronave.

Reconhecemos, igualmente, a força da gidalista Ròkhele Negra, que, após a operação de sabotagem a uma locomotiva que foi reutilizada para o transporte do grupo, assume com facilidade o trabalho de folguista. Ela era uma veterana da reação judaica, no gueto de Kosovo, tinha força física e conhecimentos suficientes para exercer essa função. Além de judia, era de cor negra e teve um fim trágico nessa representação da guerra da resistência judaica. Os judeus do grupo gidalista sofreram um ataque, já no pós-guerra, pela Alemanha. No retorno dos campos de guerra, em uma pequena cidade alemã na qual a patrulha judaica parou para descanso, alguns integrantes do grupo saíram para tentar comprar comida, foram reconhecidos pelo sotaque, conseqüentemente oprimidos pelos alemães, e Ròkhele Negra foi alvejada com um tiro na cabeça. Nesse sentido, Levi (1999), além de dar voz aos subalternos, mostra que a ideologia nazista foi tão potencializada que, mesmo no contexto pós-guerra, os alemães ainda demonstram muito ódio contra os judeus a ponto de praticar o crime.

Ainda em relação às mulheres, citamos a personagem Bela, que, além de namorada e companheira do líder do grupo gidalista, também exerce seu lugar de fala dentro do grupo, pois mantém um relacionamento com Gedale, sendo com ela que ele divide suas principais inquietações e angústias. Além disso, é da personagem Bela que Gedale recebe as principais cobranças, sobretudo quando necessita se ausentar; ela orienta o companheiro sobre a necessidade de dar explicações para o grupo, porque tem conhecimento das angústias dos gidelistas em ficar nos acampamentos aguardando novas ordens para partir, ou sem informações das conquistas das tropas dos Exércitos aliados contra o eixo nazista.

Já a personagem Kòkhele Branca ganha um papel específico nessa narrativa, visto que ela é a representação simbólica da mulher responsável por gerar a vida humana, aquela capaz de gerar fruto em plena guerra. É ela que transporta em seu ventre o símbolo da esperança, uma criança, que nasce no final da narrativa como uma metáfora do ciclo da própria vida, pois todos almejavam o fim da guerra, desejavam uma nova vida, um novo mundo para se viver em paz. A personagem não participa das operações com armas, mas é uma judia sobrevivente dos guetos; também perdeu seus familiares e é retratada na condição de viúva, integrante do grupo gidalista. Na trama narrativa, ela mantém afinidade com as outras mulheres, sendo querida por todos.

Ao longo da luta judaica, ela inicia um relacionamento com o jovem Isidor, único sobrevivente de uma família de judeus que foram todos mortos pelas tropas alemães. Ao ficar grávida, Branca desejava se casar em respeito à sua cultura e assume seu lugar de fala, ao lutar por seus direitos e suas crenças. Na ausência de um rabino, ela solicita Mendel para fazer o cerimonial; inicialmente, ele não aceita, uma vez que não se sente capacitado para conduzi-lo, pois na cultura judaica essa função cabe a um rabino. Além disso, ele reconhece que não é um judeu devoto. Todavia, Branca insiste com Mendel, explica que o escolheu porque ele é uma pessoa muito justa e esclarece, ainda, que o casamento em pleno contexto bélico poderia ser realizado, na tradição judaica, como os realizados em contexto em que todos estão em alto mar em um navio ou em uma ilha: “se não há um rabino, qualquer um pode celebrar o casamento. Se for um justo é melhor, mas basta uma pessoa qualquer” (LEVI, 1999, p. 229). Mendel demonstra resistência, afirma que já havia esquecido o hebraico e que poderia errar o ritual, mas Ròkhele Branca não desiste:

“Eu ditarei as palavras, e não é necessário que sejam em hebraico: qualquer língua serve, o Senhor conhece todas.”
 “Eu não acredito no senhor”, disse Mendel.
 “Não importa. Basta que eu e Isidor acreditemos.”
 “Em suma, não entendo essa pressa de vocês.”
 Ròkhele Branca disse:
 “Estou grávida.” (LEVI, 1999, p. 230).

A narrativa nos mostra que a personagem Branca, como mulher, assume seu lugar de fala, defende seus direitos, argumenta com Mendel e o convence a realizar o casamento. Ela casa em plena guerra, com direito a comemorações em um evento realizado no acampamento da resistência judaica, ao som do famoso violino do comandante Gedale.

A representação do sujeito subalterno também é potencializada na voz da personagem Francine. Mulher, de origem judaica, médica e só sobreviveu por sorte, pois foi utilizada para trabalhar silenciosamente como enfermeira. Na condição de sobrevivente do *Lager* e de testemunha ocular da extrema violência praticada contra mulheres e crianças, nos diferentes Campos de Extermínio de humanos sob a administração da política nazifascista, Francine também representa aqueles, tradicionalmente, sem direito à voz, aquelas e aqueles que saíram pela chaminé, que viraram cinza, que estão no fundo do poço. Ela simboliza a voz testemunhal feminina do *Lager*.

Ao longo do romance *Se não agora, quando?*, Primo Levi, diferentemente de suas narrativas acerca de sua experiência concentracionária, dá voz às mulheres. Em suas outras obras, elas não assumem protagonismo em relação à representação feminina, mas aparecem

vagamente na condição de oprimidas, silenciadas ou em segundo plano. Para exemplificar, citamos uma passagem da obra intitulada *A tréguia* (2010), na qual o narrador-personagem relata a importância do trabalho das enfermeiras, porém elas não assumem protagonismo no decorrer da narrativa. Inicialmente, ele conta sobre a atuação de duas enfermeiras soviéticas, duas moças enérgicas e experientes, que deram banhos nos sobreviventes, incluindo o próprio Primo Levi. Elas retiraram as roupas deles e determinaram que “nos deitássemos nas treliças de madeira que cobriam o chão e, com mãos piedosas, mas sem cerimônia, nos ensaboaram, esfregaram, massagearam e nos enxugaram da cabeça aos pés” (LEVI, 2010, p. 17).

Em outra passagem, o narrador-personagem menciona algumas mulheres na condição de sobreviventes, já bastante debilitadas, em estado de degradação humana avançado, como a frau Vida e Olga, as quais são portadoras do trauma, do testemunho e representam uma espécie de mortos-vivos, como percebemos na fala da voz narrativa no momento em que ouvia o vago testemunho de Olga: “A luz furtiva subtraía levemente o seu rosto às trevas, assentando-lhe as rugas precoces, transformando-o numa trágica máscara. Um lenço cobria-lhe a cabeça: ela o retirou de repente, e a máscara tornou-se macabra como uma caveira” (LEVI, 2010, p. 28).

Levi (2010) destaca também o trabalho da personagem Maria Fiódorovna Prima, uma enfermeira militar, natural da Sibéria, responsável por fornecer medicamentos às enfermeiras, aos prisioneiros e aos sobreviventes. Ele relata que tal enfermeira era, na verdade, uma colaboradora, pois conseguia medicamentos pela administração dos depósitos soviéticos, mas, estrategicamente, ela conseguia também pelos diversos caminhos obscuros, inclusive dos estoques alemães, em função de colaborar com a sobrevivência e com a humanidade.

O autor testemunhou que, como falava outras línguas, tomou a iniciativa de apresentar-se para Maria “e propus-lhe os meus serviços como enfermeiro poliglota” (LEVI, 2010, p. 59). De acordo com ele, em sua experiência concentracionária, também desenvolveu essa função de identificar as caixas de medicação por meio de etiquetas em diferentes línguas, mas para os relatórios recebeu a ajuda de Galina, uma subordinada da enfermeira chefe. A personagem Galina tem apenas dezoito anos, natural de Kazátin, na Ucrânia, é descrita como uma moça morena, alegre, graciosa, portadora de inteligência e elegância.

No que tange à representação feminina, verificamos que a personagem Maria Fiódorovna tem papel importante, mas é Levi quem fala por ela ou por outras mulheres, por meio da escrita da dor, isto é, da escrita da resistência. Diante da tarefa dos imensos relatórios, conforme o narrador-personagem, Galina relatou para ele que os relatórios não eram levados a sério, porque “Maria Fiódorovna era ‘velha e louca’” (LEVI, 2010, p. 62, grifo do autor). Além disso, o Doutor “Danchenko ocupava-se de outras coisas (conhecidas por Galina com

extraordinária abundância de particularidades) com a Ana, com a Tânia, com a Vassilissa, e que os relatórios interessavam-lhe ‘como a neve do ano passado’” (LEVI, 2010, p. 62, grifo do autor).

Segundo o narrador-personagem, Galina aproveitou os intervalos para contar sua história pessoal, mesmo que de forma fragmentada, um pouco de cada vez. Com dois anos de guerra, ela foi detida, capturada pelo “Kommandantur; recrutada da maneira mais simples, vale dizer, detida no caminho e conduzida ao Comando para escrever à máquina algumas cartas” (LEVI, 2010, p. 62). Nesse sentido, a jovem é uma representação das milhares de meninas que foram capturadas para o trabalho escravo nas fábricas alemãs. Indiretamente, nessa representação de cunho memorialístico testemunhal, Levi (2010) dá voz à personagem Galina: seu testemunho sobre sua vivência concentracionária e sobre sua história pessoal perpassada pelo contexto bélico chega-nos pelo narrador, porém ela não ganha destaque ao longo da narrativa, visto que a personagem sai de cena. Ele conta que por volta do mês de maio, dias após o anúncio do fim da guerra, a moça o procurou para se despedir e afirmou que já poderia retornar para casa: “Tinha a folha corrida? Tinha dinheiro para o trem? ‘Não’, respondeu rindo, “nié nada, não é preciso, para essas coisas sempre damos um jeito.” (LEVI, 2010, p. 63). E o narrador informou que ela desapareceu no espaço russo.

Por essa chave de leitura, Primo Levi, na condição de judeu e sobrevivente de Auschwitz, portador de grande conhecimento intelectual e cultural, escritor e militante da literatura de testemunho contra o retorno da barbárie, além de dar voz aos grupos marginalizados pela política nazifascista, na obra ficcional em foco (LEVI, 1999), dá ênfases na representação simbólica do sujeito feminino subalterno, visto que algumas mulheres exercem o papel de protagonista em algumas situações, ocupam lugares de destaque dentro das corporações militares e no grupo da resistência judaica. Elas ganham posição de relevo pela força física, pela habilidade de lidar com o uso e o emprego do armamento, pelo desejo de lutar pela vida, pela reconstrução da identidade judaica, pela presteza com os integrantes do grupo gidalista. São personagens femininas que, ao longo da trama narrativa, assumem seus lugares de fala e almejam uma nova terra para se viver em paz.

4.2 Terá chegado o fim da guerra e há esperança de um novo recomeço?

O capítulo nomeado de “Janeiro-fevereiro de 1945” inicia-se com uma festividade, o casamento de Isidor e Kòkhele Branca, celebrado por Mendel a pedido da noiva, já em outro acampamento. Destacamos que esse é o único relacionamento que dá frutos, em plena guerra

da resistência gedalista. Nessa comemoração, apesar da pouca comida, os gedalistas e poloneses festejaram com muita alegria. Gedale foi o grande animador da noite, tocou violino e apresentou um repertório variado e amplo.

Contudo, a ênfase narrativa recai no ataque das tropas russas na região do *front*, um grande cerco ao inimigo com bombardeio de artilharia pesada e de aviação. Tal operação coloca fim na guerra na região da Polônia. Em plena festividade, poloneses da resistência e gedalistas foram surpreendidos, sentiram a terra tremer, todos ficaram muito assustados e correram para pegar as armas. Em seguida, ouviram e viram a presença dos aviões que sobrevoavam o céu e uma sequência de explosões. Houve tumulto, mas os líderes dos dois grupos não sabiam o que fazer. Os companheiros Mendel e Dov, com suas experiências, logo perceberam que se tratava do trabalho da artilharia da Rússia, um grande ataque organizado e definitivo.

Além dessa operação, evidenciamos a cena em que o sentinela do acampamento aborda e detém um homem que surgiu, apavoradamente, em direção ao posto de controle: “o polonês que estava lá fora de sentinela. Empurrava um homem todo sujo de lama, com a barba mal cuidada, envolto num comprido casacão esfarrapado” (LEVI, 1999, p. 233). Nessa cena, surgiu o gedalista Mottel e tomou a iniciativa de dialogar com o sujeito, saber seu nome e de onde vinha. Quando o homem compreendeu as palavras em ídiche, ficou ainda mais apavorado, não respondeu, mas perguntou: “‘Judeus? Judeus aqui?’”. Parecia um animal apanhado numa armadilha” (LEVI, 1999, p. 233).

Na sequência, consoante o narrador, o homem entendeu que não se tratava de uma prisão de judeus. Assim, identificou-se como Schmulek; era um judeu de nacionalidade polonesa, o único sobrevivente de um esconderijo subterrâneo. Ao perceber que ninguém queria fazer-lhe mal, o homem quis ajudar a todos e esclareceu que deviam ir para um lugar seguro, pois havia muitas bombas:

que todos o seguissem, logo, imediatamente. Ele escapara de uma bomba por milagre, tinha ficado sepultado debaixo de um monte de terra fofa. Quase para retificar suas palavras, houve uma explosão ensurdecadora, próxima demais: a porta da cabana arrebentou, depois foi sugada para fora pelo redemoinho. (LEVI, 1999, p. 233-234).

Através dessa passagem, pensamos no contexto bélico, na experiência adquirida em bombardeio, que constitui uma situação-limite, a qual gedalistas e membros da resistência polonesa passaram no momento do cerco das tropas russas. Temos o testemunho do personagem Schmulek que, embora aterrorizado, conseguiu guiar um pouco dos gedalistas e poloneses até seu esconderijo subterrâneo, “gritava para que o seguissem, ele conhecia um abrigo, próximo,

seguro. Agarrou por acaso Bella por um braço e a arrastou aos solavancos; Mendel e outros os seguiram, talvez mais de uma dúzia; os outros se dispersaram no bosque” (LEVI, 1999, p. 234). Schmulek foi na frente, correndo e se abrigando de árvore em árvore. O restante seguia em fila indiana e de mãos dadas.

O sobrevivente conduziu-os a um *bunker* feito de troncos, semienterrado; ao lado, havia um poço. Schmulek pulou a borda, desceu até ficar só com a cabeça de fora e disse: “‘Venham, a passagem é por aqui’” (LEVI, 1999, p. 234). Tal passagem era no meio de um túnel em leve declive, no qual eles caminharam Tateando. Ao final do túnel, esperava-os, esgotado, com uma tocha acesa na mão. “‘Moro aqui’, disse a Mendel. Mendel olhou em volta. Lá estavam Dov, Bella, Mottel, Line, Piotr; Gedale não tinha vindo, mas vieram seis ou sete dos sobreviventes de Ruzany e de Blizna, e quatro poloneses que não conhecia” (LEVI, 1999, p. 234).

Os gedalistas, por curiosidade e espanto, passaram a questionar Schmulek. Dentre eles, Dov, que inicialmente perguntou há quanto tempo morava naquele local. “‘Há três anos’, respondeu. Line interveio, ‘Está sozinho?’. ‘Sim. Antes estava aqui meu sobrinho, um rapaz. Saiu para procurar comida e não voltou. Mas há seis meses éramos doze, há um ano éramos quarenta e há dois a anos mais de cem.’” (LEVI, 1999, p. 235). Esse diálogo entre os judeus revela-nos o testemunho, porque, apesar de se tratar de uma escrita ficcional, o relato é de um único sobrevivente, o personagem Schmulek, que conseguiu se manter vivo para narrar suas experiências individuais e também as coletivas, visto que conviveu com mais cem judeus naquele ambiente subterrâneo.

Observamos, igualmente, o processo de degradação dos sujeitos nessa fuga para uma prisão subterrânea. Mesmo voluntária, a fuga ocorreu sem as mínimas condições básicas para a vida humana, como alimentação, água, higienização do corpo, entre outras. O sobrevivente narrou: “‘[...] Vivíamos mal, mas vivíamos. Se tivéssemos podido permanecer sempre debaixo da terra, não nos teriam encontrado, e teriam morrido só aqueles que pegaram tifo. Mas tínhamos que sair, para procurar comida, e então atiravam em nós.’” (LEVI, 1999, p. 235).

E ainda testemunhou que seus companheiros de esconderijo eram todos poloneses, fugiram dos guetos da região polonesa; e, quando saíam à procura de alimentação, eram alvo dos alemães, dos húngaros e dos ucranianos, e, em algum contexto, até os poloneses atiravam neles. Tal esconderijo foi descoberto por homens descritos pelo narrador-personagem como grupos que decidiram levar a vida na clandestinidade: “‘[...] Os últimos que vieram não eram da resistência, eram bandidos, só tinham facões. Vieram de surpresa. Degolaram os que restavam e carregaram tudo o que tínhamos.’” (LEVI, 1999, p. 235).

O personagem Schmulek narra em nome da memória coletiva, para manter ativa a memória daqueles que se foram para o fundo do poço. Ressaltamos que, de acordo com Halbwachs (2003), a memória é sempre coletiva, porque ela é composta por quadros sociais e nossa memória e nossas lembranças são construídas ou reconstruídas socialmente.

Diante do relato testemunhal de Schmulek, Mendel indagou como conseguiu se salvar, e ele explicou que, antes da guerra, era comerciante de cavalos, andava por todas as aldeias, conhecia muito bem os caminhos dos bosques. E tais experiências, ao longo desses três anos, foram empregadas a fim de ajudar os grupos da resistência com o trabalho de guia. No último setembro, inclusive, foi guia de uma patrulha russa; os militares escaparam de um *Lager* alemão e “[...] queriam ir para os montes Santa Cruz, e os levei para fora da floresta. Foi quando vieram os bandidos e fizeram o massacre. Meu sobrinho também estava fora por acaso.” (LEVI, 1999, p. 235). Ao ouvir que a guerra estava no fim, Schmulek afirmou que não tinha mais interesse, porque não restariam judeus poloneses e ele não foi corajoso o suficiente para tocar num fuzil.

Mendel tentou mostrar para Schmulek que ele não pegou em armas, mas foi importante de outra forma e afirma que:

“[...] Combater não é trabalho para anciãos.”
 “Quantos anos pensa que tenho?”
 “Cinqüenta”, tentou Dov: mas pensava em setenta.
 “Tenho trinta e seis”, disse Schmulek. (LEVI, 1999, p. 236).

Esse excerto reforça o processo de degradação humana. O sujeito descrito está em situação degradante, vivendo em condição desumana e aparenta ser muito mais velho do que realmente é. Trata-se de um sobrevivente que ainda consegue narrar suas memórias e testemunhar em nome daqueles que não retornaram do Campo, mas, mesmo ao saber que a guerra acabou, não tem nenhuma expectativa de vida, somente manifesta sua dor: “Nada mais me interessa” (LEVI, 1999, p. 235).

Ancorada nas reflexões de Primo Levi sobre o exercício da memória para narrar e dar testemunho e nas proposições teóricas de Giorgio Agamben acerca da existência dos Campos de Concentração nazistas, Gagnebin (2014b, p. 49) assegura que Levi aponta para “o limiar das belas definições da humanidade e do humano e nos introduz numa região que não tem nome”, uma espécie de “zona indeterminada”, na qual transitam os prisioneiros atingidos pelo processo de degradação humana. São os “não homens”, os submersos, e na linguagem cotidiana dos *Lagers* eles eram rotulados de “muçulmanos”, um tipo de mortos-vivos:

não homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-

se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la (LEVI, 1988, p. 132, grifo do autor).

Essa passagem de *É isto um homem?* estabelece uma interlocução de vozes, dialoga com a representação ficcional do personagem Schmulek, que simboliza os corpos vencidos, os mortos-vivos.

Em relação aos homens chamados de “muçulmanos” no Campo de Concentração, Agamben (2015, p. 49) explica que se tratava daqueles encarcerados que não tinham mais esperança alguma na vida. Em outras palavras, não havia mais força interior para uma possível reação, pois até mesmo os companheiros o haviam abandonado: “já não dispunha de um âmbito de conhecimento capaz de lhe permitir discernimento entre o mal, entre nobreza e vileza, entre espiritualidade e não espiritualidade. Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia” (AGAMBEN, 2015, p. 49).

Nesse sentido, tanto os relatos de cunho memorialístico testemunhal quanto os de cunho ficcional retratam e denunciam o projeto nazifascista de exterminação dos judeus e de outras raças vistas como inferiores pela elite nazista, como um projeto pautado na biopolítica, teorizada por Foucault (1988, 2008b) e por Agamben (2015). Esse filósofo defende que o Campo de Concentração se constituiu em um espaço para a prática de tortura, a partir do momento em que o estado de exceção passou a ser regra. Isso ocorreu na medida em que os encarcerados foram despojados de todos os seus direitos, como a despersonalização do homem, por exemplo, ter a cabeça raspada, o nome trocado por número, sobretudo em outro idioma, a falta de água e de alimentação, perder as roupas e os objetos pessoais, ou seja, quando foram integralmente expostos à vida nua.

Gagnebin, na Apresentação da obra *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, de Agamben, sublinha uma afirmação do autor de que “o campo é também o mais absoluto espaço biopolítico jamais realizado, no qual o poder não tem diante de si senão a vida sem qualquer mediação” (AGAMBEN, 2015 apud GAGNEBIN, 2015, p. 09). Essa explicação confirma os testemunhos de Levi (1988): ao entrarem nos Campos, todos os prisioneiros foram desprovidos de todos os direitos; imediatamente, passaram por um processo de despersonalização, foram submetidos à extrema violência, e seus corpos e suas vidas ficaram sob o domínio nazista. Por isso, a necessidade de aprenderem as regras e as normas para poderem salvar algo da espécie humana.

No capítulo intitulado de “Fevereiro-Julho de 1945”, de *Se não agora, quando?*, também destacamos a passagem em que Gedale e o grupo saíram, num caminhão, de Rawicz visando

chegar a Glogów. Porém, ao longo do caminho, se depararam com outro caminhão, por sua vez atolado, devido ao lamaçal da estrada de barro. Tal veículo era da fiscalização russa, um esquadrão de soldados armados cercou-os e ordenou para todos descerem. Segundo o narrador, os militares estavam de péssimo humor, principalmente o cabo que comandava o agrupamento; insultava o motorista e, quando se deparou com os gedalistas, como os SS, despejou toda sua ira neles. Perguntou para onde estavam indo, o líder Gedale respondeu que iriam para Glogów, e o cabo ordenou: ““Nada disso. Vamos, desçam todos, venham nos ajudar. Não entenderam? Mexam-se, parasitas, vagabundos, malditos forasteiros!”” (LEVI, 1999, p. 255), denunciando ao leitor uma tortura psicológica bastante potencializada em seu discurso.

Verificamos, então, que o comandante russo se comporta como os soldados alemães descritos por Primo Levi em seus relatos memorialistas. Compreendemos que há uma reprodução da ideologia militar, em que os soldados empregam extrema violência, como a tortura física, psicológica e biológica, as quais corroboram o processo de degradação humana. Recordemos uma assertiva de Todorov (2017, p. 291) de que a despersonalização tende a atingir quem a pratica e quem a recebe. E de tanto o sujeito submeter-se ao sistema, ele transforma-se em engrenagem de uma máquina, tornando-se preso a determinadas ideologias e doutrinações de modo desatento ou mecânico, abandonando sua condição humana.

Os gedalistas almejavam seguir destino, já que foram prestativos. Todavia, foram oprimidos, insultados, passaram por uma revista no caminhão, perderam as armas e até mesmo o meio de transporte. O cabo determinou que um soldado russo assumisse a direção do caminhão e conduzisse todos para Glogów, porque os russos apossaram-se da cidade, que tinha sido transformada pelos alemães em um pequeno *Lager*. Esse *Lager* foi utilizado pelos russos como alojamento para colocarem todas as pessoas desgarradas ou suspeitas que as patrulhas do Exército Russo encontravam na região. Lá, os gedalistas também foram submetidos a uma espécie de prisão, pois o narrador enfatiza que, pela primeira vez, “os combatentes de Kosovo, de Liuban e de Novoselki conheceram o cerco humilhante do arame farpado” (LEVI, 1999, p. 257).

Notamos que ocorre, nessa conjuntura, uma reprodução da ideologia e da doutrina militar. A tropa do Exército Russo, na prática, age igual aos soldados da SS, por também aplicar a violência contra os humanos. E, apesar de a guerra estar praticamente acabada, os militares russos impõem a tortura psicológica, ao submeter à situação de encarcerados aqueles que lutaram nos grupos de resistência contra o único inimigo. E ainda por cima o fazem numa situação de superlotação, pois, de acordo com o narrador, “amontoavam indistintamente todas as pessoas” (LEVI, 1999, p. 257), acentuando o fato de que o local não adequado para a

convivência na coletividade, o que coopera para o processo de degradação humana. Nesse sentido, Foucault (2008a) entende que a prisão é um espaço propício para o funcionamento desse tipo de degradação.

Segundo o narrador, o estabelecimento já continha cerca de cinquenta internos, “judeus poloneses, alemães, franceses, holandeses e gregos que os russos tinham libertado do Lager de Gross-Rosen” (LEVI, 1999, p. 257). Diferentemente da gestão alemã, as cabanas eram aquecidas e os russos forneciam comida com fartura, mas o cotidiano se tornou angustiante, uma vez que todos estavam na condição de presos e, em consequência, os dias se tornaram extensos. Conforme o narrador, “os ex-prisioneiros não saíam de seu isolamento” (LEVI, 1999, p. 257), raramente falavam algo e estavam sempre de olhar para baixo. “Os geadistas tentaram em vão contato com eles: uma vez satisfeitas as necessidades primárias, pareciam não ter mais desejos nem interesses nem curiosidade” (LEVI, 1999, p. 257). Tais comportamentos dos sobreviventes vão ao encontro dos escritos de Fernandes de Sá (2007) sobre o corpo humano envolvido no Holocausto, pois, de acordo com a pesquisadora, um dos objetivos do projeto político nazista era tornar o corpo humano dos encarcerados em corpos subjugados, de forma a efetivar a desumanização do homem.

Quando o próprio prisioneiro subjuga seu corpo, a degradação humana já atingiu sua totalidade, como relatado por Levi (1999), porque não há mais reação, as pessoas se satisfazem apenas com algo para comer, visto que desejam apenas atender às necessidades primárias. Isso nos permite refletir sobre a representação que o autor, por meio da ficção, faz dos judeus que optaram por lutar como força de resistência judaica, pois o estado físico e emocional apresentado sobre os tais “ex-prisioneiros”, ao contrário do estado dos geadistas, coaduna com o projeto político dos alemães em transformar o corpo humano em corpos dóceis, posto que os ex-prisioneiros demonstram não ter mais reação de resistência, pois já se entregaram ao sistema de desumanização. Portanto, cada integrante do grupo geadista simboliza a reação judaica que ocorreu em diversos guetos e surpreendeu os militares das potências bélicas.

Nesse contexto de representação simbólica da reação judaica, Levi (1999) dá voz aos seres humanos vistos como subalternos, especialmente aos judeus que não se entregaram às imposições nazistas. Conforme sublinhamos, para Spivak (2010), é dever do intelectual, sobretudo do profissional inserido no período pós-colonial, produzir espaço em sua produção intelectual para que os subalternos possam exercer o direito de fala, isto é, falarem e serem ouvidos. Levi (1999) vai além da proposta de Spivak (2010) sobre a função do intelectual, por produzir todo um cenário narrativo para que os sobreviventes da experiência concentracionária possam falar. Ele demonstra que os sobreviventes do Holocausto na condição de subalternos

convivem com a necessidade de falar e com a resistência da não escuta, mas eles falam por meio da arte, da literatura, da escrita da resistência contra o retorno da barbárie.

Ainda no que se refere aos corpos dóceis, temos o personagem Schmulek, o judeu polonês sobrevivente de um grupo que se refugiou na Polônia, em um esconderijo subterrâneo. Como vimos, foi narrada por ele a existência de mais de cem pessoas, entre elas, homens, mulheres e crianças, morrendo todas, no decorrer de três anos, de fome, doenças e fuzilados pelos alemães e ucranianos, dentre outros, como grupos que viviam na clandestinidade. E ainda sobre o *Lager* de Gross-Rosen, o narrador esclarece que:

Haviam também mulheres: ainda vestiam o uniforme listrado, calçavam tamancos de madeira, e seus cabelos mal tinham recomeçado a crescer. No final da segunda noite Mendel saiu da cabana para ir à latrina. Assim que passou pelo umbral esbarrou num corpo humano e o sentiu o oscilar inerte; ainda estava quente, pendia enforcado das vigas do teto. O fato se repetiu nos dias seguintes, como uma obsessão silenciosa. (LEVI, 1999, p. 257).

Essa passagem também aponta para uma interlocução textual com os relatos memorialísticos e testemunhais de Primo Levi (1988) em *É isto um homem?*. Há uma descrição dos uniformes dos prisioneiros, das improvisações de latrinas para os encarcerados e as questões relacionadas ao trauma, as quais se manifestam de forma potencializadas, pela sequência de retiradas da própria vida (suicídios) pelo método do enforcamento.

Sobre a presença feminina no *Lager*, tal como os homens, as mulheres não queriam falar. Mas, aos poucos, primeiro as mulheres do grupo gidalista e depois todos os gidalistas venceram a resistência e estabeleceram diálogos com uma mulher de origem judaica, sobrevivente dos Campos de Extermínio nazistas, Francine, nascida e criada em Paris, na França. Como os gidalistas, ela percorreu tortuosos caminhos:

antes fora deportada para Auschwitz, dali para um pequeno Lager perto de Breslau, e finalmente, quando os russos se aproximavam, e quando os alemães tinham evacuado todos os Lagers da região, obrigando os prisioneiros a uma insensata marcha a pé rumo a uma nova prisão, ela conseguira fugir. Francine era médica, mas no Lager não pudera exercer sua profissão porque não sabia bem o alemão; todavia, tinha aprendido o suficiente para poder contar o que vira. Tivera sorte: todo judeu vivo era uma pessoa de sorte. (LEVI, 1999, p. 257).

Essa personagem se caracteriza como uma representação das milhares de mulheres judias que foram aprisionadas em cativeiro, muitas delas exterminadas em câmaras de gás e fornos crematórios, fuziladas, enforcadas, entre outras maneiras de acabar com a vida humana.

Francine é sobrevivente e testemunha ocular da barbárie praticada pelos alemães. Porém, ainda que não dominasse o idioma alemão, aprendera o suficiente para narrar o

inenarrável. Ela também simboliza os prisioneiros com alto nível de instrução, os quais, conforme relata Primo Levi (1988), foram selecionados para trabalhos específicos, como em laboratório de química, enfermagem etc.. O autor assinala que esses foram de algum modo privilegiados, como Francine, que “ainda conservava os cabelos, por ser médica não os tinham cortado, os alemães tinham regras precisas” (LEVI, 1999, p. 258).

Ela se declarava judia, entretanto os geadalistas não detectavam traços judeus nela. Apesar de ser portadora de grande conhecimento intelectual e cultural, sublinhamos que não tinha conhecimento profundo do idioma ídiche. Como sobrevivente do *Lager*, evitava falar de suas experiências lá, pois buscava somente comentar acerca de sua vida antes da guerra. Mas, quando se dispôs a se abrir a respeito das vivências dela no Campo nazista, os diálogos com os judeus do grupo geadalista foram produtivos e recíprocos.

Por exemplo, a judia francesa explicou que no *Lager* tinha conhecido as judias da Europa Oriental, e agora notava grande diferença nelas em relação às cinco mulheres do grupo geadalista, bem como eram diferentes de suas conterrâneas da França. Sobre as judias europeias, Francine contou que “[s]entia incômodo e compaixão pela passividade, ignorância e modos primitivos delas, pela resignação muda com que tinham ido para as câmaras de gás...” (LEVI, 1999, p. 258). Essa cena dramática e comovente leva-nos a acionar Fernandes de Sá, baseada nos estudos de Hanna Arendt acerca do Holocausto:

o Triunfo da SS foi justamente que a vítima se deixasse levar à morte sem protestar, de uma maneira que “renuncie e se abandone a ponto de deixar de afirmar sua identidade”, e que isto seria estratégico porque a organização nazista tinha o conhecimento de que: “o sistema que consegue destruir suas vítimas antes que elas subam ao cadafalso... é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão, em submissão” pois: “Nada é mais terrível do que essa procissão de seres humanos marchando como fantoches para a morte” (FERNANDES DE SÁ, 2007, p. 75).

Esse posicionamento teórico ecoa com o relato testemunhal de Primo Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, que, na condição de sobrevivente, assinala que a ascensão do nazismo ao poder, na Alemanha,

tinha o objetivo primário de romper a capacidade de resistência do adversário por definição, qualquer que fosse a etiqueta que lhe tivesse sido afixada, e devia ser demolido imediatamente para que não se tornasse um exemplo ou um germe de resistência organizada (LEVI, 2004, p. 33).

Por essa chave de leitura, o projeto político dos alemães foi aplicado com sucesso, porque se tratava de uma máquina genocida, uma espécie de indústria da morte e, nesse sentido, a reação dos encarcerados era quase impossível diante da potência bélica. Contudo, Levi

assegura que havia uma luta constante pela sobrevivência, e, embora vivendo em situação-limite, manifesta-se o lado humano, uma força humana de resistência:

Em Auschwitz se sucederam doze esquadrões; cada qual atuava alguns meses, em seguida era eliminado, sempre com um artifício diferente para prevenir eventuais resistências, e o esquadrão sucessivo, como iniciação, queimava os cadáveres dos predecessores. O último esquadrão, em outubro de 1944, rebelou-se contra os SS, explodiu um dos fornos crematórios e foi exterminado num combate desigual (LEVI, 2004, p. 43).

Frente a isso, por mais que os judeus e demais prisioneiros almejassem uma ação organizada de resistência em massa contra os opressores, seriam provavelmente dizimados, já que a luta era contra a máquina genocida de guerra, contra as potências bélicas. Para muitos dos gerdalistas, a expressão “câmaras de gás” era novidade, e Francine tratou de comentar sobre, mas sem olhar nos rostos dos integrantes da resistência judaica. Conforme explicita o narrador, “aos milhares, aos milhões; ela não sabia quantos, mas as mulheres do Lager evaporavam ao redor dela, dia após dia. Em Auschwitz a regra era morrer, viver era uma exceção, ela era uma exceção: justamente, todo judeu vivo era uma pessoa de sorte. E ela? Como sobrevivera?” (LEVI, 1999, p. 258).

Em relação a esses questionamentos, notamos que o narrador dá voz à sobrevivente, que afirma “não saber”. Ele também nos relembra de outros sobreviventes, os quais testemunham que estão vivos por sorte e, assim como Francine, demonstram dificuldade em falar sobre a morte:

“Não sei”, disse. Também Francine, como Schmulek, como Edek, quando falava em morte baixava a voz. “Não sei, encontrei uma francesa que era médica na enfermaria, ajudou-me, deu-me de comer, durante algum tempo fez trabalhar como enfermeira. Mas isso não teria bastado, muitas mulheres comiam mais que eu e morriam igualmente, deixavam-se ir para o fundo” (LEVI, 1999, p. 258-259).

Essa passagem do romance possui uma intertextualidade direta com as narrativas do autor nas obras de cunho eminentemente memorialista e testemunhal. Mesmo sendo uma narrativa ficcional, há traços de suas experiências em situação-limite, visto que, em seus relatos autobiográficos, Primo Levi expõe que, na condição de sobreviventes do Holocausto, ele e outros judeus possuíam uma sensação de terem sido de alguma forma privilegiados, e carregavam consigo a culpa de outros terem morrido em seu lugar. Assim, a personagem Francine, além de representar o sobrevivente do Holocausto portador de uma experiência testemunhal, reitera a luta constante e necessária pela sobrevivência, esclarecendo que foi

privilegiada, pois uma médica francesa a ajudou com alimentação e lhe deu oportunidade de trabalho como enfermeira.

Nessa função social atrelada à saúde, em relação às mulheres judias, Francine, confessa um ato contraditório: “tinha compaixão pelas doentes, mas às vezes batia nelas. Não por maldade, só para defender, não sabia como explicar, defender-se de suas exigências, de suas lamúrias” (LEVI, 1999, p. 259). Essa prática de reprodução da violência, seja física ou psicológica, faz parte do processo de despersonalização do sujeito, pelo fato de a degradação humana atingir opressores e oprimidos (TODOROV, 2017).

Levi (1988) também afirma que, ao longo do período em que esteve encarcerado sob o comando nazifascista, no cotidiano do *Lager*, assistiu a cerca de treze enforcamentos públicos. “As outras vezes, porém, [tra]tava-se de crimes comuns, roubos na cozinha, sabotagens, tentativas de fuga. Hoje é outra coisa” (LEVI, 1988, p. 218). Esse relato testemunhal atesta que as execuções eram na frente do público encarcerado, a fim de propagar cada vez mais o terror, poque havia, como notado, outras formas de empregar a extrema violência.

Já no contexto extracampo, verificamos, consoante o narrador, uma prática de suicídio inexplicável com os autos enforcamentos, a qual pode ser vista como consequência do trauma e desse processo de despersonalização do sujeito, de perda da identidade, de aniquilamento do homem, da degradação humana, pois esse processo aponta para um esvaziamento da condição humana. Quanto ao ato de retirar a própria vida no extracampo, Todorov (2017, p. 381) elucida que sobreviventes dos Campos de Extermínio nazistas se tornam, em sua grande maioria, pessoas depressivas e sofredoras. Com base nos escritos de Primo Levi, o teórico conclui que

[a] proporção dos suicídios é anormalmente elevada entre eles, assim como a dos doentes mentais ou físicos. O próprio Levi falou sobre isso, interpretando a fonte dessa amargura como sentimento de vergonha por ter vivido o que se viveu, uma difusa e intransponível culpabilidade (TODOROV, 2017, p. 381).

Desse modo, alicerçado em resultados dos tribunais no pós-guerra, deduz que tais sentimentos não têm associação direta com a noção de culpabilidade. Na prática, os verdadeiros culpados se sentiam inocentes, posto que alegavam estar cumprindo ordens, de acordo com a doutrina ideológica e política nazista. Já os inocentes, na condição de sobreviventes, carregavam consigo o trauma e o sentimento de culpabilidade, convive com a dupla necessidade de falar e esquecer.

No início de maio de 1945, a Segunda Guerra Mundial realmente chegou ao fim. Segundo o narrador, o comando russo que administrava o *Lager* de Glogów misteriosa e silenciosamente desapareceu, sem despedia, sem prestar informações; foram todos embora

durante à noite. Ninguém soube o motivo certo, se os militares receberam ordem do alto escalão do Exército Vermelho, ou se decidiram partir pela emoção e embriaguez da vitória. Os gedalistas encontraram um bilhete pregado do lado de fora da cabana: “‘Temos que partir. Cavem atrás da chaminé das cozinhas; há um presente para vocês, não nos servem mais. Boa sorte. Smirnov’” (LEVI, 1999, p. 264).

Conforme a narrativa, os gedalistas acharam neste local pistolas, incluindo uma pistola-metralhadora alemã, um mapa militar referente à região da Saxônia e da Baviera, uma quantia em dinheiro de oitocentos dólares. E novamente seguiram destino, não mais pelas trilhas no meio de bosques e pântanos, mas por estradas da Alemanha devastada. Mesmo fora do contexto da guerra, Gedale sugeriu uma regra: “não nos separemos”. Assim, partiram a pé, de carona, na maior parte do tempo em veículo soviético. Já Ròkhele Branca, como estava grávida, às vezes aceitava carona em carroças puxadas por cavalos, no entanto todos os gedalistas a acompanhavam como escolta.

Ao final de maio de 1945, os gedalistas acamparam às margens da cidadezinha de Neuhaus, que ficava perto de Dresden. De acordo com o narrador, desde que entraram nas terras alemãs, eles tiveram dificuldades em comprar alimentos, porque os grandes centros estavam semidestruídos. Nesse cenário, saíram quatro gedalistas para tentar adquirir alimentos, dentre eles Ròkhele Negra e Pavel, o qual dominava o idioma alemão e se encontrava preparado para exercer a comunicação com aqueles/aquelas que trabalhavam no comércio.

Todavia, Pavel cometeu um deslize e conversou em ídiche com Ròkhele Negra sobre as impressões da cidadezinha e das pessoas que circulavam aparentemente sem destino. Logo os cidadãos alemães perceberam que eles eram judeus e os humilharam com severidade. Uma mulher, que aparentava estar bem-vestida, disse a um senhor:

“Veja, estão aqui de novo, mais descarados que antes”. Depois, dirigindo-se aos quatro judeus, acrescentou:

“O lugar de vocês não é aqui”.

“Onde é então?”, perguntou Pavel de boa fé.

“Atrás do arame farpado”, respondeu a mulher.

Pavel, num impulso, agarrou-a pelas abas do capote, mas logo a deixou ir, pois com o canto do olho vira que começara a juntar gente ao redor deles. No mesmo instante ouviu acima de sua cabeça um tiro seco, e ao seu lado Ròkhele Negra vacilou e caiu dobrada sobre si mesma. As pessoas que estavam em volta desapareceram num segundo, as janelas também se esvaziaram. (LEVI, 1999, p. 266).

Essa passagem permite-nos pensar no ódio que foi implantado por meio da política de perseguição e eliminação dos povos judaico-cristãos pelo governo Hitler. Mesmo com o término da Segunda Guerra Mundial e com a Alemanha derrotada, os alemães ainda

reproduziam em seus discursos a ideologia nazista de exterminação do humano e de resistência à cultura judaica. Outra prova desse ódio também se materializou na frente deles, com a queda da judia, que caiu desmaiada. Pavel a socorreu de imediato e retornou com ela para o acampamento. Sissl e Mendel examinaram-na com atenção e localizaram no meio da cabeleira a marca do projétil que se alojou no crânio de Ròkhele Negra, visto que não havia sinal de saída da munição. Infelizmente, por mais que tentaram reanimá-la, ela não resistiu.

Esse atentado teve resposta imediata, pois o líder da resistência enfatizou: “‘Vamos, com todas as armas’” (LEVI, 1999, p. 266). Nesse contexto, Bella, Sissl e Branca realizaram o sepultamento da companheira. O restante do bando partiu à noite, a fim de vingar o atentado que sofreram durante a busca por alimentos. Consoante o narrador, a moça só tinha vinte anos de idade, era sobrevivente do gueto de Treblinka, estava desarmada e fora covardemente assassinada, em tempos de paz, por alguém da Alemanha. Em função dessa represália, os gentalistas decidiram cobrar sua perda dos responsáveis pela cidade e, assim, cercaram o prédio da prefeitura – Rathaus –, local destinado ao Conselho Municipal. Gedale, então, comandou essa última operação com o intuito de fazer justiça com sabor de vingança.

Tal plano de represália é comparado à passagem bíblica que narra a violência sofrida pela filha de Jacó e, em decorrência, a vingança que resultou em derramamento de sangue:

Simão e Levi se vingando com sangue da afronta praticada pelos siquemitas à sua irmã Dina. Tinha sido justa aquela vingança? Existe uma vingança justa? Não existe; mas somos homens, e a vingança grita em nosso sangue, e então nós corremos, destruimos e matamos. Como eles, como os alemães. (LEVI, 1999, p. 267).

O narrador mostra que essas lembranças percorrem a mente de Mendel, através de imagens que o fazem refletir, apesar de reconhecer que não há vingança justa. O que resta é matar como os alemães, ou seja, o ato de matar torna-se natural. Na prática, essa naturalização da morte é resultado do processo de degradação humana que atinge os humanos, independentemente de ser opressor ou oprimido, como temos ressaltado.

Nesse cerco ao prédio da prefeitura, Piotr, com a pistola automática que o grupo recebeu de presente do capitão Smirnov, eliminou os dois homens que estavam de sentinelas na fachada de entrada. Em simultâneo, Arié e Mendel lançaram granadas contra as janelas e houve explosões ao ponto de todas as janelas do andar estourarem. Arrombaram a porta e mataram todos os alemães, cerca de dez, incluindo os da segurança.

Após essa operação, retornaram ao acampamento. Gedale ordenou para desmontarem as tendas e partirem rápidos, pois os americanos se localizavam a cerca de trinta quilômetros

daquela cidade. Os gedalistas se foram, caminhando à noite, com sentimento de perda pela companheira e remorso pela vingança, mas aliviados. Line, durante o percurso, perguntou quantos eram os alemães e Gedale informou o número de dez. Mendel ressaltou:

“Fizemos como eles: dez refêns por um alemão morto.”

“Sua conta está errada”, disse Line. “Os dez de Neuhaus não entram na conta de Ròkhele. Entram na conta dos milhões de Auschwitz. Lembre-se do que a francesa nos contou.”

Mendel disse: “O sangue não se paga com sangue. Sangue se paga com justiça. Quem atirou na Negra é um animal, e eu não quero me tornar um animal. Se os alemães mataram em câmaras de gás, devíamos matar todos os alemães em câmaras de gás? Se os alemães matavam dez por um, e nós fizemos como eles, ficaremos como eles, e não haverá mais paz”. (LEVI, 1999, p. 268).

Esse excerto remete-nos ao processo de resistência, porque Mendel, uma das principais vozes no romance, expressa o desejo de não se tornar um animal, isto é, notamos negativas aos processos de degradação humana e de animalização do homem, à extrema violência, ao projeto político ideológico dos alemães em exterminar humanos visando construir uma raça pura dita ariana, ao confronto bélico, às máquinas genocidas de destruição em massa. Por esse viés, o discurso de Mendel pode ser lido, conforme sugere a narrativa, como uma manifestação de resistência, já que, mesmo em situação-limite, emerge algo humano, uma espécie de força interior que o impede de se entregar, de chegar ao fundo do poço, como vimos acontecer com Primo Levi.

O grupo decidiu caminhar até encontrar os americanos. Segundo o narrador-personagem, os gedalistas precisam entender que não há mais guerra, que a estação do ano é favorável, pois é primavera e todas as estradas estão livres para ir e voltar. Assegura ainda que: “[...] Vamos procurar um lugar no mundo onde ele possa nascer em paz.’ ‘Ele quem?’, perguntou Line. ‘O menino. Nosso filho, o filho dos dois inocentes.’” (LEVI, 1999, p. 269). Nessa fala sensível e poética, em que é feita referência ao filho de Isidor e Branca, há o desejo de um mundo melhor, representado pelo nascimento de uma criança fruto da esperança, gerada no período que marcou as batalhas finais e as constantes lutas do bando gedalista.

Com o final da guerra, Gedale teve a missão de também conduzir o grupo judaico da Alemanha para a Itália, mais especificamente até Milão, porque os gedalistas almejavam partir do país italiano para a Palestina. Seus objetivos eram recomeçar uma nova vida, sem a perseguição religiosa, sem o emprego da extrema violência, sem discriminação racial, sem serem vistos como estrangeiros, mas podendo viver em comunidade, sobretudo em um ambiente de paz. Nesse sentido, é possível então considerar que, no decorrer da narrativa, por meio das diversas vozes, os sobreviventes dos Campos de Extermínio imaginam uma Palestina

acolhedora aos judeus, um lugar para recomeçarem a vida e viverem em paz igual a muitos povos do mundo.

Para essa última viagem, o meio de transporte seria o ferroviário, mas no momento Gedale e os demais integrantes do agrupamento judaico não possuíam recursos financeiros. Diante da necessidade de esperar, Gedale tinha a seu favor suas experiências artísticas e, por intermédio do ato de tocar violino, numa estação em que o grupo estava provisoriamente acampado, conheceu um alemão, ferragista e músico, assim como ele. Apesar das divergências culturais e ideológicas entre ambos, a afinidade musical os aproximou, tornando-os amigos. O alemão, de nome Ludwig, ajudou Gedale na façanha de embarcar com seu grupo em um vagão especial e exclusivo para a viagem dos membros da resistência judaica.

Tal exclusividade do vagão, porém, não foi dentro da legalidade. O trem poderia passar por fiscalização ao longo do percurso, e, para evitar uma possível inspeção rigorosa, foi fixado no lado externo, na lateral do vagão, um “cartaz com o itinerário, Munique-Innsbruck-Brenner-Verona: Ludwig tinha pensado em tudo” (LEVI, 1999, p. 276). E diante do risco iminente da fiscalização, o líder gedalista orientou os integrantes da resistência a tomarem alguns cuidados, como, nas paradas obrigatórias, evitar sair do vagão.

Assim, percebemos traços da experiência concentracionária no espaço extracampo. No cotidiano do *Lager*, como retratado na obra *É isto um homem?* (1988) e, de acordo com o narrador, tudo que se conseguia no léxico (vocabulário) adotado pelos prisioneiros era arrumado, isto é, algo obtido clandestinamente para a sobrevivência. Há, portanto, mais um ponto de interlocução textual entre as narrativas, visto que Gedale afirma que, para os judeus, toda a Europa durante o conflito bélico se tornou um *Lager*, o que estende ainda para o pós-guerra.

Mendel estranhou e quis saber de Gedale como ele e o alemão fizeram amizade. E recebeu a seguinte resposta:

“Com o violino. Como aquele, na antiguidade, que amansava os tigres com a lira. Não que Ludwig seja um tigre, é gentil e cheio de talento, foi um prazer tocar com ele; e para fazer este serviço para nós se contentou com pouco”.

“Mas não deixa de ser alemão”, esbravejou Pavel.

“Certo, e daí? Não foi à guerra, sempre trabalhou como ferroviário, toca flauta e em 1933 não votou em Hitler. [...]” (LEVI, 1999, p. 275).

O artista explicou sobre a força que o violino tem de unir as pessoas, como outros instrumentos musicais, emergindo em sua fala o poder da arte e provocou Pavel, que ironizou a cultura nazista de Ludwig. Gedale deixou entrever, por exemplo, provocações do tipo: se ele tivesse nascido na Alemanha, filhos de pais alemães, e aprendesse na escola a ideia de sangue

puro e a política de nacionalidade não poderia ter uma chance de fazer amizade e conquistar o respeito do grupo.

Em relação ao violino e ao poder da arte, notamos ainda traços da experiência intelectual do autor, pois, a nosso ver, Levi (1999) estabelece outros diálogos intertextuais com a literatura clássica, como O mito de Orfeu e Eurídice, referente ao Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio. Nesse viés, Levi estrategicamente projeta o personagem Gedale com dons artísticos de tocar, cantar e compor poesia, e também enfatiza o poder da arte por meio dos instrumentos artísticos vocais. Há uma comparação simbólica do famoso violino de Gedale com a lira, instrumento musical clássico conhecido, metaforicamente, como harpa de Orfeu. Quanto a esse dom poético, Karyne Pimenta de Moura Costa (2019, p. 175) entende que: “[a]ssim como Orfeu, cuja lira amansava os animais mais bravios, o poeta tem o dom de apascentar feras e de transcender-se no tempo com seu canto”.

Para Junito de Souza Brandão (2005, p. 141, grifo do autor), “Orfeu sempre esteve vinculado ao mundo da música e da poesia: poeta, músico e cantor célebre, foi o verdadeiro criador da ‘teologia’ pagã. Tangia a lira e a cítara”. Orfeu é também um dos inventores do instrumento musical conhecido por cítara; tradicionalmente, é desta divindade o feito de aumentar o número de cordas vocálicas “de sete para nove, numa homenagem às Nove Musas” (BRANDÃO, 2005, p. 141).

Na mitologia grega, segundo Brandão (2005, p. 154), Orfeu era uma espécie de divindade, músico e profeta, portador do dom de tocar, encantar e dominar os animais selvagens. Com seu poder artístico, além do domínio sobre os animais selvagens, sensibilizava os humanos: “Sua maestria na cítara e a suavidade de sua voz eram tais, que os animais selvagens o seguiam, as árvores inclinavam suas copadas para ouvi-lo e os homens mais coléricos sentiam-se penetrados de ternura e de bondade” (BRANDÃO, 2005, p. 141).

Tal posicionamento de Brandão (2005) evidencia a chave de leitura em que Levi (1999) compara o poeta e violinista Gedale ao poeta e músico Orfeu, personagem da mitologia grega. O líder gedalista afirmou para Mendel que foi através do violino que ele estabeleceu os primeiros contatos com o alemão, Ludwig, e assegurou que o instrumento era igual a “aquele, na antiguidade, que amansava os tigres com a lira” (LEVI, 1999, p. 275). Gedale refere-se, justamente, ao dom de Orfeu em tocar sua harpa e cantar, pois o seu canto mágico amansava não somente os tigres, mas todos os animais selvagens, bem como os homens. De acordo com Brandão (2005), por mais que indignados ou raivosos, ao ouvir a música de Orfeu, eles ficavam cheios de ternura e bondade.

Nesse aspecto, compreendemos que o personagem Ludwig, de nacionalidade alemã, também foi tocado, de alguma forma, pelos sons produzidos pelo violino gedalista e pelo poder do canto de Gedale. O alemão deixou de cumprir as normas e as leis estabelecidas no seu país, sobretudo do seu trabalho, e em um ato de sensibilidade, em nome da humanidade, providenciou uma locomotiva exclusivamente para transportar o grupo gedalista da resistência judaica.

Gedale seguiu tocando o violino durante a viagem. Ao ultrapassar Innsbruck, rumo a Brenner e à fronteira italiana, interpretava músicas ao modo cigano, hebraico ou russo. O narrador esclarece que essa é uma prática cultural e que “os povos mutuamente estrangeiros com frequência se tocam na música, fazem trocas na música, por meio da música aprendem a se conhecer, a não desconfiar” (LEVI, 1999, p. 279), explicação que reforça a abertura entre as partes no encontro de Gedale com o personagem Ludwig. A arte musical foi o elo, a forma de contato, para as relações sociais entre eles, capaz de desconstruir as diferenças ideológicas e culturais.

Verificamos, então, que a arte se manifesta como meio de interlocução entre os povos, independentemente de raça e nacionalidade. O narrador nos conta que o ritmo da canção, alegre, dançante e cheio de esperança, funcionava como um convite para os demais adentrarem na dança, com o balançar da cabeça e batendo palmas, mesmo aqueles endurecidos pela fadiga e pela guerra: “[...] seguiam-no assim, deleitando-se com a desgraça, imemoriais e selvagens” (LEVI, 1999, p. 280).

O autor, por intermédio de estratégias narrativas, faz uma representação do fim da guerra que abarca a queda definitiva de Adolf Hitler e as comemorações dos membros da resistência do agrupamento gedalista, composto por judeus e desgarrados das forças aliadas:

Findas as insídias, finda a guerra, a estrada, o sangue e o gelo, morto o satã de Berlim, vazio e vago o mundo, a ser recriado, a ser repovoado, como depois do dilúvio. Em subida, em alegre subida rumo à passagem: subida, *alià*, assim se chama o caminho quando se sai do exílio, do profundo, e se sobe rumo à luz. Também o ritmo do violino subia, cada vez mais rápido, tornava-se desenfreado, orgíaco. Dois gedalistas, depois quatro, depois dez, soltaram-se no vagão, dançando em duplas, em grupos, ombro contra ombro, batendo os saltos das botas no pavimento sonoro. Gedale também se levantara, e dançava tocando, girando sobre si mesmo, levantando os joelhos no alto (LEVI, 1999, p. 280).

Tais comemorações marcam, igualmente, o fim trágico do instrumento musical, o violino de Gedale, o final das canções e das poesias, pois, no ritual comemorativo, o violino estragou de forma irreparável. E “[n]ão havia mais nada a fazer. Gedale estendeu o braço para

fora da janela, abriu a mão, e o violino caiu no saibro da estrada de ferro com um toque fúnebre” (LEVI, 1999, p. 280), o que gerou um período de luto e depois um novo ciclo de vida.

Não podemos nos esquecer de que, ao longo da trama, o personagem Gedale firmou uma relação pessoal muito forte com o instrumento musical e que o objeto funcionou como um escudo protetor durante a batalha dos judeus na região de Luninets. Lá, Gedale foi atingido por um tiro, mas, como o projétil acertou primeiro no violino, perdeu o efeito de letalidade. Dessa maneira, o violino passou a ser visto por todos como algo que contribuiu, diretamente, para a proteção da vida de Gedale, ou seja, salvou a vida dele ao ponto de receber homenagem do próprio dono, que condecorou o instrumento com uma medalha. Conviveu com ele, inclusive, nos confrontos armados e tinha-o como um companheiro, uma espécie de amuleto da sorte.

Verificamos que Mendel, o personagem central da narrativa, não superou o trauma do fuzilamento da sua esposa dentro de uma vala pelas tropas alemãs. E, no ato de reviver suas memórias e lembranças, pensa no pós-guerra e se questiona: “[...] e o que faz um artilheiro em tempo de paz? O que é capaz de fazer? Relógios?” (LEVI, 1999, p. 277), porque a guerra estaria acabada. Mendel não dá importância para suas habilidades de atirador e membro de artilharia fora do contexto bélico, todavia, lembra-se que também é um relojoeiro. Tais reflexões do narrador-personagem nos remetem, novamente, à simbologia do relógio, que se relaciona ao tempo e à mudança de ciclos: ele representa a passagem transitória da vida humana e sua brevidade, assim como o surgimento de possibilidades, oportunidades e começos.

Indubitavelmente, o tempo é um fator fundamental para os grupos de resistência: para se anteciparem e surpreenderem o inimigo, durante as ações de sabotagem; para não pensarem no amanhã, na condição de prisioneiros, refugiados, sem pátrias e membros da resistência; para viverem um dia após o outro, sem antecipar o futuro. Mendel, de início, ao narrar a tragédia ocorrida em sua aldeia, afirmou: “[...] e agora, ao pensar nela, me parece o Jardim do Éden, e cortaria uma das mãos para que o tempo retrocedesse e tudo voltasse a ser como antes.” (LEVI, 1999, p. 10). Essa fala ecoou coletivamente, porque, no decorrer da narrativa, não apenas Mendel, mas todos os membros da resistência judaica demonstraram o desejo de que o tempo pudesse retroceder para terem novamente suas famílias, suas casas e suas pátrias.

A representação simbólica do relógio está associada à noção do tempo e à profissão do personagem central da narrativa, Mendel. Como vimos demarcando, é um relojoeiro diplomado, o homem do laboratório, portador da memória e do testemunho, portador da linguagem da resistência. Foi principalmente pela voz de Mendel que compreendemos que a narrativa do romance *Se não agora, quando?* é marcada pelo sentimento de amor e pelo sentimento de dor. No decorrer da trama, Levi (1999), por meio de estratégias de articulação

narrativa, realça essa dor, essa falta, essa incompreensão e essa insistência em narrar, as quais perpassam as memórias e as lembranças de Mendel em uma espécie de jogo entre o lembrar e o narrar. Foi ele o responsável por conduzir boa parte da narrativa, demonstrando que não conseguiu superar as feridas pessoais da perda de sua esposa, porém manifestou o desejo do recomeço, como: “Recomeçar de onde? Daqui, de hoje, desse amanhecer milanês, que surge atrás dos vidros esmerilhados: desta manhã. Este é um bom lugar para começar a viver” (LEVI, 1999, p. 304). Esse recurso poético assume um efeito verossímil e a voz protagonista reafirma essa alegoria do recomeço, a ideia de esperança e de um novo ciclo, a noção de uma nova vida, de um novo mundo, um mundo melhor sem guerra.

Destacamos ainda passagens das cenas finais do romance, nas quais é narrado o nascimento de um bebê, como dissertamos no segundo capítulo, filho do casal gegalista Isidor e Ròkhele Branca. Tais cenas são relatadas pelo narrador em terceira pessoa e são perpassadas pelo processo de interlocução entre Mendel e Line, que permaneceram no hospital em apoio ao casal, em especial ao jovem Isidor. Eles tentaram acalmar Isidor pelas inseguranças em relação ao atendimento hospitalar prestado a sua esposa e refletiram sobre a criança que estava por vir e as experiências vivenciadas no contexto bélico. Como já informamos, Line entende que foram igualmente “[p]aridos, expulsos. A Rússia nos concebeu, alimentou-nos, fez-nos crescer em sua escuridão, como numa matriz; depois teve as dores, contraiu-se e nos lançou para fora, e agora eis-nos aqui, desnudos e novos, como recém-nascidos. Não pensa assim também?” (LEVI, 1999, p. 303). Essas reflexões do sujeito feminino no início do pós-Segunda Guerra Mundial, a nosso ver, corrobora a compreensão de um novo ciclo de vida, pois Line parte da metáfora do nascimento da vida humana, do ato de o bebê ser expulso da vida uterina, para tentar compreender a expulsão dos judeus de suas pátrias.

A personagem partilha com Mendel o sentimento de desamparo, mas, ao mesmo tempo, manifesta sentimento de esperança, de possibilidade de recomeço, posto que a comparação com o recém-nascido pode ser vista como o início de uma nova vida. A narrativa sugere um momento poético da estética de resistência de Primo Levi, sobretudo com ações humanas que retardam ou impedem o retorno da barbárie, já que o princípio da vida carrega a simbologia da possibilidade de se fazer as coisas de um modo diferente. Assim, a narrativa aponta para a alegoria do recomeço, não somente pela voz do protagonista Mendel e de sua companheira de batalha Line, mas também pelas ações de cada integrante da patrulha gegalista em almejar uma nova pátria, uma nova terra, para viverem em paz.

Percebemos, inclusive, que há uma progressividade na psicologia dos personagens, porque no início eles são praticamente arquétipos dentro de uma espécie de aventura histórica,

pela consciência da necessidade de lutar para sobreviverem, para serem reconhecidos como humanos, para reconstruírem a identidade judaica e, por fim, eles são envolvidos sentimental e emocionalmente. Há novas dúvidas, novos entusiasmos, novos sentimentos, sensações de novas perspectivas, entre outros sentimentos como incerteza e esperança. Nesse sentido, existe uma mudança, um aprofundamento, pois, se por um lado acontece a desumanização, por outro ocorre também a humanização, visto que, mesmo em situação-limite, manifesta-se algo do ser humano, uma força de resistência.

Ao longo do romance, notamos que o grupo gedalista, a cada operação realizada com sucesso, aos poucos ganhou o reconhecimento como força de resistência judaica, do comando do Exército Russo e das diversas autoridades dos Exércitos aliados contra as tropas do eixo nazifascista. Entretanto, ao final da narrativa, apesar das ações estratégicas e vitoriosas do grupo gedalista, nenhum dos personagens alcançou efetivamente algo novo. Houve o nascimento de uma criança como símbolo da esperança e da possibilidade de um novo ciclo de vida, mas ao mesmo tempo foi anunciado também um novo evento catastrófico em que Primo Levi mostra o avanço tecnológico a serviço da máquina genocida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante essa investigação e da análise do romance *Se não agora, quando?* (1999), fomos apresentados com o posicionamento do autor sobre o romance na obra intitulada *O ofício alheio*: com um ensaio de Ítalo Calvino (2016), de Primo Levi, na qual ele dedica algumas páginas acerca do processo de criação, de representação e de escritura, sobretudo pelo viés da ficção. De maneira sutil, expõe sobre sua experiência com a escrita durante cerca de trinta e cinco anos, experiência que considerou como período de aprendizagem da escrita autobiográfica, seja de forma velada ou evidente. O autor discorre sobre a experimentação de se criar um romance, que é vista por ele como uma liberdade sem limite e explica que o processo de escrita acerca de coisas já vistas, experienciadas ou vividas, é mais fácil do que a criação com base na imaginação e “menos feliz”. Por essa ótica, esclarece que:

É um escrever-descrever: há uma pista, escavações na memória recente ou distante, reordenações e achados (se houver o talento), os catálogos, depois você pega uma espécie de máquina fotográfica mental e dispara: você pode ser um fotógrafo medíocre, ou bom, ou talvez “artístico”; pode enobrecer as coisas que retrata ou reportá-las de maneira impessoal, modesta e honesta, ou dar-lhes ao contrário uma imagem distorcida, plena, sufocada, ante ou sobreposta, mas em todo caso você é guiado, levado pelas mãos dos fatos, há terra sob seus pés (LEVI, 2016, p. 177, grifo do autor).

Essa passagem permite-nos associar esse posicionamento dele com nosso estudo, pois o autor assegura que o escrever acerca das experiências funciona como uma espécie de escavação na memória recente ou distante. Compreendemos que, mesmo se tratando de escrita ficcional, o autor, no lugar de sobrevivente, de escritor e militante contra o retorno da barbárie, em *Se não agora, quando?*, cria passagens no decorrer da narrativa que estão diretamente relacionadas com suas experiências concentracionária, intelectual, política, cultural, as quais constituem seu arquivo pessoal. Enquanto que em seus relatos de cunho memorialístico testemunhal evidenciados por nós, em *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, há traços do trabalho artístico visto como ficção.

Alguns são os pontos destacados por Primo Levi, em *O ofício alheio*, sobre a liberdade “sem limite” percebida na escrita do romance, na criação do cenário narrativo, do espaço, dos personagens, das vozes narrativas. No que tange à ambientação, explica que se relaciona a lugares já vistos por ele, de que ouviu alguma descrição, ou teve acesso por meio da leitura, do cinema ou de fotografias, ou “imaginado, imagináveis, não imagináveis” (LEVI, 2016, p. 176). Em relação aos personagens, assegura que “[s]ão seu modo de dizer ‘eu’: quando, ao fazê-los

se mexer ou falar, eles refletem aquilo que você faz, podem dizer muito. Talvez vivam muito mais que você, perpetuando seus vícios e erros” (LEVI, 2016, p. 177, grifo do autor), apontando para a impossibilidade de projetar um personagem do nada, porque, no processo de criação, o escritor transfere ao personagem, de modo inconsciente ou não, mesmo sem intenção “uma parte de si; mas o resto, o não eu, nunca é totalmente inventado. Ele se enche de recordações: também estas conscientes ou inconscientes, voluntárias ou involuntárias” (LEVI, 2016, p. 178). São homens e mulheres de origem judaica que decidiram pegar em armas e combater as forças nazistas e aliadas, lutando pela sobrevivência, contra o extermínio dos judeus, em defesa e pela reconstrução da identidade judaica, principalmente pela dignidade humana.

Observamos que há uma mescla entre a narrativa de cunho memorialístico testemunhal e a narrativa de cunho ficcional, com o mesmo propósito de denunciar a tragédia que foi o Holocausto, narrar as memórias a fim de superar o trauma e dar testemunhos relativos à própria dor e a dos companheiros que foram impossibilitados de fazê-lo. Conforme reafirmamos, o narrar é necessário para o sobrevivente expressar suas angústias, o meio de tentar se livrar de suas feridas e, ao mesmo tempo, combater o fantasma da barbárie. Para Primo Levi, é fundamental nos atentarmos quanto ao retorno da barbárie; se ela aconteceu no passado, pode voltar a acontecer, ainda que em regimes intitulados de democráticos. Com sua produção escrita, cumpriu com seu compromisso ético, em especial com a memória dos milhões de humanos que foram cruelmente assassinados pela máquina genocida ou dos muitos que sobreviveram e voltaram emudecidos nas malhas de poder da política nazifascista.

Levi (1999) demonstra a importância da memória e do testemunho como estratégias de denúncia e resistência, visto que, no decorrer do romance, o autor nos apresenta personagens na condição de sobreviventes dos Campos de Concentração nazistas e dos guetos, de refugiados, de militares, na função de força de combate e de resistência ao nazismo, entre outras circunstâncias associadas ao contexto bélico da Segunda Guerra Mundial. Tais personagens são portadores do trauma e carregam as dores de terem perdido toda a família, sua casa e sua pátria, além de terem conseguido fugir do *Lager* por uma espécie de milagre. Ademais, testemunham suas experiências pessoais, expressando necessidade de narrar, enquanto outros gostam de ouvir tais relatos. Nesse cenário, evidenciamos a voz narrativa de grande parte da história, Mendel, que dá testemunhos e conta suas memórias, convivendo com a dor da perda de sua esposa, fuzilada pelas tropas nazistas em uma vala comum.

A narrativa recria retratos da degradação humana, pois a extrema violência verificada nos relatos leva as vítimas a se perceberem como bichos, confirmando as ocorrências de despersonalização do sujeito, da sua perda de identidade e, conseqüentemente, da sua

aniquilação. Além do emprego da violência, notamos outras estratégias de tortura física e psicológica, como a retirada da alimentação, do sono, da privação da higienização do corpo, a sede, o trabalho forçado e a exposição ao frio provocado pela neve. Tais estratégias empregadas no cotidiano dos *Lagers* conduzem os encarcerados para situações-limites e ocorre um esvaziamento da condição humana. Esse esvaziamento está simbolizado nos dez personagens presidiários de um *Lager* que foram libertados pelo grupo gedalista, e convidados para seguirem com o grupo. Goldner, em nome dos companheiros, se posicionou dizendo que não iam, porque ele e os demais não ficavam bem na companhia de outros homens, posicionamento sugestivo da degradação humana totalmente potencializada.

A arte foi uma das estratégias de resistência de que muitos prisioneiros se utilizaram, nos *Lagers* e em outros ambientes vinculados ao conflito bélico, seja para suportar a barbárie praticada pelos integrantes da SS, para resistir ao processo de degradação, para sobreviver, para poder narrar e denunciar o inenarrável. Gedale, o líder da resistência judaica que comandou o grupo gedalista e vivia entre o fuzil e o violino, seu companheiro e talismã, compunha poesia, declamava poemas, tocava seu instrumento musical e cantava nos improvisados acampamentos, em meio a ações de sabotagem ao inimigo. Além dele, havia outros membros do grupo com habilidades artísticas, como o personagem Pavel, que improvisava através da boa oratória e do humor apresentações em protesto à política nazifascista, encarnando a figura do comandante Adolf Hitler. Já Dov, mais velho e mais experiente, se destacava pela função de contador de histórias, sobretudo das suas experiências no encarceramento nazista do qual conseguiu fugir. Assim, a arte, ao longo da narrativa, funciona como elemento essencial para a formação de uma estética da resistência às múltiplas manifestações da barbárie.

Nossa análise se apresenta como um fio frente às possíveis tessituras dadas mediante pesquisas futuras. Nesse sentido, nosso estudo, além de possibilitar a promoção do debate acadêmico e científico acerca da tragédia que foi o Holocausto em diferentes espaços públicos e privados, também contribui indiretamente para a iniciativa, a proposta e a militância do autor contra a política nazista. Nesse viés, esta Dissertação em Estudos literários, de alguma forma, contribui para a continuidade do trabalho de Primo Levi em combater o retorno da barbárie por meio da escrita de resistência e da arte literária.

Ainda sobre nosso objeto pesquisa, compreendemos que a obra possibilita um estudo mais aprofundado, visto que não há dissertações de Mestrado nem teses de Doutorado sobre o romance *Se não agora, quando?*, de Primo Levi, conforme já indicamos. Almejamos, então, dar continuidade a essa pesquisa no curso de Doutorado, sobretudo com ênfase na figura feminina, tanto nas personagens representativas da resistência judaica quanto naquelas

evocadas pela voz narrativa referentes à cultura judaica, como: Michàl, a qual causava uma espécie de deslumbramento em quem olhasse para ela; Giaele, descrita como a famosa guerrilheira do passado; Abigail, a mulher portadora da sedução e Raab, de acordo com o narrador, que “era superior a todas, qualquer homem que pronunciasse o nome dela expelia instantaneamente seu sêmen” (LEVI, 1999, p. 109). Assim sendo, também intentamos enfatizar o processo de interlocução de vozes que perpassam a representação dessas mulheres míticas, históricas e lendárias.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio - Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 7-17.
- ANTONELLO, Diego Frichs. *Trauma, memórias e figurabilidade na literatura de testemunho*. Curitiba: Appris, 2020.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do Mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BELÉM, Euler de França. Biografia mostra que depressão levou Primo Levi ao suicídio. *Jornal Opção*. 09 agosto 2014. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/biografia-mostra-que-depressao-levou-primo-levi-ao-suicidio-12125>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história: edição crítica*. Organização e tradução de Márcio Seligmann-Silva e Aldaberto Muller. São Paulo: Alameda, 2020.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. v. 2.
- CANGI, Adrián. Imagens do horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 139-170.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Dez mitos sobre os judeus*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- CYTRYNOWICZ; Roney. O silêncio do Sobrevivente: diário e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 123-138.
- COSTA, Karyne Pimenta de Moura. *O imaginário da animalidade na poesia de Hilda Hilst: palavra e criação entre pássaros, cães, tigres e cavalos*. 2019. 202 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- DONOSO, José Pedro; TANNÚS, Alberto; GUIMARÃES, Francisco; FREITAS, Thiago Corrêa de. A física do violino. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 30, n. 2, 2305-01-2305-21, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/C3nWHMpYS6gZpmBmvF9BFcw/?lang=p>. Acesso em: 13 dez. 2022.

DICIONÁRIO Dict.com. Trauma. Disponível em: <https://www.dict.com/grego-portugues/%CF%84%CF%81%CE%B1%CF%8D%CE%BC%CE%B1>. Acesso em: 28 maio 2022.

DICIONÁRIO de Símbolos. Significados dos símbolos e simbologias. s/d. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/relogio-simbologias-possibilidades-tatuagem/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

FERNANDES DE SÁ, Bibiana Gutierrez. Corpo-arma e corpo-alvo: apontamentos sobre a corporeidade do Holocausto. *Contemporanea*, n. 9, p. 74-91, 2007. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_09/contemporanea_n9_74_bsa.pdf. Acesso em: 08 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014a.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014b.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 9-17.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

ISRAEL, Shalom. *Será o violino uma invenção dos judeus?* 23 ago. 2009. Blog. Disponível em: <http://shalom-israel-shalom.blogspot.com/2009/08/sera-o-violino-uma-invencao-dos-judeus.html>. Acesso em: 13 dez. 2022.

LERNER, Sílvia Rosa Nossek. *Liberdade de escolher como morrer: resistência armada de judeus no Holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2015.

LERNER, Sílvia Rosa Nossek; BORGES, Sônia. A arte produzida durante o Holocausto. *Webmosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 4, n. 1, p. 86-99, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/31824>. Acesso em: 20 maio 2022.

LEVI, Primo. *Se não agora, quando?* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LEVI, Primo. *A chave estrela*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEVI, Primo. *O ofício alheio*: com o ensaio de Italo Calvino. Tradução de Silva Massimini Felix. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LEVI, Primo. *Mil sóis*: poemas escolhidos. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

MAURO, Claudia Fernanda de Campos. O Mito de Ulisses em *Se questo é un uomo*. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 37-49, jan.-jun. 2012. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/5129>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MOULIN, Nilson. Orelha do Livro. In: LEVI, Primo. *Se não agora, quando?* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. n.p.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura*: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003a. p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura*: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003b. p. 371-386.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura*: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003c. p. 59-88.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A memória da história: levante do gueto de Varsóvia e o testemunho de Zvi Kolitz. In: SLAVUTZKY, Abrão et al (Coord.). *O dever da memória*: o levante do gueto de Varsóvia. Porto Alegre: AGE/Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003d. p. 111-132.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Notas. *In*: BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Organização e tradução de Márcio Seligmann-Silva e Aldaberto Muller. São Paulo: Alameda, 2020.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do extremo*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2017.